



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
CURSO DE MESTRADO ACADÊMICO EM HISTÓRIA**



UALISSON PEREIRA FREITAS

**DEPOIS DA FRONTEIRA: REVOLUÇÃO, EXÍLIO E LIBERDADE NOS ESCRITOS
DO INTELLECTUAL CUBANO REINALDO ARENAS (1980-1990)**

Uberlândia - MG
2024

UALISSON PEREIRA FREITAS

**DEPOIS DA FRONTEIRA: REVOLUÇÃO, EXÍLIO E LIBERDADE NOS ESCRITOS
DO INTELLECTUAL CUBANO REINALDO ARENAS (1980-1990)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre de Sá Avelar

Banca examinadora

Prof. Dr. Alexandre de Sá Avelar (Orientador) - (UFU)

Prof.^a Dra. Adriane Aparecida Vidal Costa (UFMG)

Prof. Dr. Lainister de Oliveira (UFU)

Uberlândia-MG, 22 de janeiro de 2024

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

F866 2024	<p>Freitas, Ualisson Pereira, 1997- Depois da fronteira [recurso eletrônico] : Revolução, exílio e liberdade nos escritos do intelectual cubano Reinaldo Arenas / Ualisson Pereira Freitas. - 2024.</p> <p>Orientador: Alexandre de Sá Avelar. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em História. Modo de acesso: Internet. Disponível em: http://doi.org/10.14393/ufu.di.2023.653 Inclui bibliografia. Inclui ilustrações.</p> <p>1. História. I. Avelar, Alexandre de Sá, 1975-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós- graduação em História. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU: 930</p>
--------------	--

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074


UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em História

Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1H, Sala 1H50 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902

Telefone: (34) 3239-4395 - www.ppghis.inhis.ufu.br - ppghis@inhis.ufu.br


ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	História				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico, 9, PPGHI				
Data:	Vinte e dois de janeiro de dois mil e vinte e quatro	Hora de início:	08:30	Hora de encerramento:	11:00
Matrícula do Discente:	12212HIS016				
Nome do Discente:	Ualisson Pereira Freitas				
Título do Trabalho:	Depois da fronteira: Revolução, exílio e liberdade nos escritos do intelectual cubano Reinaldo Arenas (1980 - 1990)				
Área de concentração:	História, Cultura e Poder				
Linha de pesquisa:	Linguagens, Identidades e Subjetividades				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Do ostracismo ao boom: a biografia na historiografia brasileira contemporânea (1990-2020). Elementos para a uma construção teórica				

Reuniu-se de forma remota através da plataforma de webconferências Mconf RNP, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em História, assim composta: Professores doutores: [Adriane Aparecida Vidal Costa /UFMG](#); [Lainister de Oliveira Esteves /UFU](#); [Alexandre de Sá Avelar](#) orientador do candidato.

Iniciando os trabalhos o presidente da mesa, Dr. Alexandre de Sá Avelar, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato, agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir o candidato. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o candidato:

[Aprovado.](#)

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de [Mestre](#).

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Alexandre de Sá Avelar, Membro de Comissão**, em 22/01/2024, às 11:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Lainister de Oliveira Esteves, Professor(a) do Magistério Superior**, em 22/01/2024, às 11:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Adriane Aparecida Vidal Costa, Usuário Externo**, em 22/01/2024, às 11:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5059812** e o código CRC **C33A5740**.

Aos que viveram ou vivem nas fronteiras, sejam
elas físicas ou metafóricas.

AGRADECIMENTOS

Não são raros os trabalhos de pós-graduação que utilizam do espaço destinado aos agradecimentos para fazer menção ao quão solitária é a trajetória da pesquisa. Trata-se de uma queixa genuína, eu acredito, haja vista os incalculáveis momentos de dedicação, desde as dezenas de artigos explorados até as inúmeras horas de escrita. Dias dispensados em função de um único parágrafo fazem parte da vida de um pesquisador, noites devotadas a pensar o objeto de estudo, também. Não seria exagero afirmar que, durante meses, fontes, documentos e conceitos são nossas companhias mais recorrentes. Contudo, é nesse mesmo espaço preenchido com certa melancolia que se nota, quase sempre, um ponto de inflexão: surgem as pessoas, as partilhas e os carinhos. E ainda bem que surgem! Vê-los impressos em letras, signos, símbolos é reconfortante, antes para o historiador/escritor – que na experimentação literária os revivencia, ainda que com outras cores – e depois para o leitor – que talvez sem conhecer o escritor já desejava ao autor algo a mais que a solidão, um pouco de calor na frieza de suas sentenças. Digo que são reconfortantes, os três – pessoas, partilhas e carinhos –, porque são presentes, isto é, recebidos como fenômeno e oferecidos como representação. É a estes, que se fizeram presentes – e que agora apresento para que estejam ao alcance de outros como sinto que estão ao meu –, que, inicialmente, agradeço.

Ao prof. Dr. Alexandre de Sá Avelar, pela zelosa orientação, mas, sobretudo, pelas valiosas indicações bibliográficas, repletas de frescor estético em adição a instrução. Por iluminar a teoria com a poesia de Pessoa e Borges, meu autêntico reconhecimento.

À prof.^a Dra. Ana Flávia Cernic Ramos, por ter aceitado o convite para a banca de qualificação, bem como, pela dedicação ao programa de pós-graduação e a cada um de seus discentes. Deixo aqui anunciado que sua inteligência e comprometimento me inspiram.

À prof.^a Dra. Adriane Aparecida Vidal Costa, por ter se disposto, mais uma vez, a arguir meu trabalho, oferecendo suas férteis provocações. É sempre um desafio – e igualmente uma satisfação – repensar a América Latina a partir de suas produções.

Ao prof. Dr. Lainister de Oliveira, pelas proveitosas observações a respeito do fazer literário e, não menos importante, pela comunicação livre e prazerosa.

Agradeço igualmente aos docentes Mônica Brincalpe Campo, Maria Elizabeth, Gilberto César, Adalberto Paranhos, Cleber Vinícius, Amon Santos Pinho e Rodrigo de Freitas, pelos acurados apontamentos para o desenvolvimento da pesquisa, bem como, aos colegas de linha, Bruno Taumaturgo, Barbara Falleiros, Eduardo Antônio e Amanda Gomes, por me

permitirem conhecer outros recortes temáticos, temporais e conceituais, conservando assim os fundamentos da ciência, isto é, uma prática calcada na troca de saberes e avaliação por pares.

Ademais, nesse núcleo de pessoas imprescindíveis à realização desse trabalho, merecem créditos os servidores, técnicos e secretários da Universidade Federal de Uberlândia, assim como, os colaboradores da CAPES, responsáveis pela concessão e manutenção da bolsa de mestrado. Composto essas instituições – que atuam como bens públicos a serviço do Brasil –, não só têm contribuído para o desenvolvimento de um ensino de qualidade, mas oferecido incentivos para a formação e expansão do conhecimento.

Como defesa de que os universitários dispõem de uma vida social – hipótese que pode ser refutada a qualquer instante –, apresento também os afetos extra-acadêmicos. Para aqueles com os quais nesse percurso de dois anos pouco me encontrei, atesto, desde já, que se fizeram presentes de outras formas, isto é, pelos atravessamentos que constituem as relações humanas e pelos sentimentos que, mesmo à distância, continuam a provocar. São, assim como os demais, igualmente responsáveis por muitas das minhas ações/reações (inclusive historiográficas). É a essas pessoas oblíquas, cujos estímulos voluntários ou involuntários ainda me movimentam e cujos nomes próprios me parecem uma grande ode à subjetividade, que, agora, agradeço:

Aos artistas e amigos Miguel Ângelo, Eras Eduardo Gondim e Raquel Encinas, por presentificarem, como já disse Manoel de Barros, “o infinito nos vazios e o amor nos despropósitos”. Saibam que guardo com carinho as histórias vividas, contadas e recontadas, portanto, reinventadas, quase sempre na mesma direção: do épico ao trágico, do trágico ao cômico.

À Vitória Soares, Rislene Custódio e Jordi Faria, por serem exatamente como são: não tão “*outros*” quanto os outros. Obrigado por, em tantos anos e tantas transformações, me permitirem sentir que existem pessoas mais próximas do que distantes de mim! São, de muitas formas, a minha manutenção do “*eu*”.

A Gustavo de Souza Rubbi, meu estimado companheiro, por dividir comigo todas as jornadas, por não deixar de celebrar as datas comemorativas e por ser um pedaço de cuidado diante de tantos desajustes. Obrigado, por todos os risos e gentilezas na esfera dos sentidos, por toda felicidade na sutil dimensão dos sonhos!

A Giliard da Silva Prado – agora menos orientador do que amigo, como gosta de distinguir – e à Angela Aparecida Teles, por serem equilibristas engenhosos da cortesia e da forte opinião, da ousadia e do método. Ressalto que habitam, permanentemente, o meu imaginário, suscitando não apenas imagens do que fui, mas do quero ser.

À minha irmã, Camilla Hellen, cujo carinho – muito maior do que já vi em qualquer outro – se manifestou em cada visita, mensagem e ligação, bem como, aos meus avós, Raimunda Pereira e Lázaro Américo (in memoriam), pelos cuidados de toda uma vida.

Não poderia deixar de agradecer, também às minhas tias, professoras, Rúbia Cristina e Núbia Viviane, por todos os incentivos. Percebo que as matrículas no ensino regular; a inscrição no conservatório municipal; as infindáveis cópias e impressões; a renúncia aos cordéis datados de 1940, que tanto me inspiram – na minha versão herdados e na de tia Rúbia surrupiados de sua prateleira –, são apenas algumas de suas ações realizadas com o intuito de oferecer aos “*seus*” aquilo que, diante de uma realidade desigual, não puderam sequer ansiar.

A todos vocês, que não só me motivam nos encargos da existência e da ciência, mas me encorajam a enfrentá-los com amor, meu mais sincero, obrigado!

[...] É através da poesia que damos nome às ideias que – antes do poema – não tem nome nem forma; que estão para nascer, mas já são sentidas. Essa destilação da experiência da qual brota a verdadeira poesia faz nascer o pensamento, tal como o sonho faz nascer o conceito, tal como a sensação faz nascer a ideia, tal como o conhecimento faz nascer a compreensão.

Audre Lorde

(LORDE, Audre. *Irmã outsider*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.)

RESUMO

O anúncio de abertura do Porto de Mariel, realizado pelos dirigentes da Revolução Cubana em 20 de abril de 1980, significou para muitos dos dissidentes políticos do país a possibilidade de um recomeço. Naquele ano, entre os meses de abril e setembro, cerca de 125.000 cidadãos da ilha caribenha partiram de Havana em direção ao porto de Cayo Hueso, refugiando-se majoritariamente em Miami, Estados Unidos da América. Expatriados e habitando uma nação cuja língua, economia e cultura diferiam de sua terra natal, passaram a vivenciar novos conflitos. Por meio da análise da obra romanesca *El portero* (1987) do escritor cubano Reinaldo Arenas, bem como, dos relatos autobiográficos e epistolares redigidos pelo intelectual, investiga-se a sua experiência exílica entre os anos 1980 e 1990. A abordagem, que se vale de conceitos como *representação* e *testemunho*, explora as formas pelas quais o literato – valendo-se do processo de desterro dos *marielitos* – construiu imagens da Revolução e do cenário político no *novo mundo*, projetando-se na cena cultural e inserindo-se nas redes de debate intelectual latino-americanas operantes na segunda metade do século XX. Para além de uma memória gestada, evidencia-se, em suas construções narrativas e estéticas, o engajamento, a aporia e os signos subjacentes.

Palavras-chave: Reinaldo Arenas; Revolução Cubana; memória; literatura; exílio.

ABSTRACT

The opening of the port of Mariel, announced by the revolutionaries on April 20, 1980, meant the possibility of a new beginning for many political dissidents. As a result, between April and September, 125,000 citizens left the Caribbean Island of Cuba and headed for the port of Cayo Hueso to seek refuge in the United States of America. Living in a country whose language, economy, and culture were different from those of their homeland, they began to experience new conflicts. Through the analysis of the novel *El portero* (1987) and the autobiographical and epistolary testimonies of the Cuban intellectual Reinaldo Arenas, his exile experience is examined. The approach, based on the concepts of *representation* and *testimony*, explores the way the writer – using the exile process of the *marielitos* – constructed images of the Revolution and the political scenario in America. We investigated how the writer inserted himself in the networks of intellectual debate in Latin America in the second half of the 20th century. In addition to a constructed memory, the engagement, the aporias and the underlying signs are analyzed in their narrative and aesthetic constructions.

Keywords: Reinaldo Arenas; Cuban Revolution; memory; literature; exile.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Comparação da população do condado de Miami-Dade por raça e etnia.....	39
Figura 2: Fragmento de lei pública – Reforma e Controle da Imigração de 1986.	45
Figura 3: Anúncio de marcha diante da O.N.U veiculado na Revista Mariel.....	47
Figura 4: Cartão de angariação de fundos em apoio a Save Our Children em 1977.	48
Figura 5: Manifestação popular em Cuba durante o Êxodo de Mariel.	97
Figura 6: Marielitos ocupando todo o espaço da embarcação Michael James.....	98
Figura 7: Charge representando marielitos e Jimmy Carter.....	99
Figura 8: Membros da Ku Klux Klan empunhando cartazes de aversão aos marielitos.....	100
Figura 9: Flórida representada como paraíso perdido.	101

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CANF – Fundação Nacional Cubano-Americana

CDI – Internacional Democrata Cristã

CDR – Comitês de defesa da Revolução

CENESEX – Centro Nacional Cubano de Educação Sexual

EMA – El mundo alucinante

FMC – Federação de Mulheres Cubanas

INS – Serviço de imigração e naturalização

IRCA – Lei de Reforma e Controle da Imigração

LGBTQIAPN+ – Lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queer, intersexuais, assexuais, pansexuais, não-binários (demais orientações políticas, sexuais e de gênero)

ONU – Organização das Nações Unidas

SMO – Serviço Militar Obrigatório

UMAP – Unidades Militares de Ajuda à produção

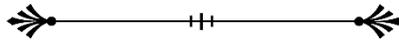
UNEAC – União Nacional de Escritores e Artistas de Cuba

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

Introdução	16
Capítulo 1 - Vidas em hiato, escritas veementes: impressões e expressões da intelectualidade cubana no exílio	34
1.1 - De refugiado a cidadão hostil: a suposta ameaça do estrangeiro à segurança nacional e à coesão cultural	38
1.2 - Redes de sociabilidade entre vidas dissidentes: engajamento e aporia nos projetos literários da Geração Mariel.....	51
1.3 - Narrativa e poder ou o poder de narrar: ficcionalização, experimentação e metalinguagem nos escritos de Reinaldo Arenas.....	63
Capítulo 2 - A obra areniana entre o ético e o estético: um projeto de reconstrução da identidade marielita	74
2.1 - Modernidade, exílio e fragmentação identitária: a valorização do ser marginal em meio à tetrificação do “Eu”	77
2.2 - Marcas adentro, barbáries afora: o erigir da condição mariel ante a ruína do progresso civilizatório	87
2.3 - O avesso do homem novo: o corpo e a moral revisitados em meio à carnavalização do sagrado	94
Capítulo 3 - Entre mitos e distopias, ensejos no Novo Mundo: a América Latina e o ideal de liberdade no cronótopo de El portero	106
3.1 - O fado moderno e o fardo capital: sublevações distópicas nas páginas de um romance	108
3.2 - Sonhos tangíveis na América Latina: as fronteiras literárias entre Macondo e McOndo	112
3.3 - Cartografias de um lar metamórfico ou como evitar o moderno abissal.....	115
Considerações finais	119
Documentos	121
Referência bibliográfica	122

Introdução



Em 4 de maio de 1980, Reinaldo Arenas entrava na embarcação *San Lázaro*, ancorada no *Porto de Mariel*. O romancista experienciava um processo de expatriação de, aproximadamente, 125.000 cubanos que deixavam o país em busca de melhores condições de vida.¹ Enquanto residentes da ilha caribenha, esses cidadãos tiveram de lidar, não só com as dificuldades econômicas impostas pelo *embargo comercial total*², mas com uma intensa crise política e moral, avultada sobretudo nos últimos anos da década de 1960 e primeira metade da década de 1970. Em função do desenvolvimento do ideal de *homem novo*³, que delimitava um perfil social a ser atingido pela população cubana, vários desses sujeitos foram excluídos da luta nacionalista e anti-imperialista, do partido comunista, das universidades, dos cargos públicos e instituições culturais. Outros tantos foram perseguidos sob justificativas preconceituosas e presos em campos de trabalho forçado.⁴ Se nos anos seguintes ao êxito revolucionário uma parcela da população teria abandonado o território por aversão ao sistema instituído, a acentuada evasão de 1980 apresentava outras configurações. O rompimento definitivo com o projeto revolucionário partia não dos aliados aos ideais burgueses, mas, sobretudo, daqueles que há cerca de duas décadas haviam defendido a consolidação do novo regime.

¹ MARQUES, Rickley Leandro. *A condição Mariel: memórias subterrâneas da experiência revolucionária cubana (1959-1990)*. 276 f. Tese (Doutorado em História). UNB, Brasília, 2009, p. 141-142. Disponível em: <https://www.repositorio.unb.br/bitstream/10482/4253/1/2009_RickleyLeandroMarques.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2022.

² Em fevereiro de 1962 – por meio da Proclamação 3447 –, John F. Kennedy implementa o “Embargo on all trade with Cuba”. Proibiu-se, a partir de então, a importação estadunidense de todo e qualquer produto cubano. Instituiu-se, ainda, o fim das relações comerciais com os países que mantivessem trocas com a ilha caribenha. Ver em: AYERBE, Luís Fernando. A política externa dos Estados Unidos e a trajetória do desenvolvimento cubano. *Perspectivas: Revista de Ciências Sociais*, v. 20/21, 1997/1998, p. 204. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/108127>>. Acesso em: 30 abril 2021.

³ O ideal de *homem novo* foi difundido em Cuba ainda na década de 1960 e estava ligado a um sistema de incentivos morais por meio dos quais se desenvolveria uma consciência comunista. Acreditava-se que para construir uma sociedade diferente da estabelecida era preciso criar um padrão ideológico de homem distinto, livre dos vícios capitalistas, da ganância material e empenhado no trabalho coletivo. Contudo, na sociedade cubana essa ideologia arraigou-se a valores preconceituosos, concebendo uma parcela da população (homossexuais, hippies, religiosos etc.) como desviados burgueses. Ver mais em: MISKULIN, Sílvia Cezar. O ministro Che Guevara e a gestão econômica e empresarial em Cuba. *Novos Rumos*, São Paulo, n. 45, p. 48, 2006. Disponível em: <<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/novosrumos/article/view/2126>>. Acesso em: 24 jan. 2021.

⁴ O trabalho forçado, direcionado a indivíduos cujas práticas eram consideradas insuficientemente revolucionárias, operacionalizou-se a partir das UMAPs (Unidades militares de ajuda à produção), que existiram em Cuba entre 1965 e 1968. Inicialmente, tinham um viés de fortalecimento do trabalho comunitário. Ver em: MISKULIN, Sílvia Cezar. História, literatura e homossexualidade em Cuba: o caso de Virgílio Piñera. In: COSTA, Adriane Vidal e BARBO, Daniel. *História, literatura e homossexualidade*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013, p. 142.

Para aqueles que ficavam, outros quadros cognitivos iluminavam o empreendimento da Revolução. Os ganhos referentes a educação, que possibilitaram a superação de uma taxa de analfabetismo que atingia 23,6% da população, ofereciam concretude ao sonho revolucionário.⁵ A participação feminina em âmbitos econômicos, políticos e culturais projetada pela Federação de Mulheres Cubanas, criada em 23 de agosto de 1960, ajudava a delinear os avanços conquistados.⁶ Os benefícios alcançados na área da saúde pública, entre eles a considerável redução da taxa de mortalidade infantil e a elevação da expectativa de vida, materializavam o esforço da luta conjunta.⁷ O Assalto ao Quartel Moncada, o Movimento 26 de Julho, a Luta Insurrecional, a derrota estadunidense na Baía dos Porcos eram, não apenas lembrados, mas celebrados, e constantemente revisitados como triunfos sobre os vícios de um sistema burguês decadente.⁸ Diferente dos dissidentes políticos, esses cidadãos ainda visualizavam no projeto revolucionário o caminho para a liberdade plena.

Imagina-se, por conseguinte, uma pintura com poucos matizes. No primeiro plano, um povo prostrado às margens do atlântico, olhar ressentido, placas na mão, quase se ouvem os gritos chamando de traidores àqueles que deixavam a ilha. No horizonte longínquo pequenas embarcações, precárias e sobrecarregadas, amontoam-se antes de desaparecer. Não é possível observar as expressões faciais dos que partiram, mas se o fosse, não seria difícil identificar que sentiam-se, eles, traídos também. Muito menos simples e dual que essa construção imagética são as experiências desses indivíduos que, apesar de terem sido alocados ou como revolucionários ou como dissidentes, não se caracterizam, necessariamente, por uma unidade de ideias e comportamentos.⁹ É devido a esse potencial em explorar caminhos oblíquos – quiçá

⁵ RODRIGUEZ, Justo Alberto Chávez. A educação em Cuba entre 1959 e 2010. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 25, n. 72, p. 45, Ago. 2011. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142011000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 mar. 2020.

⁶ SERRANO LORENZO, Yanesy de la Caridad. La Federación de Mujeres Cubanas y su labor con las familias. *Trab. soc.*, Bogotá, v. 20, n. 2, p. 59-60, 2018. Disponível em: < http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2256-54932018000200055&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 23 mar. 2020.

⁷ AYERBE, Luís Fernando. A política externa dos Estados Unidos..., op. cit., p. 208.

⁸ PRADO, Giliard S. *A construção da memória da Revolução Cubana: a legitimação do poder nas tribunas políticas e nos tribunais revolucionários*. Curitiba: Appris, 2018.

⁹ A aparente coalizção entre a noção de que um grupo se organiza enquanto força social unificada e a de que este grupo é composto por certa heterogeneidade de pensamentos pode ser parcialmente resolvida por meio da definição de sujeito sociológico de Stuart Hall. De acordo com o teórico, o indivíduo não se constitui por uma autonomia e autossuficiência intrínseca a ele, ao contrário, se constrói a partir das interações “entre o eu e a sociedade”, por vezes, apropriando-se das referências externas e, por vezes, negando-se a aceitar os valores alheios. A instituição do sujeito e a composição de um grupo identitário pressupõe, portanto, a alteridade. Ver mais em: HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. Ed. 11. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p. 11-13.

compor novas nuances ao quadro – que o presente trabalho propõe a análise das *experiências*¹⁰ exílicas do escritor cubano Reinaldo Arenas.

Nascido em 16 de julho de 1943, na província de Holguín, o escritor fez parte de uma geração que viu a ilha caribenha sofrer profundas transformações. Presenciou não só o golpe militar empreendido por Fulgêncio Batista Zaldivar em 10 março de 1952, como também o surgimento da Luta Insurrecional, inaugurada pelos rebeldes em 26 de julho de 1953.¹¹ Em meio às forças em curso, ainda na adolescência, afeiçoa-se aos insurgentes, passando a compor no ano de 1958 o grupo que lutava contra a ditadura. Na década de 1960, já sob o triunfo revolucionário, usufrui das políticas emergentes, formando-se e construindo carreira em instituições incentivadas financeiramente pelo governo castrista, a saber, o curso de Contabilidade Agrícola em *La pantoja* e a *União Nacional de Escritores e Artistas Cubanos* (UNEAC).¹² É só na década de 1970, com o agravamento do cerceamento às atividades culturais resultante do *I Congresso Nacional de Educação e Cultura*¹³, que o romancista se torna, efetivamente, um dissidente político. Com suas obras censuradas na ilha em função de uma escrita não apologética à Revolução, Arenas contrabandeava manuscritos para serem publicados no exterior. Perseguido pela polícia revolucionária em um processo que o condenava

¹⁰ No século XX o conceito de *experiência* foi alvo de múltiplas significações. Os calorosos debates nos quais as ideias de *testemunho* e *verdade* ganharam destaque, possibilitaram alocá-la não como um elemento alheio a narrativa, mas como uma estrutura que só ganha forma por meio da linguagem. Essa interdependência, contudo, não é objeto de consenso. Enquanto pensadores como Gadamer, Rorty e Derrida perspectivam a linguagem como um arranjo que determina a experiência, para outros, como Ankersmit, a experiência não se torna refém dos instrumentos linguísticos, ainda que seja modificada por eles. A experiência histórica seria, portanto, uma simbiose entre objetividade e subjetividade. Ao ser narrada pelo historiador, o profissional considera tanto “a forma pela qual os sujeitos de outros tempos experimentaram seu mundo” quanto os acontecimentos da atualidade, de modo que a busca culmina não em uma revelação do passado, mas em um denominador comum entre passado e presente, “uma totalidade indivisível de experiência”. Ver mais em: ANKERSMIT, Franklin R. *A escrita da História: a natureza da representação histórica*. Londrina: Eduel, 2012, p. 128.

¹¹ Fulgencio Batista Zaldivar foi um militar cubano que exerceu dois mandatos na ilha caribenha. O primeiro foi constitucional e se efetivou entre os anos de 1940 e 1944. O segundo ocorre a partir de um golpe militar e perdura de 10 de março de 1952 até 1º de janeiro de 1959, quando os rebeldes da *Luta Insurrecional* – iniciada com o Assalto ao Quartel Moncada – triunfam sobre as forças conservadoras. Ver mais em: PRADO, Giliard S. *A construção da memória da Revolução Cubana...*, op. cit., p. 41-43.

¹² Arenas trabalhou como pesquisador na Biblioteca Nacional José Martí entre 1963 e 1968, além de atuar como editor do *Instituto Cubano del Libro* entre 1967 e 1968. Enquanto funcionário da UNEAC revisou a partir de 1969 os textos publicados nas revistas *La Gaceta de Cuba* e *Unión*. Ver mais em: MISKULIN, Silvia Cezar. Outro olhar sobre a Revolução Cubana: a trajetória e obra de Reinaldo Arenas na revista *Vuelta*. *Revista brasileira do Caribe: Revista do Centro de Estudos do Caribe no Brasil*, Brasília, v. 10, n. 19, p. 198, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/rbrascaribe/article/view/2200>>. Acesso em: 24 jan. 2021.

¹³ O *I Congresso Nacional de Educação e Cultura* ocorreu em Havana, entre os dias 23 e 30 de abril de 1971. Tinha como objetivo coletar e apresentar soluções às “problemáticas de ensino em todos os níveis de formação”, definindo, assim, a política educacional da ilha. No entanto, ao construir um modelo educativo em consonância com os parâmetros revolucionários, excluiu-se do projeto os intelectuais, escritores e artistas homossexuais. Determinou-se o afastamento do grupo de seus cargos e sugeriu-se o encaminhamento do contingente a unidades especializadas no tratamento das supostas patologias. Ver em: CUBA. *Resoluções do I Congresso Nacional de Educação e Cultura*. São Paulo: Livramento, 1980, p. 29.

não apenas por seus desvios literários, mas também por desvios sexuais, vive foragido por meses, até ser preso entre 1974 e 1976 em *Castillo del Morro*. Quando liberto, passa a ver no exílio a única possibilidade de sobrevivência. Em 1980, com a abertura do Porto de Mariel, o escritor, que já havia tentado fugir da ilha diversas vezes, falsifica sua documentação e consegue embarcar. Saía de Cuba como mais um dissidente homossexual e não como um escritor cuja obra colocava em xeque a soberania revolucionária.

Já no exílio, após serem estigmatizados pela imprensa cubana como vermes, delinquentes e antissociais incorrigíveis, os *marielitos* depararam-se com uma realidade igualmente excludente.¹⁴ Em sua maioria pertencentes a classe trabalhadora, com baixo nível de escolaridade e sem documentos, foram recebidos com descontentamento pelos residentes em Miami. A elite cubana que ali vivia e que há anos teria deixado Cuba por oposição a ideologia socialista, caracterizou os sujeitos dessa nova onda migratória como indivíduos sem valores sociais e conferiram a eles o título não de exilados políticos, mas de reles deportados.¹⁵ Diante da estigmatização, artistas e escritores cubanos compuseram um projeto político-literário definidor de uma nova identidade para esse coletivo.¹⁶ Como um importante integrante desse grupo, Reinaldo Arenas construiu uma literatura que dá sentido à sua experiência de desterro, evidenciando, além de conflitos vivenciados no processo revolucionário em Cuba, os embates e relações com a nova terra. É neste contexto que se insere esta pesquisa. Por meio da análise da obra *El portero*¹⁷ e dos testemunhos autobiográficos e epistolares do autor, presentes nos livros *Antes que anoiteça*¹⁸ e *Cartas a Margarita y Jorge Camacho*¹⁹, respectivamente, propõe-se discutir como o escritor reconstruiu os problemas fundamentais da sua realidade exílica, ou ainda, como a partir de recursos narrativos e estéticos inseriu-se no debate político

¹⁴ MARQUES, Rickley Leandro. *A condição Mariel...*, op. cit., p. 167.

¹⁵ Entre o triunfo revolucionário e o *Êxodo de Mariel* houve outras ondas de migração cubana para os Estados Unidos. A primeira, de 1959 a 1962, foi chamada de *Exílio Histórico* e abarcou cerca de 248.000 cubanos, em sua maioria brancos, de camadas superiores e médias da sociedade. A segunda onda, de 1965 a 1973, se efetivou por meio dos chamados *Freedom Flights* e chegou a transportar cerca de 260.000 cubanos. Ver mais em: DUANY, Jorge. Cuban Migration. *Migration Information Source*, 2017. Disponível em: < <https://www.migrationpolicy.org/article/cuban-migration-postrevolution-exodus-ebbs-and-flows> >. Acesso em: 13 jul. 2021.

¹⁶ O grupo de intelectuais que buscou redefinir a identidade dos exilados de Mariel ficou conhecido como *Geração Mariel*. De acordo com Marques, “a *Geração Mariel* foi constituída por uma pequena parcela da juventude havaneira que não conseguiu se adaptar aos pressupostos ideológicos do homem novo cubano, seja por questões estéticas, políticas ou morais”. MARQUES, Rickley Leandro. *A condição Mariel...*, op. cit., p. 116.

¹⁷ ARENAS, Reinaldo, (1943-1990). *O porteiro*. Tradução de Silvia de Souza Costa. Rio de Janeiro: Record, 1995.

¹⁸ ARENAS, Reinaldo, (1943- 1990). *Antes que anoiteça*. Ed. 2. Rio de Janeiro: Record, 1995.

¹⁹ ARENAS, Reinaldo, (1943- 1990). *Cartas a Margarita y Jorge Camacho*. Sevilla: Point de lunettes, 2010.

vigente, utilizando da literatura enquanto instrumento de intervenção social ao abordar as disputas que envolviam a Revolução e o subsequente êxodo de Mariel.²⁰

A obra *El portero*²¹ foi o primeiro romance escrito pelo literato cuja história é ambientada em terras estadunidenses. Os textos originais, que foram redigidos em Nova Iorque entre abril de 1984 e dezembro de 1986, hoje fazem parte da coleção de manuscritos de Arenas na Universidade de Princeton, Nova Jersey. O texto ficcional conta a história de Juan, um jovem refugiado cubano que se torna porteiro em um luxuoso edifício de Manhattan e que tem como grandes características a tristeza, o deslocamento social e a insatisfação com a realidade, todos resultantes do processo de expatriação de Cuba e da impossibilidade de adaptação aos Estados Unidos. Em vez da liberdade, tão almejada, a personagem havia encontrado na nova terra a exploração do trabalho, o individualismo, a obsessão com a riqueza, o consumo desenfreado e a falta de assistência social. Essas construções do autor oferecem indícios das questões que permeavam seu cotidiano e imaginário. As alegorias dessa obra ficcional são pontos de partida para entender os escritos de Arenas enquanto estruturas dialógicas, nas quais se encontram, para além de seus recorrentes antagonismos ao governo de Fidel Castro, aspectos fundamentais da crítica em relação a uma sociedade de mercado. Sob quais signos Arenas reconstrói o exílio cubano nos Estados Unidos? De que modo o escritor gesta a memória de um passado revolucionário? Como o literato apresenta os desafios e pressões sociais aos quais estavam sujeitos os desterrados? Essas são algumas das questões levantadas a partir da obra ficcional que dizem respeito ao seu conteúdo. A análise de como Arenas as articulou – ainda que por meio de metáforas, carnavalizações, exageros – possibilita entender os modos pelos quais o escritor produziu novas angulações a respeito de um passado poliédrico, atribuindo aos marielitos outras características que não as de párias sociais.

Não obstante, a forma do romance é também elementar. Uma obra cuja história se passa nas vésperas de 1992 – marco de quinhentos da conquista da América – e que tem como motes

²⁰ Entender a literatura enquanto um instrumento de intervenção social sugere que a narrativa, além de uma função estética, é dotada de um caráter cognitivo, motivo pelo qual não se pode negar as relações entre o discurso narrativo e o mundo fenomenológico. Os símbolos que compõem o romance, as questões filosóficas que nele são ensaiadas e até os personagens mais fantásticos, convidam o leitor a escrutinar problemas sociais fundamentais, reafirmando ou subvertendo imaginários. Logo, a intervenção romanesca não consiste na capacidade de exposição de uma verdade factual, mas na possibilidade de entregar ao mundo – diante de uma história representada e, concomitantemente, “revirada do avesso” – novas chaves de acesso ao real. CHARBEL, Felipe. O historiador face a ficção. In: MEDEIROS, Bruno; BELCHIOR, Luna [et al.]. *Teoria e Historiografia: debates contemporâneos*. São Paulo: Paco Editorial, 2015, p. 16.

²¹ A ficção literária contou com três edições. A primeira foi publicada em 1987 (Barcelona, *Montesinos*) e traduzida para o francês em 1988 (Paris, *Presses de la Renaissance*). Com ela tornou-se finalista do Prêmio Médicis Internacional. A segunda edição é de 1989 (Málaga, *Dador*) e a terceira de 1990 (Miami, *Universal*). Ver em: ROMERO, Montserrat Sánchez. *Una casa erosionada: teologías de lo sensible en El portero de Reinaldo Arenas*. 2021. 165 f. Tesis (Estudios latinoamericanos). Universidad Nacional Autónoma de México, México, 2021, p. 32.

fundamentais os dilemas sociais produzidos pela convivência entre nativos e estrangeiros, bem como, as disputas construídas em torno da ideia de liberdade, não apenas elabora um tempo prospectivo, como também apresenta uma sobreposição do passado ao presente, fundindo-os de forma deliberada. Para além disso, ao dispor de elementos fantásticos – tais como, a busca do protagonista por uma porta invisível ou a personificação de animais que, na falta de humanos conscientes da exploração e clausura, tramam junto ao porteiro uma fuga coletiva –, a obra desconstrói a relação entre o real e a razão, conferindo ao sobrenatural à capacidade de interferência no social e de articulação do futuro. Tais aspectos, bastante comuns em obras do *Real maravilhoso*²² das décadas de 1960 e 1970 – que, ao elegerem como temas centrais a crítica à modernização excludente e a divergência de valores entre os cidadãos dos países “desenvolvidos” e àqueles do “subcontinente”, acabaram, muitas vezes, por fomentar a Revolução –²³, estão, a partir desse momento, a serviço de um dissidente do fenômeno revolucionário, para o qual encontrava-se em disputa, não apenas a identidade *marielita*, mas, o destino do *novo mundo*. Surgem, portanto, outras questões: o que revela a articulação temporal nos escritos de Arenas? Que noções de realidade o literato explora ao compor imagens distantes de uma ordenação lógico-racional? Que perspectivas a obra suscita no que se refere ao papel da literatura no século XX?

Além de sua ficção literária, seus testemunhos são substanciais. Durante os últimos anos de sua experiência exílica no país norte-americano, Arenas concluiu sua autobiografia. O projeto – iniciado ainda em Cuba no ano de 1974 – é retomado a partir de 1988 e produzido em um momento de introjeção da condição *marielita*.²⁴ Não por acaso, a argumentação tem um tom denunciativo, recorrendo a marginalidade e a resistência como expressões de sua vida. No

²² Segundo Bella Jozef o *Real maravilhoso*, por vezes identificado como *Realismo fantástico* ou *Realismo mágico*, pode ser definido como “forma de reação a condição alienante do homem frente ao espaço exterior”. Nesse sentido, “a literatura recusa a linguagem como forma de sustentar e reforçar certa realidade. Ao fazê-lo, põe em questão o próprio conceito de real, encarado como uma apreensão unilateral das coisas, limitadora do conhecimento”. A tendência, não só “propõe-se educar a imaginação para novos reflexos através da procura de novas imagens” como também, “realiza-se por meio da construção/desconstrução do real, negando dicotomias como verdade/ficção”. Ver mais em: JOZEF, Bella. *A máscara e o enigma*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2006, p. 196-197.

²³ O *Real maravilhoso* não pode ser desassociado do *Boom* – fenômeno editorial responsável por grande produção e circulação de obras latinas nas décadas de 1960 e 1970. Com o triunfo revolucionário e os olhares voltados para os países do subcontinente, houve uma grande procura das produções latino-americanas. Em contrapartida, muitos escritores vislumbraram nesse sucesso de público “a oportunidade de apoiar decididamente as revoluções e os projetos socialistas na América”. A Revolução e o *Boom* constituíram, portanto, fenômenos que se retroalimentavam. Ver mais em: COSTA, Adriane Aparecida Vidal. O boom da literatura latino-americana, o exílio e a Revolução Cubana. *Dimensões: Revista de História da UFES*, v. 29, 2012, p. 134-135. Disponível em: < <https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/5535/0>>. Acesso em: 17 jul. 2022.

²⁴ AZEVEDO, Tarcio Vancim de. *Reinaldo Arenas e Heberto Padilla: memórias dissidentes à Revolução Cubana no caso do Socialismo Soviético*. 200 f, 2014, p. 31. Dissertação (Mestrado em História) – UNESP, Franca, 2014. Disponível em: < <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/121964> >. Acesso em: 19 fev. 2021.

exílio, Arenas também enviou 122 cartas a Margarita e Jorge Camacho, das quais 115 estão disponíveis.²⁵ Apresentados a Arenas no ano de 1967 por ocasião da exposição artística do Salão de Maio, ocorrido em Havana, Margarita e Jorge Camacho – que residiam na França e viriam a ser grandes amigos do romancista – tornaram-se de imediato os destinatários de suas epístolas.²⁶ Publicadas no ano de 2010, essas cartas evidenciam Arenas em meio as dificuldades de locomoção entre países devido a condição de refugiado, suas necessidades financeiras e a impossibilidade de regularização de seus documentos nos Estados Unidos.²⁷ Tanto quanto a autobiografia, as epístolas apresentam relatos fundamentais para a compreensão de seu processo de desterro, tornando-se um ótimo instrumento para analisar a articulação da memória de Arenas no campo dos conflitos. Tendo caracterizado Cuba, ora como uma “jaula sinistra”²⁸, ora como lugar digno de “toda a nostalgia do mundo”²⁹ e os Estados Unidos como um lócus onde a vida “já não é uma esfera impossível”³⁰, mas que consiste em um ambiente asfíxiante onde “não há solidão nem há companhia”³¹, Arenas oferece representações contraditórias sobre o processo exílico, podendo ser acionado não apenas como um dissidente ressentido com a Revolução Cubana, mas como um sujeito cuja experiência não se conforma com os dispositivos de controle e o biopoder moderno.³² Adjacentes ao romance de Arenas, caracterizado preliminarmente como um amálgama de suas vivências e imaginação, os testemunhos do escritor ajudam a dar corpo às suas verdades simbólicas e aos ideais através dos quais ele reorganiza o passado.

²⁵ Sete cartas são omitidas na publicação. Segundo Margarita e Jorge Camacho apresentavam um conteúdo idêntico às cartas de 20 de maio de 1980, 23 de maio de 1980 e 20 de junho de 1980. ARENAS, Reinaldo, (1943- 1990). *Cartas a Margarita y Jorge Camacho...*, op. cit., p. 95.

²⁶ Jorge Camacho foi um pintor cubano, nascido em Havana no dia 5 de janeiro de 1934. Com repercussão internacional, suas coleções surrealistas – nas palavras do artista “inspiradas pelo mundo dos sonhos e pelo maravilhoso” – estão espalhadas por museus em Nova Iorque, Espanha e França. Mudou-se para Paris no final da década de 1950, onde estabeleceu moradia com sua esposa, Margarita Camacho. Conheceu Arenas ao expor seus quadros em Cuba no ano de 1967. Ver: ARENAS, Reinaldo, (1943- 1990). *Cartas a Margarita y Jorge Camacho...*, op. cit., p. 14-15.

²⁷ As cartas anteriores ao exílio, de 1967 a 1980, já foram objeto de pesquisas anteriores. Ver: RIBAS, Jorge Luiz T. Cartas da Revolução Cubana: Reinaldo Arenas antes do exílio Mariel. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, n. 24, p. 219–252, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.46752/anphlac.24.2018.2950>>. Acesso em: 12 jul. 2022.

²⁸ ARENAS, Reinaldo. *Cartas a Margarita y Jorge Camacho...*, op. cit., p. 138.

²⁹ *Ibidem*, p. 106.

³⁰ *Ibidem*, p. 106.

³¹ *Ibidem*, p. 104.

³² *Biopolítica* é um conceito foucaultiano utilizado para referenciar a transformação das formas de poder, sobretudo, a partir do final do século XVIII. Nesse momento a disciplinarização individual é substituída pela governança de um todo, mediante mecanismos globais. As vidas passam a ser administradas de modo a se obter estados de equilíbrio e de regularidade. Assim, os comportamentos e as formas de existência são submetidos à dispositivos de controle, visando uma normalização coletiva. Ver mais em: FOUCAULT, Michel. Aula de 17 de março de 1976. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 293-294.

Ainda que os estudos acerca da vida e obra de Arenas encontrem maior ressonância na área das Letras, há produções historiográficas com as quais pode-se estabelecer diálogo.³³ As pesquisas de Jorge Luiz Teixeira Ribas apontam as formas encontradas pelo literato cubano para expressar sua autonomia crítica e defender a liberdade sexual diante do autoritarismo. Por meio de cartas enviadas pelo escritor até 1980 e de sua ficção *El mundo Alucinante*³⁴, Ribas problematiza a relação entre Revolução e homossexualidade. Ao propor a análise das epístolas enviadas por Arenas entre os anos 1980 e 1990 – período que compreende seu desterro nos EUA – e da obra *El portero*, a presente pesquisa oferece sequência a esse trabalho. A experiência e significações do escritor continuam sendo objetos de estudo, mas são abordadas a partir de escritos posteriores a sua vivência revolucionária. A mudança de enfoque, que propõe oferecer espaço às suas construções sobre o Êxodo de Mariel, permitem ainda explorar seus escritos sob outros aspectos, isto é, enquanto expressões voltadas a consolidar ideias acerca da Revolução à luz do exílio.

Outro trabalho com o qual é possível estabelecer conexões é o de Tarcio Vancim de Azevedo.³⁵ Entendendo a autobiografia de Arenas e a obra *La Mala Memoria* de Heberto Padilla como manifestos pela redemocratização cubana, Azevedo – ainda que demonstre a predisposição de Arenas em se apresentar como um outsider e opte por não defini-lo como um sujeito de direita – constrói uma argumentação que alinha as críticas do dissidente de Holguín a uma postura liberal, principalmente no que diz respeito a rejeição da propriedade estatal e da política econômica da ilha. Este trabalho propõe uma problematização dessa leitura. Por mais que Arenas seja reconhecido por sua inabalável oposição ao governo de Fidel Castro e sua obra apresente o sistema socialista sob o signo da repressão, seus escritos literários e epistolares também não se caracterizam pelo endosso ao capitalismo, ao liberalismo ou aos Estados Unidos. Nesse sentido, suas críticas ao sistema revolucionário ou ao sistema de mercado são aqui entendidas como manifestações que apresentam os limites dos discursos de absoluta superação das injustiças sociais e de plena concessão de liberdade individual, tal qual eram projetados pelos dirigentes das nações em que residiu. Optou-se aqui também por não alocar o

³³ Há dois trabalhos significativos que utilizam a obra *El portero*. Um pertence ao campo das Letras e o outro dos Estudos latino-americanos. Ver: ROMERO, Montserrat Sánchez. *Una casa erosionada...*, op. cit.; FONSECA PORRES, Ángela Margarita. *Características de la narrativa latinoamericana del Posboom en la novela El portero de Reinaldo Arenas*, Guatemala, Universidad San Carlos de Guatemala, 2006.

³⁴ RIBAS, Jorge Luiz Teixeira. *Reinaldo Arenas: revolução, nação e homossexualidade em Cuba (1959-1980)*. 2018. 187 f. Dissertação (Mestrado em História) – UNIMONTES, Montes Claros, 2018. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7562030>. Acesso em: 29 abr. 2021.

³⁵ AZEVEDO, Tarcio Vancim de. *Reinaldo Arenas e Heberto Padilla...*, op. cit.

escritor dentro de um espectro político fechado, mas por abordar seus testemunhos e memórias em suas contrariedades, bastante comuns àqueles que, como exilados, levam uma “vida fora da ordem habitual [...], descentrada, contrapontística”³⁶, marcada pelo desenraizamento de seu universo de referências.³⁷

Bruna Alves Carvalho Mendes, por sua vez, analisa em *Antes que anoiteça* a figura de Arenas como um constructo do autor para a posteridade. Sua argumentação evidencia que o escritor reproduz discursivamente os eventos vivenciados em Cuba e nos Estados Unidos, alocando-se sob o signo da rebeldia. Ao expor as estratégias utilizadas pelo literato para denunciar as situações pelas quais passou, a autora privilegia o estudo de uma vida cindida pelas repressões à sexualidade e à intelectualidade.³⁸ Sem a intenção de negar a violência, efetivamente sofrida pelo romancista diante do encarceramento, da censura e do desterro, esta pesquisa direciona-se a uma outra abordagem. Ao mobilizar os escritos testemunhais e ficcionais de Arenas, visa-se explorar, para além das denúncias à Revolução, suas múltiplas reconstruções discursivas acerca da ilha e do fenômeno revolucionário, suas ações e reações políticas e literárias.

As questões aqui levantadas inserem-se ainda em uma rede historiográfica que, apesar de não ter a obra de Arenas como objeto de estudo fundamental, tem optado por tratar do universo dos intelectuais em seus aspectos culturais e políticos, buscando melhor compreender as subjetividades, memórias e os projetos literários daqueles que construíram discursivamente a Revolução Cubana e seus desdobramentos.³⁹

³⁶ SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 60.

³⁷ Para Rollemberg a história do exílio é a “história do choque cultural renovado [...], da desorientação e da crise de valores. É a história do esforço inglório para manter a identidade, mas também de sua redefinição e reconstrução”. ROLLEMBERG, Denise. Exílio: refazendo identidades. *História Oral*, v. 2, p.40, 1999. Disponível em: <<https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/9>>. Acesso em: 29 jun. 2022.

³⁸ MENDES, Bruna Alves Carvalho. Grito, logo existo: Reinaldo Arenas, o rebelde (1943-1990) / Bruna Alves Carvalho Mendes. - 2019. 105 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/10371>>. Acesso em: 22 jun. 2022.

³⁹ Apresentar Arenas não só como escritor, mas como um intelectual, requer uma elucidação acerca dessa acepção. Historicamente, a noção de intelectualidade esteve ligada à atuação na “esfera política, à atividade cívica e à crítica aos poderes instituídos”, de modo que o conceito só se firmou no século XIX – momento em que a distribuição de jornais e revistas de ampla circulação propiciaram condições materiais de organização da cultura. Com o surgimento da capacidade de “atuar de forma organizada”, o sociólogo Karl Mannheim identificava a função do intelectual como uma prática de mediação cultural, empenhada na síntese de ideias de grupos conflitantes. As críticas sobre essa concepção, estabelecidas sobretudo no século XX por Gramsci, evidenciaram, para além da síntese, os interesses que motivavam a ação dos sujeitos. A intelectualidade de Arenas é entendida nessa dupla dimensão, entre o mediador cultural e o sujeito engajado. Sobre o balanço acerca da intelectualidade, ver: VIEIRA, Carlos Eduardo. Intelligentsia e intelectuais: sentidos, conceitos e possibilidades para a história intelectual. *Revista brasileira de História da Educação*, n° 16, jan./abr. 2008. p. 74-79. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38588>>. Acesso em: 20 ago. 2020. Sobre a conciliação entre as categorias “mediação cultural” e “engajamento” ver: SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Tradução de Dora Rocha. Ed. 2. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 234.

A tese de doutorado intitulada *A condição Mariel* de Rickley Leandro Marques chama atenção ao abordar a luta por reconhecimento social empreendida pelos integrantes da Geração Mariel. Ao apresentar os cubanos exilados nos Estados Unidos como *Estabelecidos* e *Outsiders*, o historiador ressalta as diferenciações entre aqueles que se alocaram na comunidade estadunidense há várias gerações e aqueles que teriam chegado ao território na década de 1980.⁴⁰ Ao demonstrar como um dos marielitos se valeu dessa disputa para construir imagens não estáticas da Revolução, é possível explorar a tese do autor de que parte da oposição ao governo cubano constituiu-se, não por aversão ao socialismo, mas pela recusa em aceitar determinados valores morais tradicionais perpetuados pelos dirigentes.

A historiadora Caroline Maria Ferreira Drummond analisa a *Revista de Literatura y Arte Mariel*, fundada em 1983 por escritores cubanos exilados nos Estados Unidos. Evidenciando os relatos dos expatriados como denúncias contra a violência revolucionária, demonstra que o projeto editorial, composto também por intelectuais homossexuais, tinha um caráter oposicionista, anticomunista, antitotalitário e defensor da democracia e das liberdades individuais.⁴¹ Sendo Reinaldo Arenas um dos fundadores da revista e tendo ele feito parte do conselho de direção e de edição desse projeto político e cultural, é possível interrogar se as características identificadas no periódico estendem-se a obra *El portero*, escrita em concomitância e igualmente centrada na identidade dos marielitos.

A historiadora Adriane Vidal Costa também oferece contribuições a história da intelectualidade ao analisar o engajamento de escritores não cubanos que se posicionaram politicamente sobre o socialismo. Investigando a participação de Julio Cortázar, Mario Vargas Llosa e Gabriel García Márquez em debates referentes à Revolução Cubana, Costa apresenta a formação de uma rede intelectual latino-americana de esquerda em torno de Cuba e seu impacto no campo literário entre as décadas de 1960 e 1990.⁴² Ainda que Arenas tenha rompido relações com grande parte dos escritores e estabelecido diálogo com os interlocutores mais críticos ao processo revolucionário, é possível alocar o intelectual dentro dessas redes de sociabilidade.

Delimitados já os documentos utilizados e os autores que, empenhados no estudo da obra de Arenas ou da intelectualidade latino-americana, possibilitam a essa pesquisa uma

⁴⁰ MARQUES, Rickley Leandro. *A condição Mariel...*, op. cit.

⁴¹ DRUMMOND, Caroline Maria Ferreira. *Exílio, literatura, intelectuais e política em "Mariel - Revista de Literatura y Arte" (1983-1985)*. 2018. 203 f. Dissertação (Mestrado em História) – UFMG, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: < <http://hdl.handle.net/1843/BUOS-B9BHNZ>>. Acesso em: 1 maio 2021.

⁴² COSTA, Adriane Aparecida Vidal. *Intelectuais, política e literatura na América Latina: o debate sobre a revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa (1958-2005)*. 2009. 413 f. Tese (Doutorado em História) – UFMG, 2009. Disponível em: < https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/VCSA-9NBHUX/1/tese_adriane_vidal.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2021.

interlocução historiográfica, evidencia-se agora o arcabouço teórico-metodológico a partir do qual se realiza a investigação.

Tendo como objeto de estudo um romance, essa pesquisa se ampara nas discussões que espreitam as múltiplas fronteiras entre Literatura e História: formas de conhecimento distintas, mas que dispõem de características compartilhadas, sobretudo no que diz respeito à necessidade de uma composição narrativa – permeada por artifícios linguísticos inerentes à esfera do discurso.⁴³ Tanto para o historiador quanto para o literato “o trabalho de escrita é uma experiência de referência ao real e, simultaneamente, de distanciamento em relação a ele”⁴⁴. Implícito no trabalho do historiador – que, mais do que descobrir o passado, apropria-se de uma reminiscência –⁴⁵ está a certeza de um conhecimento de natureza provisória, que implica não em um limite do ofício, mas em sua capacidade de renovação. Implícito no trabalho do literato – que geralmente não apresenta um compromisso com séries documentais ou provas – há a construção de imagens verbais que, se não pretendem capturar à realidade, tampouco estão alheias a ela.⁴⁶ São nessas fronteiras, tipificadas mais pelas conexões e vínculos do que por uma demarcação que isolaria Literatura e História e apartaria sem clemência Mnemosine e Clio, que a obra *El portero* pode ser investigada, não como um veículo imediato da realidade, visto que “a ficção suspende, desvia, ou mesmo segrega as exigências de veracidade em relação ao mundo da experiência ordinária”⁴⁷, mas como uma manifestação simbólica.

⁴³ Segundo Hayden White, como artefatos verbais – e apenas nessa dimensão –, história e romance são indistinguíveis. Nesse sentido, historiadores e ficcionistas, ao comporem um discurso e submeterem-se a um padrão de coerência lógica ou estética, recorrem às mesmas formas. O autor evidencia, assim, que tanto quanto a razão, a imaginação é um componente essencial em qualquer representação adequada da verdade. WHITE, Hayden. *As ficções da representação factual*. In: WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: EDUSP, 1994, p. 138.

⁴⁴ PINTO, Júlio Pimentel. Do fingimento à imaginação moral: diálogos entre história e literatura. *Tempo*. 2020, v. 26, p. 27. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/TEM-1980-542X2019v260102>>. Acesso em: 12 ago. 2022.

⁴⁵ De acordo com Walter Benjamin, na escrita da história não apreendemos o passado como de fato foi, mas capturamos suas imagens, que – tal como um flash –, se apresentam no exato momento em que estão prestes a desaparecer. Observa-se nessa acepção uma abordagem historiográfica que valoriza não o passado, mas a sua presença no “agora”, evidenciando as semelhanças que transgridem o tempo. Mais do que reunir acontecimentos, processos e provas, o historiador tem como função, a partir da retórica, utilizá-los para contingenciar o tempo em metáforas. BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. Ed. 3. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 224.

⁴⁶ De acordo com Gallagher a ficção só foi descoberta enquanto modalidade discursiva quando os leitores conseguiram distingui-la não só da realidade, mas, sobretudo, da mentira. A autora afirma que até meados do século XVIII as narrações críveis em prosa eram lidas socialmente como relatos reais. Quando as obras apresentavam personagens e histórias verossimilantes que não encontravam referentes reais, seus escritores eram acusados de falseamento. É no século XIX que os indivíduos imaginários passam a habitar frequentemente o centro das histórias romanescas e que surge a categoria conceitual de ficção como história crível, ou seja, sem referente real, porém verossímil. Passa-se a aceitar personagens tal como entendemos, como espécies, como generalização de um povo. Ver mais em: GALLAGHER, Catherine. *Ficção*. In: MORETTI, Franco. *O Romance I: a cultura do romance*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2009, p. 632-633.

⁴⁷ *Ibidem*, p. 632.

Diante do exposto, mobiliza-se o conceito de *representação*. Segundo Roger Chartier, a *representação* é o instrumento pelo qual os indivíduos, ou coletivos, constroem o mundo social. É um processo de significação intencional que corresponde a uma determinada estratégia de um agente ou grupo.⁴⁸ Ao serem definidas pela capacidade de produção de significados sobre diferentes fenômenos, as representações pressupõem um vínculo direto com os referentes externos, impossibilitando que as construções literárias possam ser situadas em campo alheio às estruturas sociais. Em contrapartida, ao serem alocadas como estratégias de grupos antagônicos, não podem ser concebidas de outra forma, se não como oposição a um conjunto de símbolos preestabelecidos, sendo, portanto, incapazes de uma reconstrução integral dos acontecimentos. Manifesta-se, assim, a partir do conceito de representação, a importância de se investigar a obra de Arenas como uma prática sociopolítica, isto é, espreitando em sua feitura as influências exercidas por fatores sociais e, concomitantemente, evidenciando os embates literários por meio dos quais a realidade é constantemente produzida.

É interessante pontuar, contudo, que as obras literárias não são detentoras de um sentido unívoco. Mais do que uma estratégia representacional – ou seja, uma ação de composição de símbolos coesos para demarcação de sentidos –, as narrativas ficcionais contemporâneas apresentam nelas mesmas uma gama de contradições. Esses símbolos “abertos”, que se chocam uns contra os outros, são um convite ao leitor, para que ele também trabalhe a realidade irresoluta. Logo, as representações não são apenas subtraídas da obra, mas construídas ativamente, na medida em que o receptor une fragmentos do próprio imaginário aos estilhaços resultantes do embate literário. Diante do exposto, nesse trabalho, o conceito de *representação* é concebido também como movimento sinestésico, que para Ankersmit consiste no processo de entrecruzamento de sentidos, a partir dos quais a obra renova-se no presente. Valoriza-se, assim, não apenas os significados construídos pelo escritor, suas pretensões e estratégias no passado, mas as fissuras que interligam o tempo do literato ao tempo do historiador/receptor.⁴⁹

⁴⁸ CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 177, 1991. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v5n11/v5n11a10.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2021.

⁴⁹ Há nessa incomum associação entre Chartier e Ankersmit um empenho em demarcar a historicidade do objeto de pesquisa sem enrijecê-lo em uma temporalidade inflexível. Se em Chartier encontramos a possibilidade de alocar nosso objeto dentro da matriz de seu próprio tempo – apresentando as contradições, ações e reações narrativo-ideológicas que permeiam determinada sociedade –, em Ankersmit encontramos a associação entre a temporalidade do objeto e a do historiador. Logo, ainda que no decorrer de uma pesquisa nos detenhamos às experiências, tempos e problemas aparentemente alheios a nós, o conhecimento resultante apresenta-se não como o revelar de uma realidade remota, mas como um encontrar de denominadores comuns entre o passado e o presente. Observe como nessa dissertação, que aborda o exílio e a Revolução Cubana, promove-se reflexões sobre a hostilidade aos estrangeiros, o preconceito aos homossexuais, o desamparo estatal e desabrigo na modernidade. A valorização da representação como sinestesia trata-se, pois, da teorização de algo que já tem sido efetivado na prática, isto é, a inserção política do Eu em uma narrativa que o omite. Ver em: ANKERSMIT, Franklin R. *A escrita da História: a natureza da representação histórica*. Londrina: Eduel, 2012, p. 245-246.

Entender a *mimesis* literária como um ato criativo e coletivo, requer, ainda, reconhecer que os extratos de tempo referenciados acima – isto é, o do literato e o do historiador –, não são os únicos a serem considerados. Uma vez que Arenas atua na sublevação da ordem por meio da inflamação de imagens arrefecidas, evidencia-se que sua escrita, marcada pela contestação estatal e subversão de diversos poderes, constitui uma constante preparação de *imaginários* alheios.⁵⁰ Desse modo, ainda que este trabalho não se dedique, diretamente, ao estudo da recepção – perspectiva analítica que desde a década de 1960 apresenta a importância de identificar os significados das imagens literárias a partir de outros sujeitos, que não o autor –⁵¹, as apropriações de *El portero* realizadas por terceiros, bem como, as intertextualidades presentes na obra, são situadas a fim de enfatizar a potência dos escritos em transfigurar princípios e reorganizar o vivido.⁵²

A autobiografia *Antes que anoiteça*, por sua vez, é analisada por meio de uma estratégia hermenêutica e concebida – a exemplo do que é exposto por Valéria de Marco e Seligmann-Silva – como *literatura de testemunho*. Nesse sentido, ela carrega uma relação entre opressor e oprimido, “expondo uma fratura irre recuperável, proveniente da zona de exclusão criada pela violência de Estado”⁵³. Se como relato autobiográfico, os escritos em *Antes que anoiteça* apresentam-se ao leitor a partir de um “pacto de leitura”⁵⁴ – isto é, como uma promessa de verdade –, como narrativa testemunhal sua definição se desloca e o relato passa a constituir uma tentativa do escritor de “se apegar a um Eu, recriado e reafirmado, tanto quanto lhe é permitido por um mundo que o puxa, se não para o extermínio, ao menos para o anonimato”⁵⁵. Logo, o escrito torna-se relevante, não porque o historiador se sujeitou à promessa de violência, mas porque essa violência está explícita na feitura, forma e materialidade da obra.

⁵⁰ Sobre o texto literário enquanto preparação do imaginário ou transgressão do literato em nome da verdade, ver: CHARBEL, Felipe. O historiador face a ficção..., op. cit., p. 30.

⁵¹ ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional, In: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da literatura em suas fontes*. Ed. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 958.

⁵² Sobre os enunciados literários como espaços de intertextualidade e tensionamento, isto é, para além da intenção, ver: LACAPRA, Dominick. Rethinking Intellectual History: Texts, Contexts, Language. *History and Theory*. v. 19, n. 3, p. 255, 1980. Disponível em: < <https://www.jstor.org/stable/2504544>>. Acesso em: 7 abr. 2023.

⁵³ MARCO, Valeria de. A literatura de testemunho e a violência de Estado. *Lua Nova*, São Paulo, n. 62, p. 51, 2004. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ln/n62/a04n62.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2021.

⁵⁴ Trata-se da promessa de correspondência entre o eu narrativo e a experiência empírica do escritor, proposta pelo redator e aceita pelo leitor. Ver em: LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes; Organização de Jovita Maria Gerheim Noronha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

⁵⁵ SELIGMANN-SILVA, Marcio. O local do testemunho. Tempo e argumento. Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 7, 2010. Disponível em: < <http://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/1894/1532> >. Acesso em: 26 jan. 2021.

Como pode ser observado, a submissão de *Antes que anoiteça* à categoria de *literatura de testemunho* não intenciona conferir ao escrito uma posição privilegiada em relação a *El portero* no que diz respeito a construção de conhecimentos sobre a sociedade. Como “obra inacabada e aberta a outras subjetividades”⁵⁶, o testemunho também é detentor de um caráter figurativo, não podendo ser alocado como um “mero exumador da veracidade”⁵⁷. Se aqui está apartado de outras literaturas é por acreditar que, ao sondar características peculiares à sua forma – na qual encontra-se intrínseca uma pretensão de verdade e uma grande recorrência à memória –, pode-se investigar com maior destreza os certames nos quais o intelectual esteve inserido. Entendidos como espaços de coerção e atuação, socavados por Arenas em meio ao campo dos conflitos, os testemunhos não só constituem pistas – na medida em que apresentam outros documentos, que podem ser localizados e contrapostos à narrativa –, mas são eles próprios uma expressão dos embates sociais existentes.

As *Cartas a Margarita y Jorge Camacho* são estudadas, ainda, considerando seu gênero epistolar. Como “escrituras a serviço do pensamento onde a subjetividade do eu toma corpo na palavra escrita”⁵⁸, oferecem testemunho de uma consciência sobre o próprio enunciador e sua realidade. Menos mediadas que outros escritos, possibilitam observar aspectos da vida privada do emissor, bem como, captar a atmosfera, o clima cultural e ideológico que sondam o remetente. Logo, entre as 115 epístolas enviadas na década de 1980, são observados tanto os obstáculos que se impõem a Arenas durante o exílio, quanto suas sensibilidades acerca do Eu e do mundo. É por reportar a conhecimentos de segmentos sociais geralmente não contemplados pela história tradicional, que esse meio de comunicação à distância – resultante de uma sólida tradição na cultura ocidental – é aqui utilizado como ferramenta de investigação.⁵⁹

Indissociáveis da noção de testemunho – gênero narrativo preponderante nas duas últimas tipologias documentais apresentadas – estão as discussões no campo da *memória*. Esse processo de lembrar, entendido por Michael Pollak como fenômeno individual e coletivo,

⁵⁶ AVELAR, Alexandre de Sá. História, tempo presente e testemunho: ainda em torno dos limites da representação. *Revista Maracanan*, Rio de Janeiro, v. 8, n.8, p.40-41, jan./dez. 2012. Disponível em: < <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/maracanan/article/view/12773>>. Acesso em: 22 ago. 2022.

⁵⁷ Segundo Avelar “a experiência e os testemunhos devem ser compreendidos através das memórias, das lacunas e esquecimentos em que incorrem a fim de se ajustar ao passado, negá-lo ou reprimi-lo”. De acordo com essa perspectiva, os testemunhos não devem ser entendidos como “estruturas cristalizadas inabordáveis, pois como discurso que são, não gozam de qualquer privilégio epistêmico que as torne impermeáveis”. *Ibidem*, p. 45-46.

⁵⁸ HINTZE, Gloria; ZANDANEL, María Antonia. Algunas nociones sobre el género epistolar a propósito de las cartas de Francisco Romero. *Cuyo*. v. 29, n. 2, p. 18, 2012. Disponível em: <<https://bdigital.uncu.edu.ar/app/navegador/?idobjeto=5585>>. Acesso em: 28 mar. 2020.

⁵⁹ DOLL CASTILLO, Darcie. La carta privada como práctica discursiva: algunos rasgos característicos. *Signos, Valparaíso*, v. 35, n. 51/52, p. 36, 2002. Disponível em: <https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-09342002005100003>. Acesso em: 23 mar. 2021.

submetido a modificações constantes, não se trata de uma simples captação do passado, mas de um “recorrer” a ele. Se algumas memórias são frequentemente reforçadas, pelas mídias, pelo Estado ou por redes dominantes, tornando determinadas leituras do passado triunfantes, outras coexistem e contrariam tais leituras. Essas memórias que habitam os espaços subalternos ou “estruturas de comunicação informais”, são transmitidas “nos quadros familiares, nas associações e nas redes de sociabilidade afetiva [...], esperando o momento exato para que passem do ‘não-dito’ à contestação”⁶⁰. Logo, se emergem como uma “redistribuição de cartas políticas”⁶¹, são passíveis de serem investigadas menos como revelação do passado do proponente e mais como uma ação dele em seu tempo presente.⁶² Uma vez que, nessas redes, estão sujeitas não apenas ao “esquecimento e a seletividade”⁶³, mas às deturpações em função dos desgastes provocados pelo tempo, as lembranças – quando não podem ser contrapostas a documentos que as contestem, substanciando o relato de violência –, são efetivas ao historiador enquanto proposições ativas. Nesse sentido, quando as memórias nos testemunhos de Arenas não encontram contraponto externo, são avaliadas a partir das aporias e contradições em que incorrem, apresentando-o não como uma vítima excluída dos espaços produtores de conhecimento, mas um fabricante de posicionamentos político-ideológicos.⁶⁴

Diante dos conceitos apresentados, evidencia-se que a metodologia adotada converge para a análise dos discursos. A partir da observação dos símbolos construídos em ficções literárias, bem como, das memórias articuladas em relatos testemunhais, empreende-se uma reflexão acerca da experiência exílica do intelectual cubano Reinaldo Arenas na década de

⁶⁰ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. RJ, v. 2, n. 3, p. 5, 1989. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278>>. Acesso em: 22 ago. 2022.

⁶¹ Idem.

⁶² Segundo Beatriz Sarlo, no relato testemunhal a narrativa atribui sentido a todos os detalhes da memória com a intenção de “persuadir o interlocutor no presente e assegurar uma posição no futuro”. Ver em: SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*/ Beatriz Sarlo. Tradução de Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007, p. 49. Disponível em: <<http://www.legh.cfih.ufsc.br/files/2015/04/SARLO-Beatriz.-Tempo-Passado.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2022.

⁶³ Sobre a dimensão seletiva da memória, ver: RICOEUR, Paul. O esquecimento e a memória manipulada. In: RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François. Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 2007, p. 455.

⁶⁴ É importante ressaltar que essa concepção teórica não nega a validade da memória, nem descredibiliza o testemunho, apenas os submete ao rigor da investigação científica, delimitando suas possibilidades de uso no ofício historiográfico. São patentes os ganhos sociais advindos do eclodir testemunhal como denúncia, entre os quais pode-se citar a efetiva justiça de transição no fim da ditadura argentina (1976-1983) e o papel das vítimas do Holocausto na queixa das atrocidades cometidas nos campos de concentração – obrigando-nos a repensar a violência não apenas na Alemanha nazista, mas nas instituições modernas como um todo. Contudo, é importante ressaltar, também, o despontar coletivo de memórias quiméricas, fabricadas a partir da dissimulação de eventos e estímulo ao ressentimento, que no campo político tem ocasionado grandes perdas, inclusive no que concerne aos Direitos Humanos. Como exemplo, pode-se citar o fenômeno das Fake News. Logo, a submissão dos relatos à crítica é fundamental ao historiador, empenhado não apenas em lembrar, mas em entender. Sobre o papel da memória e da história, ver: SARLO, Beatriz. *Tempo passado...*, op. cit., p. 19-22.

1980. Com este propósito, o trabalho está estruturado em três capítulos. No primeiro capítulo busca-se demonstrar as relações de Arenas com a nova terra, bem como, sua atuação nas redes de sociabilidade da Geração Mariel. Em um jogo de escalas, explora-se não apenas a individualidade do intelectual, isto é, os embates que se impuseram ao escritor em função de sua condição de estrangeiro, mas o diálogo estabelecido entre sua literatura e as narrativas marielistas. Em outras palavras, investiga-se tanto as formas pelas quais Arenas é afetado diante da condição exílica⁶⁵ – seu *espaço de experiência*, as construções e rupturas em seu *horizonte de expectativas*⁶⁶ –, quanto a integração de seus escritos nas dinâmicas da rede intelectual cubana estabelecida nos Estados Unidos na década de 1980. São centrais nessa seção as noções de intelectualidade, engajamento e aporia.

No segundo capítulo, a obra *El portero* recebe maior destaque. Direcionado à investigação da construção da identidade Marielita, o capítulo apresenta a hipótese de que, na literatura ficcional do escritor, a tentativa de apagamento dos estigmas sob os quais viviam os integrantes do êxodo, adquiriu configurações distintas daquelas apresentadas em sua literatura testemunhal ou, ainda, no projeto coletivo dos marielistas. Sustenta-se a argumentação de que, nos escritos ficcionais de Arenas, a reconstrução identitária desses sujeitos fundamentou-se não apenas no reforço dos sentimento de pertencimento do grupo pelo compartilhamento de experiências comuns, mas também por um movimento de afirmação de fronteiras socioculturais, por meio do qual o intelectual reconstituiu as disputas em torno de questões nacionais, étnico-raciais, de classe e de gênero, vivenciadas tanto em Cuba quanto nos Estados Unidos. Os leitores interessados em ficcionalidade, intertextualidade, recepção e estética devem conferir maior atenção a essa seção.

No terceiro capítulo, aborda-se, a partir do fantástico literário de Arenas, a construção de uma América que se choca contra uma modernidade degenerada e excludente. Demonstra-se, a partir de uma narrativa que subverte a cronologia – ao apresentar os elos não lineares entre passado, presente e futuro –, um projeto de cisão com o pensamento dicotômico e maniqueísta

⁶⁵ O exílio é aqui apresentado como condição por não se tratar, necessariamente, de uma escolha. Ainda que Arenas tenha optado por deixar Cuba, o fez devido às restrições à sua atividade intelectual e sexual. Logo, a concepção de exílio aqui defendida abdica da noção de autoexílio ou exílio voluntário. Em consonância com as ideias de Said, evidencia-se que a adoção da expressão condição exílica enfatiza a natureza-política do ato de viver fora da nação à qual se pertence, isto é, apresenta o exílio como “alternativa às instituições de massa que dominam a vida moderna”. SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio...*, op. cit., p. 57.

⁶⁶ Como conceitos adequadas para lidar com o tempo histórico, o *espaço de experiência* e o *horizonte de expectativa* são definidos por Koselleck como o passado atual – onde os acontecimentos incorporados podem ser lembrados – e o futuro presente – que se volta ao não experimentado. Ver mais em: KOSELLECK, Reinhart. “Espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”. In: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2006, p. 308.

que rege o pensamento ocidental desde os projetos iluministas do século XVIII. Diante disso, observamos, em detrimento da tradicional noção de socialismo utópico, um capitalismo que emerge sob o signo da instabilidade e do virtual.

A motivação para a realização desse trabalho está no intento de melhor compreender a Revolução e o exílio cubano, as implicações e subjacências desses fenômenos. De acordo com Mario Sznajder e Luis Roniger, o banimento ganhou grande visibilidade a partir do século XX, quando se tornou massivo em função do aumento das lógicas de exclusão política. Tendo sido internalizado, também, pela cultura latino-americana, é utilizado como tecnologia de poder e como mecanismo de exclusão institucional.⁶⁷ Considera-se, portanto, que analisar o processo referente ao desterro revolucionário é importante para entender a própria modernidade, na qual “imensos agregados de humanidade permanecem como refugiados ou como pessoas deslocadas”⁶⁸.

Said evidencia, ainda, que o exílio real ou físico, pressupõe a existência de um exílio anterior ou metafórico, evidenciando que nas delimitações não naturais que chamamos de “nação” – reivindicada como “nossa” pelo apego ao que nos é familiar – convivem tanto povos consonantes, isto é, “aqueles que crescem nela sem um sentimento esmagador de discordância ou incongruência”⁶⁹, quanto os dissonantes, caracterizados como “indivíduos em conflito com sua sociedade e, em consequência disso, inconformados e exilados no que se refere aos privilégios, ao poder e às honrarias”⁷⁰. Os refugiados, tratam-se, portanto, não apenas dos sujeitos que em outra nação são invalidados – por sua maneira de dizer, pelos gestos e por aquilo que esses gestos ocultam, ou seja, uma maneira de pensar e de sentir –⁷¹, mas por um processo de separação desestruturador que se inicia no próprio país de origem. Nesse sentido, o trabalho com o exílio revolucionário tem, também, como razão, o trato das alteridades. Observar os processos que envolvem os dissidentes, os revolucionários cubanos e os estadunidenses, implica abrir espaços para repensar os vínculos entre os Estados contemporâneos e as múltiplas identidades que compõem seus territórios.

⁶⁷ JENSEN, Silvina. Sobre La política del destierro y el exilio en América Latina de Mario Sznajder y Luis Roniger. Hacia un enfoque sociopolítico y macrohistórico del problema. *Historia, Voces y Memoria*, p. 15, 2015. Disponível em: <<http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/HVM/article/view/1660>>. Acesso em: 19 maio 2021.

⁶⁸ SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio...*, op. cit., p. 50.

⁶⁹ SAID, Edward. *Representações do intelectual: as Conferências Reith*. SP: Companhia das Letras, 2005, p. 60.

⁷⁰ *Ibidem*, p. 60.

⁷¹ Segundo Rollemberg, várias são as implicações exílicas, objetivas e subjetivas. Entre elas, pode-se citar, o processo de infantilização do exilado, que quase nunca obtém domínio sobre a nova língua, e ainda perde o controle sobre a língua anterior, bem como, as dificuldades de sobrevivência devido a desestruturação material, falta de documentos e de vínculo empregatício. ROLLEMBERG, Denise. *Exílio: refazendo identidades...*, op. cit., p. 45.

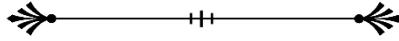
Ao abordar uma vida marcada pela transposição de múltiplas fronteiras⁷² – da sexualidade, irrompida pela subversão dos decretos sociais que determinam uma coerência entre o desejo e o gênero⁷³; da identidade, fragmentada entre o fascínio revolucionário e o fado da dissidência; da territorialidade, imposta pela condição exílica –, essa pesquisa visa, ainda, contribuir com um campo de debates que abarca a intelectualidade, a memória, e os efeitos da Revolução Cubana sobre o cenário político e cultural na América por intermédio de perspectivas não oficiais. Analisar os escritos de Arenas para além do martírio e situar sua obra como ambiente de fermentação de discussões caras as redes intelectuais de sua época, pressupõe retirá-lo do lugar de vítima da Revolução e apresentá-lo como um de seus significativos interlocutores.

⁷² *Fronteira* é entendida aqui nos termos de Jacques Leenhardt, isto é, “menos como uma linha do que um espaço”. Trata-se, portanto, de um lugar de trocas, contatos e interceptações, onde o Eu e Outro convergem e divergem, simultaneamente. Ainda que o título desta dissertação, ao referir-se a uma fronteira física/territorial entre Cuba e os EUA, apresente o advérbio “depois”, sugerindo um atravessar cabal, evidencia-se que a adoção do termo “fronteira” enquanto “espaço” é necessária para designar os embates no campo da subjetividade, evitando, assim, explicações maniqueístas da sociedade e dos fenômenos que a compõem. LEENHARDT, Jacques. *Fronteiras, fronteiras culturais e globalização*. Tradução de Sandra Jatahy Pesavento. In: MARTINS, Maria Helena. *Fronteiras culturais–Brasil, Uruguai, Argentina*. Cotia, São Paulo: Ateliê editorial, 2002, p. 30.

⁷³ Segundo Butler, o gênero é culturalmente construído e a homossexualidade se institucionaliza no interior de um sistema binário oposicional. Essa concepção limitante de gênero que vigora na sociedade moderna “não só pressupõe uma relação causal entre sexo, gênero e desejo, mas sugere igualmente que o desejo reflete ou exprime o gênero, e que o gênero reflete ou exprime o desejo”. Ver mais em: BUTLER, Judith. *Identidade, sexo e metafísica da substância*. In: BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 45.

Capítulo 1

Vidas em hiato, escritas veementes: impressões e expressões da intelectualidade cubana no exílio



*Deixei de existir desde que cheguei no exílio; a partir de então, comecei a fugir de mim mesmo.*⁷⁴

Reinaldo Arenas

Havana, 5 de abril de 1980. Reinaldo Arenas despedia-se de Lázaro Gómez Carriles. O amigo, a quem anos mais tarde o intelectual dedicaria a obra *El portero*, partia rumo a Embaixada do Peru com o objetivo de pedir asilo político. Há apenas quatro dias os portões do edifício haviam sido derrubados. Seis cidadãos tomaram um ônibus e atiraram-se contra a faixa intencionados de esquivar-se da guarda cubana e solicitar proteção. Com a súplica dos invasores atendida, os dirigentes revolucionários buscaram coagir o corpo administrativo peruano a recuar. Tencionando a entrega dos invasores às autoridades, os aliados do governo de Fidel Castro recolheram, no dia 4 de abril, todos os soldados que faziam a proteção do local. Não esperavam que em apenas dois dias sem a guarda oficial mais de 10.000 pessoas, entre as quais encontrava-se Lázaro, também pediriam abrigo. Buscando conter as centenas de dissidentes, que ao marcharem rumo a embaixada corroboravam com uma imagem de esfacelamento do regime revolucionário, foram obrigados a retomar a guarda quarenta e oito horas depois.⁷⁵ Inicia-se, assim – com uma ação civil –, o fenômeno responsável pelo refúgio de, aproximadamente, 125.000 cubanos.

A saída de Arenas pelo Estreito da Flórida ocorreu cerca de um mês depois, no dia 4 de maio de 1980. Nesse instante, como mostra Marques, as configurações políticas já haviam sofrido grandes mudanças. Jimmy Carter, que à época ocupava a cadeira da presidência dos Estados Unidos e que nos anos predecessores havia esboçado uma política de reaproximação com Cuba – firmando junto a Fidel Castro a supressão dos voos de espionagem, a revogação da proibição de viagens de norte-americanos ao arquipélago e a instituição de escritórios de interesse em ambos os países –, anunciou que receberia, à revelia do posicionamento oficial cubano, 3.500 dos refugiados da embaixada. Não sem os ganhos da aprovação pública no contexto da Guerra Fria, Carter fez da operação uma apologia aos atributos de seu país,

⁷⁴ ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça...*, op. cit., p. 323.

⁷⁵ MARQUES, Rickley Leandro. *A condição Mariel...*, op. cit., p. 145-148.

reafirmando no imaginário popular a terra estadunidense como espaço de liberdade e proteção. Os efeitos, contudo, foram adversos. Após uma frota de quarenta e duas embarcações organizadas pelo combatente anticastrista Napoleón Vilaboa dirigir-se de Key West rumo à Havana, Fidel Castro autorizou a saída não apenas dos cidadãos que pediram asilo na Embaixada do Peru, mas de todos aqueles que quisessem abandonar a nação. O ato não só conferiu aos revolucionários uma imagem de tolerância diante das organizações estatais que de perto acompanhavam o conflito, como obrigou os Estados Unidos, diante de uma grande cobertura midiática e uma legislação favorável, a acolher um contingente de pessoas 36 vezes maior do que propusera inicialmente.⁷⁶ Foi a partir desse engenho, construído pelos civis, encabeçado pelos dirigentes das nações e arbitrado pela comunidade internacional, que Arenas pode deixar Cuba em menos de duas semanas após a abertura do Porto de Mariel – ocorrida em 22 de abril de 1980.

Apesar da aparente complacência governamental, a expatriação dos invasores da Embaixada do Peru e dos dissidentes que se apresentaram ao Estado no momento subsequente não pode ser caracterizada como branda. Assim que a crise de Mariel irrompeu, periódicos cubanos com grande alcance como *Granma* e *Bohemia*, bem como, os discursos dos dirigentes revolucionários, passaram a conferir aos dissidentes títulos como parasitas, delinquentes, traidores e antissociais incorrigíveis. Charges os representavam como ratos e vermes enquanto protestos favoráveis ao governo revolucionário tomavam as ruas da capital.⁷⁷ Empunhando placas com os dizeres “vão os que vivem de nosso suor” e “abaixo a escória”, os manifestantes se contrapunham não apenas aos que solicitaram a saída de Cuba, mas àqueles que de acordo com os preceitos do *homem novo cubano*⁷⁸ foram considerados indignos da Revolução. Ao mesmo tempo que o governo inibia a saída de dissidentes políticos, artistas e intelectuais – isto é, aqueles que poderiam de alguma forma dismantelar a reputação revolucionária –, os homossexuais, prostitutas, pessoas com deficiência cognitiva e ex-prisioneiros foram entusiasmados a deixar o arquipélago.⁷⁹ Ocorria na prática um processo de higienização da sociedade cubana. Arraigados a valores preconceituosos disseminados por todo o ocidente, os revolucionários elegeram um grupo interno como inimigo do sistema e reforçaram a coesão social expurgando-lhes como representantes dos vícios burgueses.

⁷⁶ Ibidem, p. 148-150.

⁷⁷ Charge de Jimmy Carter e marielitos, veiculada na revista *Bohemia*, ver *Capítulo II*, p. 99.

⁷⁸ Sobre o ideal de *homem novo* em Cuba, ver *Capítulo II*, p. 94

⁷⁹ MARQUES, Rickley Leandro. *A condição Mariel...*, op. cit., p. 159.

Eventualmente, foi por meio dessa facilitação estatal à concessão de salvo-conduto aos cidadãos marginalizados que Arenas conseguiu lugar em uma das centenas de embarcações lotadas e aportadas em Mariel. Tendo sua obra *El mundo alucinante*⁸⁰ sido censurada pela UNEAC no final da década de 1960 e os manuscritos de seu romance *Otra vez el mar*⁸¹ retidos por Aurélio Cortés poucos meses antes de sua prisão em *Castillo del Morro* em 1974, o escritor declarou que sua identidade intelectual constituía um empecilho para o almejado escape. Não se adequando aos parâmetros do *realismo socialista*⁸², sua escrita – considerada pelo Estado cubano uma prática nociva aos ideais revolucionários –, consistia em mais um impedimento de sua fuga. A alternativa encontrada por Arenas foi apresentar-se as autoridades como homossexual, indicando em seu registro uma notificação comprobatória de que já havia sido preso por perturbação da ordem pública. Após ser questionado sobre a posição sexual que exercia e obrigado a caminhar sob olhares de psicólogos, Arenas pôde preencher os documentos necessários para sua futura partida. Segundo os testemunhos do escritor sua “saída do país fora tratada a nível de bairro, de delegacia de polícia”⁸³, onde os agentes nada sabiam a respeito de literatura ou de suas publicações clandestinas no exterior. Obteve seu salvo-conduto à revelia da Segurança de Estado e dos Comitês de Defesa da Revolução (CDR)⁸⁴. Ao embarcar, receoso

⁸⁰ A obra *El mundo alucinante* recebeu menção honrosa no concurso cubano *Cirilo Villaverde*. Teve dois capítulos publicados entre novembro de 1966 e agosto de 1967, em *La gaceta cubana* e na *Casa de las Américas*. Após ser censurada na ilha em 1968, é publicada integralmente na França e no México, em 1969. O enredo ficcionaliza a vida de José Servando Teresa de Mier – importante frei dominicano, cassado pela Santa Inquisição por defender publicamente os interesses independentistas mexicanos contra a dominação espanhola. Em EMA, a alegoria de Servando, não apenas explora ideias de liberdade sexual como sugere a necessidade de uma crítica constante direcionada a antigos e novos poderes. Ver mais em: RIBAS, Jorge Luiz T. *Reinaldo Arenas...*, op. cit., p.173.

⁸¹ *Otra vez el mar* (1982) foi reescrita duas vezes. Em carta de 16 de fevereiro de 1973 é possível observar os empenhos do intelectual em reaver os manuscritos. Em 22 páginas datilografadas, o literato solicita a Aurélio Cortés que devolva as escrituras que lhe foram confiadas. Arenas roga, em nome da classe de intelectuais e de artistas “cujas autenticidades foram asfixiadas”, que ele não contribua com uma tradição de criminalização das obras. O romance, escrito em duas vozes, narra as memórias e os sonhos de um casal – uma mulher frustrada e um combatente desiludido – após o triunfo revolucionário. Ver em: ARENAS, Reinaldo. *Cartas a Margarita y Jorge Camacho...*, op. cit., p. 366-373.

⁸² O *realismo socialista* tratou-se de um movimento artístico e cultural responsável por delimitar a linguagem estética da Revolução. A partir de sua instituição, a literatura e a arte passaram a ser considerados armas revolucionárias, por meio das quais se daria a formação da juventude e da moral não burguesa. Ainda que os literatos fossem incentivados a acreditar que “o socialismo cria as condições objetivas e subjetivas para a autêntica liberdade de criação”, muitos se negaram a adotar o movimento. Sobre os parâmetros da atividade cultural, ver: CUBA. *Resoluções do I Congresso Nacional de Educação e Cultura...*, op. cit., p. 32-40.

⁸³ ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça...*, op. cit., p. 310.

⁸⁴ Os *Comitês de Defesa da Revolução* (CDR) consistem em organizações da sociedade civil voltadas para a promoção do bem-estar social e apoio à Revolução. Compostos por grande parte do povo cubano, esses comitês reúnem informações utilizadas para a efetivação das políticas de segurança do Estado, bem como, para delação de atitudes consideradas contrarrevolucionárias. As duas principais rondas responsáveis pelas internações nas UMAPs, ocorridas em novembro de 1965 e em junho de 1966, utilizaram das listas geradas pelos CDR. TAHBAZ, Joseph. *Demystifying las UMAP: the politics of sugar, gender, and religion in 1960s Cuba*. *Delaware Review of Latin American Studies*. v. 14, n. 2, p.2, 2013. Disponível em: <<https://udspace.udel.edu/handle/19716/19725>>. Acesso em: 15 maio 2021.

de que fosse identificado como contrarrevolucionário pelas listas do governo, tomou ainda o cuidado de rasurar a documentação apresentada.

Há cerca de nove anos o intelectual aludia a esse momento exílico como uma aspiração. Em carta emblematicamente metafórica redigida em 31 de dezembro de 1971, Reinaldo Arenas fazia menção a existência de um pássaro maravilhoso, cujos “ninhos largos, macios e profundos” não permitiam a chegada da luz exterior. Ainda na mesma epístola, sob o recurso da retórica, questionava: “Pois sabe o que faz esse pássaro? Caça *cucuyos*⁸⁵, os faz prisioneiros entre os fios do ninho, lhes busca comida e os têm ali, servindo-se deles como se fossem lâmpadas fluorescentes”.⁸⁶ Ao ser apresentada sob a alegoria de um ninho inalcançado, Cuba foi simbolizada como uma estrutura que protege os cubanos, mas que, em contrapartida, os prende, negando-lhes a saída. Para o cucuyo (o cubano), alimentado e explorado pelo pássaro maravilhoso (o revolucionário), sua bioluminescência tratava-se do próprio brilho da dissidência e o seu sonho, era, sem dúvida, a luz do exílio.

A partir de 1980 essas representações do intelectual acerca do exílio sofreriam profundas oscilações, adquirindo conotações outras. Enquanto as primeiras cartas enviadas no desterro apresentam os Estados Unidos como uma terra promissora, “um convite infinito”⁸⁷ ou um lugar de liberdade onde é possível desfrutar de benefícios como uma certa “paz para escrever”⁸⁸, suas cartas posteriores demonstram uma inflexão em sua narrativa. Miami e Nova York, cidades nas quais Arenas estabelece moradia, passam a ser expostas como lugares “horríveis e desumanizados”⁸⁹ ou “solitários e cruéis”⁹⁰. Em carta de 1990 o intelectual afirma, ainda, estar quase seguro de que a obra “*El color del verano* não passaria pela censura da burguesia, que se intitula liberal desde que não os critiquem”⁹¹. Logo, as conotações de alienação, censura e de asfixia existencial, inicialmente atribuídas à Cuba ao ser representada como um “ninho inalcançado” ou como uma “jaula sinistra”, são progressivamente estendidas aos Estados Unidos. Os estigmas de prisão, emudecimento e inospitalidade, conferidos à sua

⁸⁵ Cucuyo ou cucubano é um besouro de espécie bioluminescente identificado cientificamente como *Pyrophorus luminosus*. Ver em: Collins Dictionary.

⁸⁶ Receoso de que suas epístolas fossem interceptadas pelo Estado, o intelectual comunicava-se por meio de códigos. Chegou a cunhar a expressão *El libro de las flores* que identificava possibilidades de fuga e solicitações de ajuda por parte dos destinatários. A responsável por apresentar a Margarita e Jorge Camacho o significado da expressão foi Olga Neschein – amiga do escritor com nacionalidade francesa responsável por contrabandear várias de suas obras para o exterior. Ver: ARENAS, Reinaldo. *Cartas a Margarita y Jorge...*, op. cit., p. 58.

⁸⁷ *Ibidem*, p. 106.

⁸⁸ *Ibidem*, p. 109.

⁸⁹ *Ibidem*, p. 214.

⁹⁰ *Ibidem*, p. 241.

⁹¹ *Ibidem*, p. 309.

terra natal, alargam-se ao país norte americano, antes representado sob o signo da liberdade. O exílio materializava-se, desde já, não como luz, mas como um processo de separação destruturador, tanto de suas subjetividades, quanto de outras questões elementares, como a venda de suas obras e sua condição de subsistência.

1.1 - De refugiado a cidadão hostil: a suposta ameaça do estrangeiro à segurança nacional e à coesão cultural

*No exílio não temos um país que nos represente; vivemos por permissão especial, sempre correndo o risco de rejeição. Em vez de um país, temos um antipáis.*⁹²

Reinaldo Arenas

De acordo com Cecília Azevedo, a identidade nacional norte-americana é firmada sob o mito da excepcionalidade, que aloca a imigração como elemento essencial no erigir da nação. A ocupação do território estadunidense – puro, santificado, à espera do povo eleito – efetuada desde o século XVII não simboliza nos moldes de uma matriz puritana a conquista ou a dominação do Outro, mas um simples desbravar, “uma profecia a se cumprir no Oeste e no Futuro”. Segundo essa perspectiva, se a América era o que havia para ser percorrido, americano era aquele que, vindo de outra terra, se aventurava a percorrê-la. Não por acaso, firmou-se no vocabulário coletivo – em detrimento do termo *Border*, que designa uma linha limítrofe – a expressão *Frontier*, isto é, uma ideia de fronteira associada à transgressão, à liberdade e à possibilidade de construção de utopias.⁹³

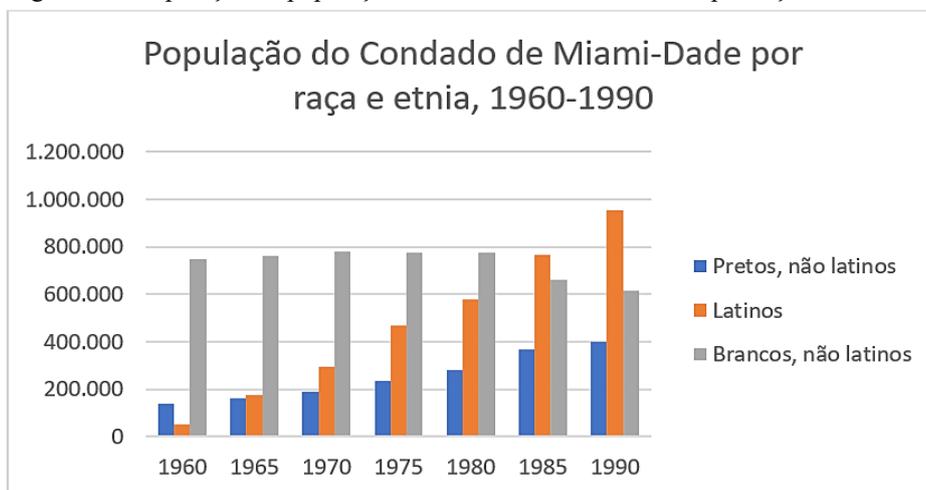
Cenário muito diferente encontraram aqueles cubanos que séculos mais tarde chegaram ao território estadunidense. O grande contingente populacional que navegava rumo aos Estados Unidos foi percebido pela nação, não como um povo que desbravava uma nova terra, mas como uma invasão bárbara. Por mais que representassem um ganho – haja vista que no contexto da Guerra Fria as disputas por áreas de influência entre o país norte-americano e a União Soviética ocorriam, sobretudo, nos campos do imaginário –, os marielitos foram vistos por muitos estadunidenses como um povo indesejado. Tratava-se da negação de uma identidade ibérica por aqueles que reivindicavam uma identidade anglo-saxã, da não aceitação dos atrasados pelos avançados, da negação do terceiro mundo pelo primeiro mundo.

⁹² ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça...*, op. cit., p. 332.

⁹³ AZEVEDO, Cecília. Imigração e identidade nacional nos EUA: notas sobre um debate. *Dimensões*, n. 19, Vitória (ES), NPIH/Ufes, p. 79, 2007. Disponível em: < <https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2458>>. Acesso em: 06 set. 2022.

Antes mesmo dos marielitos essas questões de ordem discriminadora já estavam postas. Cerca de 7% entre os cubanos que chegaram aos Estados Unidos já na década de 1960 se declaravam negros. Essa parcela da população lidava com as hostilidades provenientes não apenas dos nativos estadunidenses, mas de seus conterrâneos exilados, que constituíam, predominantemente, uma camada de homens brancos de meia idade, com curso superior e posição financeira estável ou elevada. Muitos dos cidadãos cubanos que compunham o grupo minoritário relataram a impossibilidade de alugar moradia em regiões ocupadas por sua comunidade. Outros, que se dirigiram para fora de Hialeah ou Little Havana, experienciaram discriminações semelhantes, mas oriundas dos estadunidenses.⁹⁴ Passaram a viver segregados em localidades cuja vizinhança era predominantemente negra, como Overtown. Estavam sujeitos a uma hierarquia – artificialmente construída pelas relações de poder – não apenas racial, que desprestigiava o negro diante do branco, mas também étnica, que pressupunha a inferioridade do latino diante do estadunidense. A virada demográfica na região de Miami-Dade – condado onde se encontra a maior concentração de cubanos nos Estados Unidos, chegando a abarcar cerca de setecentos e oitenta e nove mil dos imigrantes em 2018 –⁹⁵ evidencia as disputas étnicas e raciais crescentes e pode ser vista no quadro a seguir.⁹⁶

Figura 1: Comparação da população do condado de Miami-Dade por raça e etnia.



Fonte: Metro-Dade Planning Department

⁹⁴ BENSON, Devyn; CLEALAND, Danielle. Re-Narrating Mariel: black cubans, racial exclusion, and building community in Miami. *Anthurium*, v. 17, n. 2, p. 6, 2021. Disponível em: <<https://anthurium.miami.edu/articles/10.33596/anth.462/>>. Acesso em: 16 set. 2022.

⁹⁵ DUANY, Jorge. Cuban Migration..., op. cit.

⁹⁶ As estimativas demográficas utilizadas no gráfico podem ser verificadas na retrospectiva populacional preparada pelo *The Metropolitan Center - Florida International University*. MIAMI. *The Status of the Black Community in Miami-Dade County*. Universidade Internacional da Flórida, 2006. Disponível em: <<https://www.miamidade.gov/economicadvocacytrust/library/thirty-year-retrospective-report.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2022.

As estimativas populacionais apresentadas demonstram que a quantidade de brancos não latinos manteve-se regular entre 1960 e 1980. O mesmo não ocorreu com a população latina, que cresceu expressivamente, suplantando em 1985 o contingente até então preponderante. A chegada dos marielitos acirrou os embates travados. Se entre aqueles que saíram de Cuba em 1960 apenas 7% consideravam-se negros, a aferição de não brancos entre os dissidentes de Mariel na década de 1980 chegava a 20%. Os marielitos compunham, ainda, uma camada de homens jovens, trabalhadores, com pouco estudo; recortes identitários bastantes distintos dos representantes do *Exílio histórico*.⁹⁷

Diante deste cenário, os marielitos sofreram novas manifestações opositoras, que se sobrepuseram àquelas de Havana. Jornais como o *Miami Herald* os culpabilizavam, habitualmente, pela criminalidade, violência e desemprego.⁹⁸ Capas como a da revista norte-americana *Time*, que veiculou em 23 de novembro de 1981 uma ilustração da Flórida atrás da manchete “Paraíso Perdido?”, aprofundavam a segregação.⁹⁹ Em protestos, cartazes apresentados pelos estabelecidos com os dizeres “Reagan, te apoiamos em tudo” evidenciavam uma tentativa de apagar qualquer equivalência entre eles e os conterrâneos marielitas.¹⁰⁰ Placas empunhadas pela Ku Klux Klan com os dizeres “gostamos de cubanos se estiverem em Cuba” demonstram, ainda, a radicalização de pensamentos reacionários e extremistas de superioridade racial que tiveram de enfrentar. Tudo isso conferiu aos marielitos uma tripla estigmatização, isto é, pelos revolucionários, pelos estadunidenses e pelos exilados cubanos predecessores, impossibilitando, muitas vezes, não apenas a moradia, mas a concessão de vínculos empregatícios.

Arenas não estava alheio a essa conjuntura inamistosa. Apesar de a atuação no campo da literatura ter oferecido uma garantia mínima de renda – impossibilitada a muitos marielitos

⁹⁷ Os termos “marielitos” e “exílio histórico” são elucidativos quanto as diferenças identitárias de ambos os grupos de cubanos. *Marielito*, no diminutivo, era a forma como eram chamados, pejorativamente, os que compuseram o Êxodo de Mariel. Posteriormente, os representantes deste grupo reivindicaram e ressignificaram o termo. *Exílio Histórico* trata-se de uma nomenclatura produzida pelos próprios cubanos estabelecidos nas décadas anteriores a 1980 como forma de se diferenciarem dos novos exilados. DUANY, Jorge. *Cuban Migration...*, op. cit.

⁹⁸ MARQUES, Rickley Leandro. *A condição Mariel...*, op. cit., p. 179.

⁹⁹ A manchete, que fazia referência ao aumento da criminalidade na região metropolitana de Miami e a relacionava ao manejo de drogas por colombianos e cubanos, reafirmava no imaginário a figura do estrangeiro como bárbaro, não civilizado. O Estado era isento de qualquer responsabilidade com relação a violência que se expandia, sem ser cobrado pelas difíceis condições de subsistência e a falta de oportunidades de trabalho. Capa da revista *Time*, ver *Capítulo II*, p. 101.

¹⁰⁰ Ronald Reagan assume a presidência dos Estados Unidos em 1981, tendo destituído o democrata Jimmy Carter em novembro de 1980 – apenas dois meses após o episódio de Mariel. Os republicanos foram eleitos a partir de uma evidente negação das políticas anteriores. Ironizando Carter pela falta de controle das fronteiras, Reagan governa com uma política voltada para um viés conservador e fortemente anticomunista. Ver mais em: MARQUES, Rickley Leandro. *A condição Mariel...*, op. cit., p. 155.

cujos estigmas e a falta de estudo inviabilizavam as oportunidades de trabalho –, várias questões de ordem financeira impuseram-se ao intelectual. Ainda que, por meio das transações clandestinas em Cuba, o literato tenha publicado na França, pela *Éditions de Seuil*; no Uruguai, pela *Arca* e no México, pela *Diógenes*, em várias cartas enviadas para os amigos Margarita e Jorge Camacho em 1980, o escritor relatou não ter recebido qualquer pagamento por muitas de suas novelas. Outras vezes lamentou as baixas quantias obtidas.¹⁰¹ Entre as epístolas nas quais Arenas expunha a carência de “firmar contratos para ter do que viver”¹⁰², diversas vezes questionou a atuação de Severo Sarduy¹⁰³, que – assim como Emmanuel Carballo e Ángel Rama¹⁰⁴ – havia ficado responsável pelas edições de suas obras e pelos repasses monetários. Se, por um lado, as epístolas não podem atestar suas denúncias contra aqueles que, informalmente, o agenciaram, por outro, constituem uma evidência da falta de recursos do intelectual, que ao referenciar a necessidade de encontrar e publicar seus manuscritos recorria a expressões como “aqui a vida é muito cara” e “não quero ser um fardo para ninguém”¹⁰⁵.

Em sua autobiografia, Arenas oferece seu próprio diagnóstico sobre a situação econômica dos romancistas e contistas exilados nos Estados Unidos. Fazendo menção aos poetas cubanos Lydia Cabrera, Enrique Labrador Ruiz e Carlos Montenegro, o escritor apresenta um cenário de dificuldades de publicação, livros inéditos sem interesse de editores e, ainda, autocusteamento das obras.¹⁰⁶ As composições literárias do intelectual atribuem responsabilidades por esse ostracismo a dois segmentos sociais, isto é, tanto a uma “esquerda festiva” que, segundo o escritor, ocupava as universidades e as editoras, e que os havia apoiado, publicado e tornado conhecidos enquanto estavam em Cuba, mas que os rejeitaram quando exilaram-se sob o signo da dissidência, quanto àqueles que dotados de uma moral burguesa

¹⁰¹ ARENAS, Reinaldo. *Cartas a Margarita y Jorge Camacho...*, op. cit., p. 113-117.

¹⁰² *Ibidem*, p. 98-100.

¹⁰³ Severo Sarduy foi um reconhecido ficcionista e crítico literário cubano. Entre seus aclamados romances, destaca-se *Cobra*, vencedor do *Prêmio Médicis Étranger* em 1972. Ao suceder a Claude Durant em *Les Éditions du Seuil* tornou-se responsável pelas publicações das obras latino-americanas na editora francesa. Sarduy também foi o responsável pelos contratos de Arenas com a editora venezuelana *Monte Ávila*. Ver em: *Ibidem*, p. 122.

¹⁰⁴ Emmanuel Carballo foi um poeta, ensaísta e crítico literário mexicano. Fundou o editorial *Diógenes*, onde foram publicados livros políticos, econômicos e sociais, sobretudo, de filiação marxista e guerrilheira. Após lançar várias edições de *El mundo alucinante*, foi questionado por Arenas quanto aos repasses financeiros. A resposta de Carballo afirmava que suas publicações serviam a um propósito cultural e político, isto é, consistiam em uma atuação pirata, na qual grandes escritores eram publicados a fim de que obtivesse recursos para lançar nomes ainda desconhecidos. Sobre as críticas de Arenas a Carballo, ver: ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça...*, op. cit., p. 317. Sobre o debate entre os intelectuais no que concerne aos direitos autorais e função social da literatura, ver: DRUMMOND, Caroline. *Exílio, literatura, intelectuais e política em Mariel...*, op. cit., p. 123-124.

¹⁰⁵ ARENAS, Reinaldo. *Cartas a Margarita y Jorge Camacho...*, op. cit., p. 97.

¹⁰⁶ ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça...*, op. cit., p. 320.

prevalecente em Miami, conferiam as obras, acima de tudo, um valor financeiro, mercantil, não estético, pautado nas possibilidades de mercado.¹⁰⁷

Era um verdadeiro paradoxo: aqueles grandes escritores saíram de Cuba em busca de liberdade, e agora se encontravam impossibilitados de publicar suas obras aqui. [...] Este era o preço que tinham de pagar por manter a dignidade [...].¹⁰⁸

De acordo com Arenas, se na ilha eram “condenados ao silêncio e ao ostracismo, [...] no exílio [eram condenados], ao desprezo e ao esquecimento”¹⁰⁹. É necessário assinalar, contudo, que ainda que o escritor tenha alocado as editoras, sobretudo as latino-americanas, como espaços de uma “esquerda festiva”, atribuindo à expressão uma conotação negativa ao afirmar que em termos de edição desejava se “esquecer da América Latina”¹¹⁰, muitas dessas editoras continuaram publicando suas obras no decorrer da década de 1980 e serviram como fornecedoras de proventos necessários à sua subsistência. Entre elas, pode-se citar as venezuelanas *Monte Ávila e Cruz del Sur*, bem como, a mexicana *Kosmos*. Durante os dez anos do exílio, assinou contratos, ainda, com as espanholas *Argos Vergara, Montesinos, Seix Barral, Dador e Betania*; as estadunidenses *Universal e Avon Books* e a francesa *Presses de la Renaissance*.¹¹¹ Suas publicações póstumas foram lançadas pela *Tusquets, Áltera, Mondadori, Penguin e Grove Press*.

Por mais que sua recente saída da ilha tenha viabilizado uma maior possibilidade de publicação quando comparado a outros poetas exilados, sua condição financeira não era distinta dos demais escritores cubanos do desterro. Exceto pelo curto período de oito meses em que residiu em Miami, o intelectual, que afirma ter tido “muito mais propostas para ser publicado” enquanto esteve “sem poder sair de Cuba”¹¹², viveu todo o exílio em prédios em ruínas no burgo de Manhattan, em áreas referenciadas como locais destinados à prostituição, com grande quantidade de moradores em situação de rua e intenso tráfico de drogas. Denunciando tanto os revolucionários que instituíram a partir do direcionamento cultural um padrão moral responsável pela marginalização de sua literatura na ilha, quanto os apoiadores da Revolução,

¹⁰⁷ Segundo Bourdieu, os intelectuais concorrem por legitimidade cultural, opondo-se muitas das vezes a outros setores sociais pretendentes a legislar sobre a cultura, como por exemplo os poderes políticos e econômicos. Ver mais em: BOURDIEU, Pierre. Campo intelectual e projeto criador. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, p. 106.

¹⁰⁸ ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça...*, op. cit., p. 320.

¹⁰⁹ *Ibidem*, p. 321.

¹¹⁰ ARENAS, Reinaldo. *Cartas a Margarita y Jorge Camacho...*, op. cit., p. 113.

¹¹¹ Arenas publicou, entre contos, poemas e novelas, os destaques: *Celestino Antes del Alba* (1967), *El mundo alucinante* (1969), *Con los ojos cerrados* (1972), *El palacio de las blanquissimas mofetas* (1975), *La vieja Rosa* (1980), *Otra vez el mar* (1982), *Necesidad de libertad* (1986), *El Portero* (1987), *La loma del Ángel* (1987), *El color del verano* (1991), *El asalto* (1991). Ver em: RIBAS, Jorge Luiz Teixeira. *Reinaldo Arenas...*, op. cit., p. 16.

¹¹² ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça...*, op. cit., p. 332.

que observando o cenário a partir de outros países negaram a repressão a camadas como a intelectualidade e homossexualidade, e ainda aqueles que ao viverem sob o sistema capitalista, caracterizado pelo escritor como “sórdido e mercantilista”¹¹³, não valorizaram a literatura cubana, Arenas elabora a experiência exílica nos seguintes termos: “compreendi que a guerra recomeçava, agora sob uma forma muito mais velada”¹¹⁴.

Além das dificuldades financeiras, outros fatores limitaram sua integração à nova terra, como a manutenção da perseguição à identidade homossexual e a não regulamentação de sua documentação. Segundo Caroline Drummond, duas políticas impuseram-se aos marielitos homossexuais desde sua chegada aos Estados Unidos. Primeiro, assim como os demais desterrados de Mariel, foram institucionalmente alocados em uma nova categoria de estrangeiro, definida como “*Cuban-Haitian entrant (status pending)*”¹¹⁵. Isso não só conferiu a eles certa imprecisão sobre a sua condição legal no país como ofereceu subsídios para que tivessem o status de refugiado político negado. Segundo, entravam nos Estados Unidos em um momento de redefinição das políticas de exclusão aos homossexuais estabelecida pelo Serviço de Imigração e Naturalização (INS). Identificados na década de 1950 como portadores de “personalidade psicopática” e na década de 1960 e 1970 como “desviados sexuais”, os homossexuais eram sujeitos à exclusão *classe A*, por desordem mental. Isso fez com que, durante essas três décadas, sob o ponto de vista legal, fossem proibidos de se estabelecerem no país. Foi durante o Êxodo de Mariel, mediante a cobertura midiática de cerca de 1.500 homossexuais que chegavam aos Estados Unidos, que os órgãos de imigração se viram obrigados a aplicar um novo protocolo. Os agentes não mais questionavam os estrangeiros sobre suas “preferências sexuais”, contudo, se fizessem qualquer declaração não solicitada que inferisse a homossexualidade eram direcionados a uma segunda inspeção, levando-os a assinar uma declaração e fazendo com que fossem submetidos a uma audiência de exclusão.¹¹⁶

¹¹³ Ibidem, p. 318.

¹¹⁴ Ibidem, p. 318.

¹¹⁵ Desde a criação da Lei de Ajuste Cubano em 2 de novembro de 1966, os emigrantes do país caribenho dispunham de privilégios nos Estados Unidos em relação a outros grupos migratórios. Não só podiam solicitar residência permanente com apenas um ano de estadia nas terras estadunidenses, como poderiam requerer em menos de três anos a cidadania norte-americana, dispoendo ainda de imediata Permissão de Trabalho, um número de segurança social, benefícios públicos de alimentação e alojamento. Os marielitos foram os primeiros cubanos, em anos, a receber tratamento semelhante aos demais refugiados, sendo submetidos à análise e avaliações. O termo *Status Pending* é bastante esclarecedor quanto a mudança na operação de aceite, na qual não eram imediatamente reconhecidos como refugiados e não podiam usufruir dos benefícios que os predecessores desfrutaram. Ver mais em: RODRÍGUEZ, Miriam. Las relaciones Cuba-Estados Unidos: migración y conflicto. CEMI, *Centro de Estudios de Migraciones Internacionales*, La Habana, Cuba, p. 4-6, 2003. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clasco.org.ar/ar/libros/cuba/cemi/cuba_eeuu.pdf>. Acesso em: 26 set. 2022.

¹¹⁶ DRUMMOND, Caroline. *Exílio, literatura, intelectuais e política em Mariel...*, op. cit., p.101-102.

Ambas as políticas afetaram a experiência exílica de Arenas. Nos detenhamos primeiro à sua condição de estrangeiro e à falta de regularização de sua documentação. Tendo saído de Cuba com um nome falso e sem documentos que atestassem sua existência, o intelectual empenhou-se em conseguir com o departamento de Estado de Washington a permissão de residência nos EUA. Cartas como a de 1 de outubro de 1980 e a de 8 de janeiro de 1981, nas quais o escritor evidencia os contatos com os funcionários da repartição estatal, demonstram os movimentos do escritor na busca pela ordenação de seu passaporte e autorizações de entrada e saída. Essas regularizações nunca se efetivaram. Durante seus dez anos de exílio, Arenas teve de lidar com a falta de documentação, sendo muitas vezes impedido de realizar viagens a outros países, seja para ministrar conferências em universidades em que era requisitado ou para encontrar outros intelectuais com os quais colaborava em projetos e revistas. Quando convidado por Octavio Paz¹¹⁷ para ir ao México, argumenta: “Desejo, antes de tudo, regularizar meu status legal aqui, isto é, ter uma documentação que ateste a minha existência”.¹¹⁸ Em outra ocasião, quando é convidado para ir a Europa, lamenta: “Não é conveniente abandonar os Estados Unidos sem ter uma residência, ou algum tipo de credencial que me permita existir como cidadão normal, não posso chegar à Europa indocumentado”¹¹⁹. Em carta de 8 de janeiro de 1981 afirma ainda “tenho convites para ir à Alemanha e Estocolmo, mas enquanto meus documentos de imigração não são regularizados nada posso fazer”¹²⁰ Além disso, para os exilados, os documentos “definem aspectos essenciais do dia a dia, a começar pela própria permissão para se estabelecerem, terem direito tanto à saúde quanto à moradia”¹²¹. Evidencia-se, portanto, que, no exílio, Reinaldo Arenas tornou-se um Outro, não apenas em função de sua identidade subjetiva – uma vez que o exilado, ainda ligado a suas raízes culturais, tem suas práticas, modos de ver e de ser invalidados pelos estabelecidos –, mas, também, em função da negação de sua identidade burocrática.

Somente em 1984 é instituída a Normalização das Relações Migratórias entre os Estados Unidos e Cuba. A partir de reuniões entre representantes de ambas as nações, que ocorriam de forma esporádica desde 1980, definiu-se que seriam concedidos 20 mil vistos anuais para os

¹¹⁷ O poeta e pensador mexicano Octavio Paz foi o fundador da revista *Vuelta* que “constituiu um importante espaço de circulação de ideias entre intelectuais latino-americanos ao longo dos anos setenta e oitenta”. Vários artigos de Arenas foram publicados na revista que propunha um espaço de debate crítico em relação ao desenvolvimento da Revolução em Cuba. MISKULIN, Silvia Cezar. *Outro olhar sobre a Revolução Cubana...*, op. cit., p. 192.

¹¹⁸ ARENAS, Reinaldo. *Cartas a Margarita y Jorge Camacho...*, op. cit., p. 109.

¹¹⁹ *Ibidem*, p. 109.

¹²⁰ *Ibidem*, p. 121.

¹²¹ ROLLEMBERG, Denise. *Exílio: refazendo identidades...*, op. cit., p. 60.

que almejavam residência nos Estados Unidos, de modo a evitar a emigração ilegal. Em troca, Cuba receberia de volta 2.746 marielitos considerados inaceitáveis pelos estadunidenses. Ainda em 1984 foi designada ao Serviço de Imigração e Naturalização (INS) a responsabilidade pelos trâmites de concessão de residência permanente aos que foram “acolhidos”.¹²² O amparo legislativo, contudo, não foi solicitado por dezenas de milhares de cubanos, por diversas razões. Além das suspeitas que pairavam entre estes, que viam os inaceitáveis ou “excludables” sendo deportados – o que levou o jornal *Miami Herald* a fazer uma campanha em 1985, solicitando que confiassem nos serviços de imigração –, havia relatos de que muitos dos cubanos de Miami receberam orientações confusas do INS, como solicitações de audiência para possível deportação, e não um convite para a regularização do status.¹²³

Desde então, uma série de políticas foram direcionadas aos chamados *Cuban Citizens*. A partir de 6 de novembro de 1986, como pode ser observado em segmento da *Lei de Reforma e Controle da Imigração* (IRCA), os Haitianos e Cubanos que residiam há um longo período nos EUA passaram a dispor de novos abrigos jurídicos em suas solicitações de residência permanente.

Figura 2: Fragmento de lei pública – Reforma e Controle da Imigração de 1986.

SEC. 202. CUBAN-HAITIAN ADJUSTMENT.
(a) ADJUSTMENT OF STATUS.—The status of any alien described in subsection (b) may be adjusted by the Attorney General, in the Attorney General's discretion and under such regulations as the Attorney General may prescribe, to that of an alien lawfully admitted for permanent residence if—
(1) the alien applies for such adjustment within two years after the date of the enactment of this Act;
(2) the alien is otherwise eligible to receive an immigrant visa and is otherwise admissible to the United States for permanent residence, except in determining such admissibility the grounds for exclusion specified in paragraphs (14), (15), (16), (17), (20), (21), (25), and (32) of section 212(a) of the Immigration and Nationality Act shall not apply;
(3) the alien is not an alien described in section 243(h)(2) of such Act;
(4) the alien is physically present in the United States on the date the application for such adjustment is filed; and
(5) the alien has continuously resided in the United States since January 1, 1982.
(b) ALIENS ELIGIBLE FOR ADJUSTMENT OF STATUS.—The benefits provided by subsection (a) shall apply to any alien—
(1) who has received an immigration designation as a Cuban/Haitian Entrant (Status Pending) as of the date of the enactment of this Act, or
(2) who is a national of Cuba or Haiti, who arrived in the United States before January 1, 1982, with respect to whom any record was established by the Immigration and Naturalization Service before January 1, 1982, and who (unless the alien filed an application for asylum with the Immigration and Naturalization Service before January 1, 1982) was not admitted to the United States as a nonimmigrant.

Fonte: U.S. Citizenship and Immigration Services.

¹²² RODRÍGUEZ, Miriam. Las relaciones Cuba-Estados Unidos..., op. cit., p. 8.

¹²³ MARQUES, Rickley Leandro. *A condição Mariel...*, op. cit., p. 180.

Como é evidenciado na *Seção 202, Subseção (b)*, intitulada *Estrangeiros elegíveis para ajuste de status*, seriam legalmente admitidos e obteriam o estatuto de residente permanente nos Estados Unidos todos aqueles que tivessem recebido uma designação de imigração como ingressante cubano/haitiano (status pendente) ou, ainda, aqueles que, sendo cidadãos de Cuba ou do Haiti, tivessem chegado aos Estados Unidos antes de 1º de Janeiro de 1982. Desse modo, os marielitos que haviam sido devidamente registrados pelo INS, que não tivessem sido imediatamente recusados por meio das audiências de exclusão e que ainda não portassem declaração de residência legal, dispunham de uma nova oportunidade de requerer, entre 1986 e 1988, os seus direitos quanto ao estabelecimento em terras estadunidenses. Preocupações semelhantes àquelas dos anos anteriores assolaram os cubanos irregulares. Em carta de 24 de dezembro de 1987, Arenas escreve:

[...] o panorama político para os cubanos nos Estados Unidos parece sinistro. Reagan tem chegado a acordos monstruosos com Castro. Deportações massivas para Cuba, rejeição dos cubanos que abandonam a ilha ilegalmente e ainda a ameaça de que qualquer cubano que cometa um delito aqui possa ser deportado para Cuba. Na verdade, é melhor sair correndo deste lugar, mas, para onde?¹²⁴

Se sob o ponto de vista político os acordos firmados entre os líderes estadunidenses e os revolucionários, bem como as leis instituídas com relação à imigração nos Estados Unidos em 1986 representavam um avanço – uma vez que a travessia ilegal consistia em uma prática perigosa para aqueles que se arriscavam a abandonar a ilha de modo clandestino e que as leis estadunidenses anteriores a 1980 incitavam a clandestinidade cubana pela aplicação de políticas de acolhida desproporcionais quando comparadas aquelas destinadas a imigrantes de nações não revolucionárias –, sob o ponto de vista prático o IRCA foi percebido de outra forma. Os marielitos que, durante anos, sofreram os estigmas de um povo não aceito, que foram transformados em párias devido à categoria de *status pending* à qual foram submetidos, que não tiveram o reconhecimento de seu refúgio político e que sentiram o rechaço não só da imprensa, mas do discurso oficial – uma vez que Reagan afirmava desde 1985 uma necessidade de maior controle sobre as fronteiras para a prevenção da invasão de “criminosos” e “traficantes” que ameaçavam a segurança nacional –¹²⁵, percebiam na política um recrudescimento das práticas persecutórias. A eles, que viveram, em grande medida, sem assistencialismos no governo neoliberal, sobressaltava a possibilidade de serem deportados.

¹²⁴ ARENAS, Reinaldo. *Cartas a Margarita y Jorge Camacho...*, op. cit., p. 196.

¹²⁵ AZEVEDO, Cecília. *Imigração e identidade nacional nos EUA...*, op. cit., p. 84.

Explorados alguns aspectos sobre as dificuldades de regularização dos documentos dos marielitos, que se impuseram também a Arenas, voltemos agora para a segunda questão: a homossexualidade. Por mais que Arenas não estivesse entre os estrangeiros retidos ou submetidos à audiência de exclusão, sua realidade não estava apartada da repressão e do imaginário popular intolerante. Se em sua autobiografia o intelectual narrou as diversas formas de perseguição direcionadas a esse grupo em solo revolucionário – seja pelo aparato policial, que os conduziu ao trabalho forçado entre 1965 e 1968; seja pelas resoluções dos órgãos culturais por meio das quais foram exonerados dos cargos educacionais a partir de 1971; seja, ainda, pelas organizações escolares que criaram mecanismos para a exclusão desses sujeitos da universidade –¹²⁶, em excertos da *Revista de Literatura e Arte Mariel*, na qual o escritor fazia parte do corpo editorial, é possível observar representações da falta de solidariedade também nos EUA. Em matéria publicada na edição de número cinco, lançada em 1984, o editorial veiculou uma chamada de 1977 para marcha diante da Organização das Nações Unidas.

Figura 3: Anúncio de marcha diante da O.N.U veiculado na Revista Mariel.

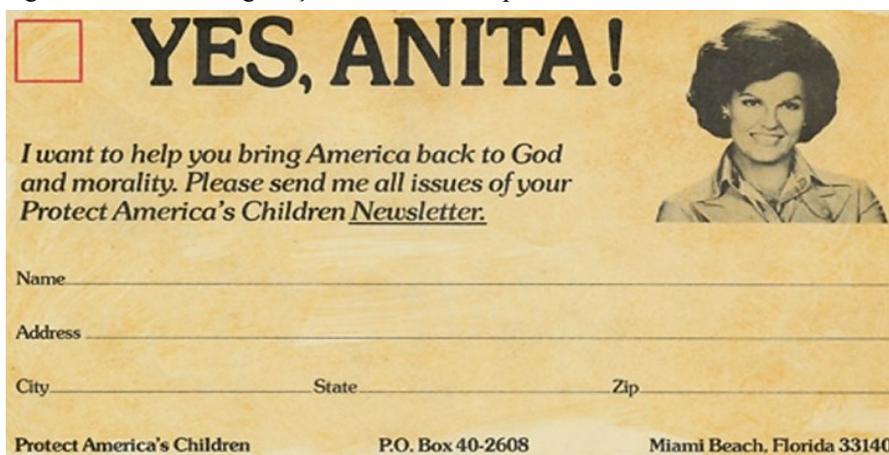


Fonte: Mariel, Nova York, v. 1, n. 5, 1984, p. 15.

¹²⁶ FREITAS, Ualisson. Camadas do preconceito ou O quimérico resgate da virilidade: um estudo sobre a política de repressão aos homossexuais no contexto da Revolução Cubana. *Temporalidades*, v. 13, n. 1, p. 476-479, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/29311>>. Acesso: 19 set. 2022.

O manifesto publicado não só denunciava o suicídio de um homossexual cubano em Miami, evidenciando a existência de diversos elementos retrógrados no país norte-americano, como também repudiava uma campanha com vistas à revogação de uma lei que proibia a discriminação com base em orientação sexual no condado de Miami-Dade. Apesar de a entrevista disposta acima do anúncio da marcha, concedida pelo militante homossexual Alex Oyanguren¹²⁷, apresentar uma narrativa crítica, sobretudo, à tradicional comunidade latina estabelecida na região – cujos membros haviam corroborado com a diligência através de petições distribuídas em igrejas e mobilizações contrárias a lei –, outros elementos permitem ampliar as percepções da dinâmica de repressão aos homossexuais nos EUA, como a origem e a amplitude da manifestação conservadora. A campanha não só havia sido iniciada por personalidades e setores tradicionais estadunidenses, como a cantora Anita Jane Bryant, e a coalizão intitulada *Salve nossas Crianças*, como apresentou um alcance não apenas local. Cartões como o reproduzido a seguir haviam sido enviados para diferentes regiões do país, descredibilizando homossexuais que tentavam ocupar distintos postos de trabalho, sobretudo os educacionais.¹²⁸

Figura 4: Cartão de angariação de fundos em apoio a Save Our Children em 1977.



YES, ANITA!

I want to help you bring America back to God and morality. Please send me all issues of your Protect America's Children Newsletter.

Name _____

Address _____

City _____ State _____ Zip _____

Protect America's Children P.O. Box 40-2608 Miami Beach, Florida 33140

Fonte: Stonewall Library & Archives. Domínio público.

¹²⁷ Alex Oyanguren foi um militante homossexual, nascido em uma comunidade cubana de Nova Jersey. Tornou-se membro do conselho de direção da *Coalizão de Direitos Humanos do Condado de Dade* e atuou na organização *Gay and Lesbian Youth Alliance*, de Miami. MARIEL. *Revista de literatura y arte*. Nova York, NY. v. 1, n. 5, p. 14. Primavera, 1984. Disponível em: <<http://americalee.cedinci.org/portfolio-items/mariel/>>. Acesso em: 19 mar. 2020.

¹²⁸ CHAPARRO, Nina; ESTEFAN VARGAS, Soraya. Imágenes de la diversidad. *Culturales*, v. 7, n. 14, p. 69, 2011. Disponível em <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-11912011000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 23 set. 2022.

Através das ações da cantora, da coalizão e do forte apoio popular, a lei foi revogada. A campanha que recorria a slogans como “Bring America back to God and morality” e “Protect America’s Children” tinha como estratégia a associação das terras estadunidenses a uma espécie de pureza divina ao mesmo tempo que conferia aos homossexuais a responsabilidade por uma suposta degeneração social. Nas manifestações conservadoras, reiteradas vezes os homossexuais foram arbitrariamente associados a abuso, perversão sexual e corrompimento da juventude. Se em Cuba as leis de *Extravagância*, de *diversionismo ideológico* e de *Normal Desenvolvimento Sexual da Juventude e da Família* foram responsáveis pela marginalização de muitos desses indivíduos, nos Estados Unidos a discriminação ocorria de forma não menos danosa. Os órgãos legislativos estadunidenses e seus mecanismos de mudança, regularmente referenciados pelos *marielistas*¹²⁹ como instâncias democráticas, tornavam-se, muitas vezes, impenetráveis, de modo que os interesses de determinados grupos e instituições, frequentemente, prevaleciam acima de direitos humanos básicos e da justiça social.

Todos esses conflitos travados nos Estados Unidos, sejam os alheios a experiência de Arenas ou aqueles que ao atingirem o intelectual acabaram por ser representados em seus escritos epistolares ou em seus projetos editoriais, não só evidenciam a aversão dos estabelecidos estadunidenses a determinados recortes étnico-raciais, culturais, de classe e de gênero – muitas vezes concebidos como deficiências de caráter associadas a figura do estrangeiro –¹³⁰, como também apresentam a negociação das identidades como elemento privilegiado na afirmação e manutenção do poder moderno.

Longe de constituírem apenas um quadro de intolerância ou falta de alteridade civil, as negações identitárias que sofreram os marielitos foram estimuladas por relações geoeconômicas em uma conjuntura maior, onde a produção de antagonismos é instituída como uma política de segurança nacional. Não por acaso, o político conservador Samuel Huntington, escalado para ser coordenador de planejamento do Conselho de Segurança Nacional do governo de Jimmy Carter nos fins da década de 1970, afirmou, anos mais tarde, que “dadas as forças domésticas em favor da heterogeneidade, diversidade, multiculturalismo e divisões raciais, os Estados Unidos, mais do que a maioria dos países, talvez necessitasse de um Outro a quem se opor para

¹²⁹ De acordo com Drummond, os marielistas “em sua maioria, eram jovens criados pela Revolução, refratários ao ideário do ‘homem novo’, criadores de obras consideradas ‘marginais’ ou ‘contrarrevolucionárias’ pela política cultural restritiva da década de 1970. Muitos dos que se identificavam como marielistas já se conheciam na ilha e frequentavam os mesmos locais, como a noite de La Rampa, A Cinemateca de La Habana e a praia de Guanabo. Salvo raras exceções, não haviam publicado nada na ilha e vários se identificavam como homossexuais”. Ver mais em: DRUMMOND, Caroline. *Exílio, literatura, intelectuais e política em Mariel...*, op. cit., p. 44.

¹³⁰ AZEVEDO, Cecília. *Imigração e identidade nacional nos EUA...*, op. cit., p. 81.

manter-se unido”¹³¹. Não por acaso as falas de Reagan no decorrer da década de 1980 recorriam frequentemente a elementos discursivos como a necessidade de limitação da imigração e a condenação dos países de origem dos entrantes.¹³² É a partir dessa fabricação do Outro, que associa o estrangeiro a identidades criminalizáveis e que relaciona o que está “do lado de lá” das fronteiras a selvageria e barbárie, que os dispositivos de controle modernos são constantemente reafirmados.

Entre as políticas discriminatórias, que na década de 1980 se instituíam em desfavor não apenas dos cubanos, mas de colombianos, porto-riquenhos, haitianos e mexicanos, pode-se citar a imposição de sanções aos empregadores de imigrantes, ou ainda, a implantação de um maior patrulhamento da fronteira com o México.¹³³ Associados aos pronunciamentos hostis, que culpabilizavam os grupos migratórios pelo aumento da criminalização, pelo tráfico de drogas, ou pela violência nos Estados Unidos, as reformas nas leis intensificavam as diferenças socioeconômicas, produzindo a marginalização, induzindo a segregação, e cimentando a ilusão de um país integrado por uma população uniforme, em suas origens, costumes e valores.¹³⁴

Numa nação formada por meio da imigração e que apresenta grande heterogeneidade em função da coexistência de grupos constituídos a partir de distintas diásporas, o forte sentimento de pertencimento nacional – frequentemente reciclado pelos líderes e pelo discurso oficial estadunidense – era institucionalmente firmado como uma política de “americanização” e se sustentava, se não pela negação da diversidade, por uma tentativa de assimilação do Outro, cujas manifestações eram vistas, a partir de uma concepção intransigente, como potenciais riscos à coesão nacional.¹³⁵ *Border* – e não *frontier* – caracterizava a experiência desses novos entrantes.

¹³¹ AYERBE, Luís Fernando. *Estados Unidos e América Latina: a construção da hegemonia*. São Paulo: Editora UNESP, 2002, p. 20.

¹³² AZEVEDO, Cecília. Imigração e identidade nacional nos EUA..., op. cit., p. 84.

¹³³ Idem.

¹³⁴ Para a manutenção do poder a partir de jogos identitários, Reagan e os republicanos promoveram, inclusive, políticas para a criação de um campo conservador afro-americano entre 1981 e 1989, contando com o apoio dos economistas negros Thomas Sowell, Walter Williams e Gleen Loury. Ver em: FRANCISCO, Flávio Thales Ribeiro. Elementos do conservadorismo negro nos Estados Unidos: George Schuyler contra o movimento pelos direitos civis. *Revista de História*, n. 180, p. 5, 2021. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/167098>>. Acesso em: 4 jun. 2023.

¹³⁵ Azevedo apresenta que nos Estados Unidos a ideia de ameaça a coesão social é frequentemente reforçada pela terminologia “Alien Citizen”, comumente empregada nas documentações que se referem aos imigrantes. Segundo a autora a expressão carrega uma conotação de cidadão culturalmente inassimilável. AZEVEDO, Cecília. Imigração e identidade nacional nos EUA..., op. cit., p. 78.

1.2 - Redes de sociabilidade entre vidas dissidentes: engajamento e aporia nos projetos literários da Geração Mariel

*A literatura não é um ofício; é um sacrifício e uma fatalidade, um prazer e uma maldição. Toda obra de arte é um desafio e, portanto, implícita ou explicitamente, é uma manifestação – e uma canção – de liberdade.*¹³⁶

Editorial – Revista Mariel

De acordo com Edward Said, “o intelectual é um indivíduo empenhado em representar, dar corpo e articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, filosofia ou opinião para – e, também, por – um público”¹³⁷. Não se trata de um indivíduo iluminado, à parte, capaz de falar a verdade ao poder, mas de alguém que preenche um conjunto de funções particulares na sociedade. Mais do que construir dogmas, o intelectual moderno – dotado da consciência de sua função – levanta questões e confronta ortodoxias.¹³⁸ Sua razão de ser é “representar as pessoas e problemas que são sistematicamente esquecidos”. Segundo o crítico literário:

[...] o intelectual, como alguém que age com base em princípios universais, trabalha em função da ideia de que todos os seres humanos têm direito de contar com padrões de comportamento decentes quanto à liberdade e à justiça da parte dos poderes ou nações do mundo, e que as violações deliberadas ou inadvertidas desses padrões têm de ser corajosamente denunciadas e combatidas.¹³⁹

É a partir dessa ótica que os escritos de Arenas podem ser vistos enquanto expressões de uma intelectualidade engajada. As primeiras epístolas encaminhadas para Margarita e Jorge Camacho desde o exílio já apresentam a urgência do intelectual em ter em mãos as suas obras, reivindicadas, desde logo, como provas de sua luta, manifestações de seu compromisso moral. Em 19 de maio de 1980, escreve: “[...] Se minha sobrevivência em Cuba teve algum significado, é a esperança de poder me encontrar com esses papéis, escritos, vocês sabem, sob tanto terror e cautela que é impossível até lembrar”¹⁴⁰. Diante da possibilidade de ter perdido os manuscritos, insiste: “Tenho que recobrar minha existência. [...] Me enviem urgentemente os manuscritos que lhes peço”¹⁴¹. Em 20 de maio de 1980, declara: “Estou muito preocupado com o destino dos meus manuscritos. Vocês sabem que, para mim, o único significado da minha

¹³⁶ MARIEL. *Revista de literatura y arte*. Nova York, NY. v. 1, n. 1, p. 2. Primavera, 1983. Disponível em: <<https://americalee.cedinci.org/portfolio-items/mariel/>>. Acesso em: 30 set. 2022.

¹³⁷ SAID, Edward W. *Representações do intelectual...*, op. cit., p. 25.

¹³⁸ *Ibidem*, p. 25.

¹³⁹ *Ibidem*, p. 26.

¹⁴⁰ ARENAS, Reinaldo. *Cartas a Margarita y Jorge Camacho...*, op. cit., p. 92

¹⁴¹ *Ibidem*, p. 93.

existência é saber que eles estão seguros e que nada se perdeu. [...] Esses papéis são [...] minha própria vida”¹⁴².

Entre as novelas, contos e poemas, que Arenas requeria com tanto afincio, encontrava-se a nova versão de *Otra vez el mar* (1982)¹⁴³, *La Vieja Rosa* (1980)¹⁴⁴ e, ainda, *Arturo, la estrella más brillante* (1984)¹⁴⁵. Todas essas produções literárias, escritas à sombra do direcionamento cultural e da criminalização dos *diversionismos ideológicos* em Cuba, apresentam o regime revolucionário sob o signo do autoritarismo e evidenciam a homossexualidade como identidade minada. De todo modo, os símbolos são a nação traída, a Revolução corrompida, campos de trabalho forçado e sexualidades reprimidas. Editadas e publicadas por Arenas durante o exílio, essas escrituras cumprem a função de anunciar outros panoramas acerca da realidade cubana pós 1959. Suas experimentações literárias tematizam e estilizam a Revolução, criando significações adversas do processo. Contrapõem-se aos revolucionários na medida em que colocam à prova o ideal de ampla justiça social, frequentemente reivindicado pelo discurso oficial cubano como motivação primária da luta anti-imperialista. Seus escritos materializavam-se, portanto, como uma recusa em aceitar

¹⁴² Ibidem, p. 94-95.

¹⁴³ A obra *Otra vez el mar* (1982) constitui a “pentagonia” de Arenas, isto é, um conjunto de cinco obras que narram as agonias de distintos personagens em diferentes contextos da história cubana. As demais novelas desse conjunto são: *Celestino Antes del Alba* (1967) – única obra do autor publicada integralmente em Cuba –, *El palácio de las blanquissimas mofetas* (1975), *El color del verano* (1991) e *El asalto* (1991). Ver em: TEYSSEN, Stéphanie Panichelli. *La pentagonia de Reinaldo Arenas: un conjunto de novelas testimoniales y autobiográficas*. 2005. 665 f. Tesis doctoral. Universidad de Granada, Espanha, 2005, p. 110.

¹⁴⁴ *La vieja Rosa* apresenta a história de um núcleo familiar disfuncional diante da transição do governo ditatorial para o revolucionário em Cuba. Pablo Armando, primogênito de Rosa, foge da casa da viúva para juntar-se aos rebeldes. Retorna tempos depois com uma antiquada espingarda da guerrilha – símbolo do triunfo popular sobre os poderes até então instituídos – e com a notícia de que Rosa deveria vender sua propriedade ao Estado, devido a quantidade elevada de hectares. Os outros filhos, Rosa María e Arturo, também surpreendem a velha. Enquanto María se casa, sigilosamente, com um homem negro – atitude que é rechaçada pela mãe, mas aprovada pelos irmãos –, o mais jovem é apresentado como homossexual. O estopim ocorre quando a religiosa Rosa, atira em Arturo com a espingarda da nova Revolução. Afastada de todos os filhos e sem suas terras, Rosa incendeia sua casa e a si mesma, tentando se livrar de uma fantástica e jovem figura angelical, que à assombra e ridiculariza. Assim, a história presentifica o suplantamento de velhas convicções, mas, também, as permanências, as violências que se reproduzem. A nova realidade de Rosa era tanto dispar quanto semelhante ao mundo que ela havia nascido. Ver: RIBAS, Jorge Luiz Teixeira. A Velha Rosa no jardim da Revolução: tensões culturais, homossexualidade e autoritarismo em Cuba. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, n. 31, p. 298-305, 2021.

¹⁴⁵ Complementar à *La vieja Rosa*, a obra *Arturo, la estrella más brillante* apresenta o destino do jovem homossexual Arturo em um campo de trabalho forçado em Cuba. O texto apresenta não só a opressão, as restrições materiais, mas a resistência dos corpos em serem determinados, seja pelo autoritarismo ou pelas narrativas. O ponto alto da história ocorre quando Arturo, que utilizava da literatura como fuga dos trabalhos árduos no campo, consegue livrar-se da perseguição ao saltar para dentro de uma de suas ficções. ARENAS, Reinaldo. *Arturo, la estrella más brillante*. Barcelona: Montesinos, 1984.

“meias verdades, ideias preconcebidas, fórmulas fáceis ou confirmações afáveis”¹⁴⁶ no que diz respeito ao regime.

Com proposta semelhante surge a *Revista de Literatura e Arte Mariel*. Construída por intelectuais cubanos do exílio e veiculada entre 1983 e 1985, o periódico tinha como um dos desígnios estabelecer críticas ao governo de Fidel Castro e servir como espaço de denúncia ao aparato revolucionário, que, segundo o corpo editorial, havia sido responsável não apenas pela perseguição de suas obras na ilha, como também pela estigmatização que sofreram no exílio:

Três anos não foram suficientes para que toda a verdade acerca de Mariel saísse a luz, mas têm sido suficientes para permitir que um grupo de criadores que deixou Cuba naquela ocasião dedique seus esforços e escassas economias à criação desta revista. Se toda a verdade de Mariel, como parte do pesadelo mais mutilador do castrismo, levará muito tempo para se tornar palpável em todos os seus detalhes, é hora de começarmos a lançar sobre a inteligência e a sensibilidade dos homens livres as peças mais esmagadoras dessa verdade [...]¹⁴⁷

Ao definir os cidadãos do desterro como homens livres e afirmar que enquanto milhares de cubanos perseguidos pela “sociedade castrista se lançavam ao mar com as mãos vazias, o regime de Havana havia destinado grandes somas de dinheiro e mais demagogia do que o habitual para articular uma campanha internacional com o fim de deformar [...] a significação política do êxodo”, o editorial oferecia, desde o primeiro número, a tônica do periódico, isto é, a modificação dos imaginários acerca de Mariel por meio da expressão literária e da contestação revolucionária. Inicialmente impressa em Miami e posteriormente unificada na cidade de Nova York, a revista – que tinha como assessora a antropóloga e poeta cubana Lydia Cabrera, contando, para além de Reinaldo Arenas, com nomes como Juan Abreu, Reinaldo García Ramos, René Cifuentes, Roberto Valero, Marcia Morgado, Carlos Victoria e Luiz de la Paz em seus conselhos de direção e edição –¹⁴⁸ apresentava em sua periodicidade trimestral e seu formato tabloide, três seções permanentes, bastante elucidativas do projeto.¹⁴⁹

¹⁴⁶ SAID, Edward W. *Representações do intelectual...*, op. cit., p. 35.

¹⁴⁷ MARIEL. *Revista de literatura y arte*. Nova York, NY. v. 1, n. 1..., op. cit., p. 2.

¹⁴⁸ As funções de cada intelectual foram mapeadas por Drummond. Lydia Cabrera trabalhou como assessora da publicação; Marcia Morgado atuou como editora administrativa; René Cifuentes encarregou-se das distribuições e relações públicas; Reinaldo Arenas, Reinaldo García Ramos e o artista plástico e escritor Juan Abreu compunham o conselho de direção. Os demais compuseram o conselho de edição. Para saber mais sobre a dinâmica da revista, ver: DRUMMOND, Caroline. *Exílio, literatura, intelectuais e política em Mariel...*, op. cit., p. 34-56.

¹⁴⁹ Além das três seções permanentes, figurava no periódico um espaço destinado a reunião de contos e trechos romanescos dos marielistas, cujo título era modificado a cada edição de acordo com os escritos veiculados. Havia também uma partição intitulada *Livros*, na qual eram exibidas resenhas e críticas de obras que abordavam a cultura cubana no exílio e, ainda, a subseção *Cartas dos leitores*, que, por sua vez, estabelecia um espaço de diálogo entre os produtores e os assinantes. MARIEL. *Revista de literatura y arte...*, op. cit.

Na seção intitulada *Experiencias* eram veiculados excertos autobiográficos, crônicas e memórias, cujo conteúdo voltava-se para a “revelação” do cotidiano da comunidade cubana, sobretudo as experiências sob o governo castrista. Ainda que a maior parte dos escritos dessa seção tenham sido produzidos pelos próprios integrantes da *Revista Mariel*, os leitores eram estimulados a contribuir com relatos testemunhais. Os editores, contudo, requisitavam o direito de alterar/recortar o texto quando considerassem necessário. Em *Confluencias* eram publicados poemas e trechos de novelas cubanas que haviam sofrido censura na ilha revolucionária. Tais literaturas recebiam uma espécie de posfácio, utilizado para situar os sentidos produzidos, bem como, o contexto de escritura e proibição das obras. A seção *Urgencias*, por sua vez, abrangia reprimendas aos abusos em curso no país caribenho. As propostas da revista – majoritariamente financiada pelos próprios escritores – ¹⁵⁰ confluíam, portanto, para uma crítica obstinada e direcionada aos aspectos mais atrozes da Revolução.

Vivíamos à beira da miséria, mas investimos nossos poucos recursos para criar Mariel, que representou um grande acontecimento para nós. Deveria ser uma revista de causar impacto entre os próprios exilados e, é claro, surpreender Fidel Castro.¹⁵¹

As ações engajadas tornam-se ainda mais evidentes no conteúdo veiculado, a partir do qual podemos apreender as estratégias do editorial. No quinto número da revista, lançado em 1984 e dedicado aos homossexuais, por exemplo, em artigo intitulado *Hablemos Claro*, disposto na seção *Experiencias*, o conselho de direção opõe-se a ideia de que a perseguição direcionada a esse grupo em Cuba tenha se restringido aos períodos de agravamento político. Em detrimento da adoção de recortes processuais, que demonstram enrijecimentos pontuais nas políticas e práticas instituídas na ilha – sobretudo, entre 1965 e 1968 com o advento das UMAPs e entre 1971 e 1975 com as determinações estatais que dariam corpo ao chamado *Quinquênio*

¹⁵⁰ Segundo Drummond, os poucos recursos recebidos pela revista foram bastante modestos. “As duas maiores contribuições monetárias institucionais destinadas ao periódico foram realizadas pela *Cuban American National Foundation* (CANF) [...] no valor de US\$100,00 cada”. De acordo com a autora, o apoio financeiro dessa instituição sem fins lucrativos, fundada por empresários de classe alta em Miami com o “objetivo de ajudar a administração Reagan a formular uma política externa mais agressiva em relação à Cuba.”, é representativo dos usos políticos feitos da revista. Os exemplares eram vendidos por US\$2,50 e as assinaturas anuais para particulares e instituições custavam US\$10,00 e US\$15,00, respectivamente. A revista era assinada, principalmente, por bibliotecas universitárias e municipais, sendo a *Radio Martí* e a *Ibero American Chamber of Commerce* as únicas exceções. Ainda que a revista fosse voltada aos intelectuais do exílio, “em 1984, a *Internacional Democrata Cristã* (CDI) financiou 250 assinaturas de um ano para a Bélgica, Brasil, Bolívia, Colômbia, Costa Rica, República Dominicana, Espanha, Peru, Argentina, Venezuela, Uruguai e Chile, direcionadas sobretudo a senadores e deputados de localizações variadas no espectro político”. Ver características da revista em: DRUMMOND, Caroline Maria Ferreira. *Exílio, literatura, intelectuais e política em “Mariel - Revista de Literatura y Arte”*, op. cit., p. 40-41.

¹⁵¹ ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça...*, op. cit., p. 330.

*Gris*¹⁵² –, os marielistas, que segundo Drummond “tinham como denominador comum a experiência histórica da repressão oficial, a qual pretendiam denunciar e combater”¹⁵³, expuseram as leis que, de encontro as práticas homossexuais na ilha, vigoravam até o momento. Entre elas, pode-se citar a *Ley de Peligrosidad* e a *Ley de delitos contra el normal desarrollo de las relaciones sexuales*.¹⁵⁴

Em documento da *Asamblea Nacional del Poder Popular de la República de Cuba*, empreendida entre os dias 28 e 30 de dezembro, no ano de 1978, homossexuais foram efetivamente referenciados no *Título XI* ou *Delitos contra el normal desarrollo de las relaciones sexuales y contra la familia, la infancia y la juventud*. Neste espaço o artigo 359 indicava punições de três a nove meses de reclusão àqueles que: ostentassem publicamente seu status homossexual; realizassem atos homossexuais em local público ou privado (involuntariamente visto por terceiros); ofendessem os bons costumes com exibições insolentes ou qualquer outro ato de escândalo público; produzissem ou veiculassem publicações, gravuras, gravações, fotografias ou outros objetos obscenos, tendendo a perverter e degradar costumes. Havia ainda, no título *Corrupción de menores*, a pena de oito anos destinada àqueles que “induzissem menores a exercer a homossexualidade”.¹⁵⁵

Em outro texto, impresso no sexto número da *Revista Mariel*, Juan Abreu questiona, ainda, a expressão “años duros” utilizada em uma matéria no *Miami Herald* para se referir aos períodos de maior repressão na ilha: “Se trata de uma citação? São palavras de Néstor Almendros¹⁵⁶ ou da redatora? O que quer dizer isso? [...] Que esses anos se passaram? Que existe tolerância e igualdade social em Cuba para os homossexuais? Que agora disfrutam dos anos brandos?”. Observa-se, portanto, que a reivindicação de outras datas – isto é, intervalos de tempo mais amplos – para referenciar os períodos de perseguição no arquipélago constitui uma das estratégias elementares do corpo editorial.

¹⁵² O *Quinquênio Gris* consistiu em um agravamento da luta ideológica em Cuba após as resoluções do *I Congreso Nacional de Educación e Cultura*. Nesse período, homossexuais foram impedidos de exercer funções em cargos públicos, artísticos ou educacionais. Muitos intelectuais também foram condenados ao ostracismo em função de uma política de direcionamento da arte. Ver mais em: MESA, Sergio Chaple. A literatura cubana na época da Revolução. *Estudios avanzados*, São Paulo, v. 25, n. 72, p. 136, Ago. 2011. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/ea/a/88cZJH3FcZcjrJpDydLRTc/?lang=pt> > Acesso em: 22 jul. 2022.

¹⁵³ DRUMMOND, Caroline. *Exílio, literatura, intelectuais e política em Mariel...*, op. cit., p. 44.

¹⁵⁴ MARIEL. *Revista de literatura y arte*. Nova York, NY. v. 1, n. 5..., op. cit., p. 9.

¹⁵⁵ CUBA. *Ley No. 21 - Código Penal*. Asamblea Nacional del Poder Popular de Cuba, 1978. Disponível em: < <https://www.parlamentocubano.gob.cu/index.php/documento/codigo-penal/> >. Acesso em: 01 jul. 2020.

¹⁵⁶ Néstor Almendros e Orlando Jiménez Leal dirigiram o documentário *Conducta Impropria*, lançado em 1984, cuja temática aborda a perseguição revolucionária. São retratados os exílios e insílios que sofreram diversos representantes da sociedade cubana, entre eles escritores, pintores, intelectuais, estudantes e operários. No elenco encontra-se, entre outros, Reinaldo Arenas, Heberto Padilla e Guillermo Cabrera Infante. Ver: ALMENDROS, Néstor; JIMÉNEZ LEAL, Orlando. *Conducta Impropria*. Madrid: Editorial Playor, 1984.

Nas outras duas seções, *Confluencias* e *Urgencias*, que contam em maior medida com as contribuições literárias de Arenas, não só são propostos novos marcos no que concerne ao período de perseguição em Cuba, como projetam-se novas figuras. Ao dedicarem o primeiro e o segundo número da revista a Lezama Lima¹⁵⁷ e Virgílio Piñera¹⁵⁸ – literatos homossexuais cubanos reconhecidos, cujas obras foram censuradas no regime revolucionário –, o editorial concebe as produções e os *insílios*¹⁵⁹ desses escritores como exemplos de honestidade e heroísmo intelectual. Evidenciadas por Arenas como escrituras que não se submetiam a outros desígnios, outros compromissos, as obras dos referidos escritores foram apresentadas como detentoras de uma verdade a ser cultivada:

Dizer a verdade sempre foi um ato de violência. [...] A verdade, o simples, o conciso, a pura verdade se tornou uma palavra subversiva, proibida ou de mau gosto. É preferida a desonestidade à sinceridade. [...] No entanto, tendo perdido quase tudo, ainda um Deus invulnerável nos inspira e sustenta, o Deus da raiva. Ele tem nos encorajado nos momentos de maior medo. Graças a ele, tivemos e teremos forças para dizer o que eles não permitem dizer, e somos nossa inquietação íntima e intransferível, nosso estupor inexpugnável. Que nos encoraje sempre – em um mundo contaminado por estupidez, oportunismo, covardia, vileza, tolice e crime –, a alegria de perecer prisioneiros de indignação lendária e heroica.¹⁶⁰

Ao aliar essa verdade, que segundo o intelectual figurava nas obras de José Lezama Lima e Virgílio Piñera, aos símbolos de uma escrita vingativa e abençoada pelo “deus da cólera”, Reinaldo Arenas desestabilizava os signos essenciais da Revolução, quais sejam, a ideia de uma luta inteiramente instituída sobre bases de igualdade, bem como, a existência de

¹⁵⁷ José Lezama Lima foi um romancista e poeta cubano, nascido em Havana em 1910. Entre seus escritos, o romance *Paradiso* (1966) recebeu destaque, sendo aclamado por escritores como Júlio Cortázar e Carlos Monsiváis. Ainda que vários de seus livros tenham sido impedidos de circular na ilha de Cuba, o escritor tornou-se conhecido nos circuitos literários internacionais, sendo publicado em países da América Latina e Europa. Para mais informações sobre sua trajetória literária, ver: BUSTAMANTE ESCALONA, Fernanda. De un habanero insilio insular al circuito editorial en la España tardofranquista: *Paradiso* (1966) de José Lezama Lima. *Anclajes*, v. 25, n. 2, p. 31, 2021. Disponível em: < <https://cerac.unlpam.edu.ar/index.php/anclajes/article/view/4712>>. Acesso em: 05 jun. 2023.

¹⁵⁸ O poeta e dramaturgo Virgílio Piñera, atuou no ambiente literário cubano, sobretudo entre 1940 e 1960. Compôs vários projetos editoriais, como a revista *Poeta* (1942-1943), a revista *Orígenes* (1944-1956) e a revista *Ciclón* (1955-1957). Após o triunfo revolucionário, participou, também do importante suplemento literário *Lunes de Revolución* (1959-1961), dirigido por Guillermo Cabrera Infante. Entre suas obras mais conhecidas, pode-se citar *La isla em peso* (1943), reproduzida e analisada por Arenas na segunda edição da *Revista Mariel*. Ver: MARIEL. *Revista de literatura y arte*. Nova York, NY. v. 1, n. 2, p. 20-24. Verano, 1983. Disponível em: <<http://americalee.cedinci.org/portfolio-items/mariel/>>. Acesso em: 19 out. 2022.

¹⁵⁹ Os *insílios*, identificados por Said como exílios metafóricos, são os processos de separação que os indivíduos sofrem dentro de sua própria terra. Para o intelectual trata-se de um sentimento de dissonância ou incongruência, “da condição de estar sempre irrequieto e causar inquietação nos outros”. Ver mais em: SAID, Edward W. *Representações do intelectual...*, op. cit., p. 60.

¹⁶⁰ MARIEL. *Revista de literatura y arte*. Nova York, NY. v. 1, n. 2, op. cit., p. 22.

uma liberdade plena em Cuba.¹⁶¹ Em outras palavras: se tais obras literárias consistiam em expressões de uma verdade absoluta e a censura sobre elas representavam a violência e a barbárie, não restava a José Lezama Lima e Virgílio Piñera qualquer outra designação que não constituísse o binômio vítima-herói, como não restava outros lugares simbólicos aos Revolucionários e seus aliados, que não os de algozes e cúmplices.¹⁶² Desse modo, o estabelecimento de novas figuras a serem reconhecidas constituiria uma segunda estratégia dos escritores exilados.

Não obstante, o estabelecimento de credibilidade às novas figuras não poderia ser efetuado sem um desordenamento simbólico, isto é, uma crítica àqueles que produziam verdades destoantes daquelas instituídas pelos marielistas. Como pode ser observado em artigo de 1984, veiculado na revista, a oposição a esses sujeitos é reforçada. Sob o título *Include me out*, Guillermo Cabrera Infante, apesar de ser reconhecido como um dos representantes do *Boom latino-americano* pela publicação da obra *Três Tristes Tigres*, recusava-se ser associado aos demais escritores desse fenômeno:

O ano de 1967 foi indicado como o ano do nascimento do boom. Ou seja, momento em que os críticos [...] observaram que na América mais ou menos hispânica havia dois ou três livros que poderiam ser lidos sem corar [...]. Naquele ano o malfeito Miguel Angel Asturias ganhou, sem bilhete, na loteria do Prêmio Nobel; naquele ano saiu *Cem Anos de Solidão*; naquele ano, eu não quero esquecer, publicou-se *Três Tristes Tigres*. Mas na realidade, os cronistas (refiro-me aos compositores de cronologia) esqueceram que cinco anos antes, ou seja, em 1962, Mario Vargas Llosa havia ganhado um importante prêmio espanhol, o Joan Petit-Biblioteca Breve cedido pela editora catalã Seix-Barral [...]. Era a primeira vez que a Espanha reconhecia a novela sul-americana [...]. Mas naquele ano ocorreu outro evento literário que apontava para o sul: Jorge Luis Borges ganharia [...] um prêmio ainda mais importante, [...] o Prix Internacional de literatura. Foi naquele ano de 1962 (e não cinco anos depois), quando Borges e Vargas ganharam dois prêmios literários europeus, que começou o verdadeiro interesse pela literatura latino-americana. Quanto ao Boom que foi inventado mais tarde, no qual Borges, dada sua estatura, não tinha lugar, é preciso dizer com franqueza que era apenas um clube [...]. E este certamente não foi o melhor. [...] Nunca pertenci ao boom, nunca quis pertencer.¹⁶³

¹⁶¹ Ações literárias movidas por fatores dicotômicos como razão e emoção constituem na historiografia o campo do ressentimento. Segundo Pierre Ansart, as relações humanas são compostas também por hostilidades e por suas consequências psicológicas. Nesse sentido, a mágoa pode ser considerada uma propulsora de reações a situações repressivas, sendo entendida, portanto, como mais uma força motriz da história. Ver mais em: ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Marcia. *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2004, p. 15-36.

¹⁶² Na metodologia aqui empregada, o testemunho não se torna legítimo por apresentar uma verdade incontestável. Observado não como prova documental, mas como parte do evento analisado, o testemunho é utilizado para demonstrar como seus propositores interviam na sociedade. A análise privilegia o relato mais como uma atuação no tempo presente do que como uma fonte irrefutável dos acontecimentos do passado recente. Ver mais em: TOZZI, Verónica. The epistemic and moral role of testimony. *History and Theory*, v. 51, n. 1, p. 6, 2012. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/41342629>>. Acesso em: 18 jan. 2023.

¹⁶³ MARIEL. *Revista de literatura y arte*. Nova York, NY. v. 1, n. 5..., op. cit., p. 3.

Entre os textos de intelectuais e artistas cubanos promovidos na *Revista Mariel*, nota-se que os sarcásticos escritos de Guillermo Cabrera Infante, exilado ainda em 1965, corroboravam com o argumento do corpo editorial, buscando valorizar os excluídos, os esquecidos, os inviabilizados em detrimento daqueles que constituíram o que foi considerado a típica literatura latino-americana. Argumento muito semelhante é encontrado na obra autobiográfica de Arenas, onde a figura de Borges é novamente exaltada e a de Gabriel García Márquez rechaçada:

Um dos mais notórios casos de injustiça intelectual deste século é o de Jorge Luis Borges, a quem negaram sistematicamente o prêmio Nobel, por causa de sua postura política. Borges é um dos escritores latino-americanos mais importantes do século; talvez o mais importante; entretanto, deram o prêmio Nobel a Gabriel García Márquez, plagiador de Falkner, amigo pessoal de Castro e oportunista nato. Sua obra, embora tenha alguns méritos, é marcada por um populismo barato que não está à altura dos grandes escritores, mortos no esquecimento ou relegados a um segundo plano.¹⁶⁴

Ao deslegitimarem a escrita de Gabriel García Márquez, que permaneceu fiel aos dirigentes cubanos enquanto outros intelectuais, como Simone de Beauvoir e Jean Paul Sartre, já haviam rompido com o regime desde o caso Heberto Padilla¹⁶⁵, colocavam em prática uma terceira estratégia, qual seja, uma sistemática relativização de autores e obras canônicas da vanguarda revolucionária.

É claro que essas estratégias, aqui identificadas e na época compartilhadas por muitos dos marielistas, não consistiam em um plano delimitado e coerente de ações, a ser seguido como uma receita ou uma bula. Não podem ser vistas como estruturas rígidas, sem espaço para o contingencial. Poderiam ser mais bem definidas como um agir entre sujeitos que viviam a história com indeterminação e que utilizavam dos recursos disponíveis para consolidar o devir que lhes interessava. Essas estratégias são representativas de uma articulação de conhecimentos compartilhados e validados pelo grupo de dissidentes; de um avizinhamento entre os constituintes do êxodo em redes de sociabilidade.

Havia um pequeno grupo de cubanos em Nova York, todos chegados via Mariel. Costumávamos nos reunir com frequência e líamos nossos textos. O apartamento de René Cifuentes, na Oitava Avenida, era um dos pontos de encontro; lá falava-se de qualquer coisa, criticava-se, lia-se. [...] Juan Abreu e outros amigos que também

¹⁶⁴ ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça...*, op. cit., p. 333.

¹⁶⁵ Em 1968, Heberto Padilla, escritor cubano reconhecido escreve o livro *Fuera del Juego*, que apesar de ser premiado pelo júri da UNEAC é lançada com uma nota de repúdio que condenava a obra por veicular conteúdo contrarrevolucionário. Após ser afastado da Universidade de Havana e ter seus escritos condenados, o intelectual é preso em 1971 “acusado pelo *Departamento de Seguridad del Estado* por atividades subversivas”. Depois de ficar incomunicável por um mês, Padilla vai a público em uma cerimônia, renega toda sua obra e delata seus amigos. O episódio culminou em uma carta de cerca de oitenta intelectuais que repudiavam a ação coercitiva revolucionária e a suspensão das liberdades individuais. Ver mais em: MARQUES, Rickley Leandro. O papel dos intelectuais na revolução cubana: o caso Padilla. *Em Tempo de Histórias*, n. 13, p. 111-112, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/view/20030>>. Acesso em: 24 out. 2022.

chegaram no êxodo de Mariel, como Carlos Victoria e Luiz de la Paz, viviam em Miami; em Washington estava Roberto Valero, estudando na Universidade de Georgetown; em Nova York, estava Reinaldo Ramos, René Cifuentes e eu mesmo. Todos nós "marielitos", resolvemos fundar a revista Mariel.¹⁶⁶

A *Revista Mariel* também não era a única que surgia na década de 1980 direcionada a um viés opositor à Revolução. Estava em consonância com outras publicações exílicas da época, como a *Término* dirigida por Ismael Lorenzo e a *Unveiling Cuba* dirigida por Roberto Madrigal e Manuel Ballagas. Assim como Mariel, ambas as revistas se comprometiam com uma “luta antitotalitária”, compreendida como uma recusa em aceitar sociedades que se estruturavam pela restrição da liberdade e controle da vida pública e privada. Essas revistas não estavam alheias umas às outras, promoviam-se mutuamente.¹⁶⁷ Os textos e imagens de Arenas também transitavam em distintos espaços, como na revista *Vuelta* de Octávio Paz, ou em filmes, como *Sus propias palabras* de Jorge Ulla e *Conducta impropia*, de Néstor Almendros e Orlando Jiménez Leal. Tudo isso demonstra o caráter heterogêneo dessas ações, que se efetivavam muitas vezes a partir de iniciativas individuais, mas que também eram articuladas a partir de forças coletivas.

Evidencia-se, portanto, que as estratégias literárias utilizadas pelos marielistas - entre elas, a ampliação dos marcos referentes a perseguição em Cuba, o esforço de reconhecimento de novas figuras cubanas, e a relativização das figuras e obras canônicas - constituem um conjunto de diligências, por vezes particulares e por vezes mobilizadas em grupo, que intentavam e eram capazes de construir oposições a conhecimentos preexistentes no que diz respeito ao fenômeno revolucionário. Tais estratégias revelam não a Revolução Cubana como uma instituição falida, como pretendiam os dissidentes engajados, mas a existência de uma verdadeira luta de representações entre *campos intelectuais*¹⁶⁸ dissonantes, que avaliavam e construíam o fenômeno a partir das mais adversas epistemologias.

Esquadrinhadas algumas das estratégias presentes no periódico, cujas manifestações configuravam a Revolução Cubana pejorativamente, consideremos agora um outro aspecto essencial, a aporia. Segundo Said:

O exilado vê as coisas tanto em termos do que deixou para trás como em termos do que de fato acontece no presente; através dessa dupla perspectiva, ele nunca vê as

¹⁶⁶ ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça...*, op. cit., p. 155.

¹⁶⁷ DRUMMOND, Caroline. *Exílio, literatura, intelectuais e política em Mariel...*, op. cit., p. 44.

¹⁶⁸ Para Bourdieu, “o campo intelectual constitui um sistema de linhas de forças, isto é, os agentes ou sistemas que o compõem podem ser descritos como forças que se dispendo e opondo, lhe conferem sua estrutura específica num dado momento do tempo” de modo que “a relação estabelecida entre os criadores e suas obras [...] é afetada por um sistema de relações sociais nas quais se realiza a criação como ato de comunicação. BOURDIEU, Pierre. Campo intelectual e projeto criador. In: POUILLON, Jean. *Problemas do estruturalismo*. RJ: Zahar, 1968, p. 105.

coisas de maneira separada ou isolada. Cada cena ou situação no novo país aproxima-se necessariamente de sua contrapartida no país de origem. Do ponto de vista intelectual, isso significa que uma ideia ou experiência é sempre contraposta a outra, fazendo com que ambas apareçam sob uma luz nova e imprevisível.¹⁶⁹

São sobre essas comparações e contrariedades, capazes de alocar a construção da memória do êxodo de Mariel sob uma perspectiva dialética, que nos debruçaremos agora, observando tanto as inflexões quanto as coerções retóricas – sempre passíveis de subversão – que orientam a leitura.

O conhecido “Comunicado” de Arenas e Carlos Franqui – diretor do jornal *Revolución*¹⁷⁰ – escrito em março de 1983, apresentava treze pontos que traduziriam a “verdadeira situação do povo cubano sob o castrismo”. O extenso documento denunciava uma casta militar cubana privilegiada que dispunha de “mercados especiais” enquanto a população tinha de lidar com intensos racionamentos de comida; incriminava os campos de trabalho forçado, cuja violência direcionava-se sobretudo aos “homossexuais, intelectuais dissidentes, religiosos e mulheres de amor livre”; e ainda nomeava as prisões superlotadas, bem como, os adolescentes, estudantes universitários e escritores que haviam sido alvos de fuzilamento. Todas as inferências estavam respaldadas por dados como o nome das vítimas e as cifras da quantidade de comida que cada cidadão poderia consumir em um mês. Solicitavam, ainda, que a ONU e a UNESCO se certificassem dos ocorridos. Ao sugerir que a Revolução, em seus anos iniciais, era guiada por um caráter “humanista e libertário”, mas que a partir do alinhamento a União Soviética tornou-se uma expressão repressiva, culpabilizava Fidel Castro e seus apoiadores pela implantação da ideologia comunista em Cuba e por uma suposta ampliação do retrocesso e da barbárie:

A Revolução Cubana nascida no calor da luta pela liberdade teve a princípio um caráter humanista, não comprometido com a ideologia comunista e sim com as metas de pão sem terror, pão com liberdade, o que valeu o apoio de quase todo o mundo. Mas essa jovem Revolução, da qual hoje só se conserva o mito, foi asfixiada pela camisa de força soviética e pela ambição militarista e caudilhistas de Fidel Castro.¹⁷¹

É interessante notar, contudo, que se, nesse comunicado, a experiência revolucionária anterior ao alinhamento à União Soviética é reivindicada como uma manifestação não

¹⁶⁹ SAID, Edward W. *Representações do intelectual...*, op. cit., p. 67.

¹⁷⁰ *Revolución* foi um jornal cubano de grande sucesso. Inicialmente foi acolhido pelos revolucionários por promover visibilidade ao Movimento 26 de Julho, mas teve as portas fechadas após se contrapor a censura de *P.M.*, filmado por Sabá Cabrera Infante e Orlando Jiménez Leal. Atuou entre 1959 e 1961. Ver em: MISKULIN, Silvia Cezar. A política cultural na Revolução Cubana. *Caderno CRH*, v. 32, n. 87, p. 539, 2019. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/3476/347663003006/html/>>. Acesso em: 18 jan. 2023.

¹⁷¹ ARENAS, Reinaldo. *Cartas a Margarita y Jorge Camacho...*, op. cit., p. 395.

comunista – portanto, legítima, na perspectiva do escritor –, em sua autobiografia, escrita a partir de 1988, a memória estabelecida é outra. Em *Antes que anoiteça*, Arenas não apenas associou os *tribunais revolucionários* da luta insurgente a uma suposta violência comunista, como sugeriu um socialismo implantado em Cuba e encoberto por Fidel Castro desde 1959:

Foi ali [Havana, Cuba, 1961] que ouvi a afirmação negada por ele [Fidel Castro] anteriormente; ouvi Castro dizendo que tínhamos feito uma revolução socialista, que éramos socialistas. Subitamente, tudo aquilo que fora ocultado durante dois anos revelava-se sem o menor escrúpulo. [...] Sem dúvida nenhuma, tudo aquilo vinha sendo planejado quase desde o início da Revolução; os slogans, os textos, o momento mais propício para lançar publicamente a declaração do caráter comunista da Revolução.¹⁷²

Com o estatuto de memória produzida no campo dos conflitos, o testemunho de Arenas não atesta a veracidade da afirmação; não comprova a existência de uma Revolução Socialista desde o triunfo revolucionário. Seu valor está na alteração do argumento, que, ao ser drasticamente modificado em um intervalo de cinco anos, corrobora com a asserção de uma escrita progressivamente comprometida com um viés homogeneizante. As próprias epístolas do intelectual anteriores a 1971 não fazem menção a qualquer desejo de deixar o arquipélago, limitando-se a apresentar as mudanças na política de direitos autorais cubanos, as dificuldades de publicação e o cansaço do serviço revolucionário. Por mais que a autobiografia de Arenas apresente a Revolução Cubana como um bloco repressivo, afirmando que em 1958 já observava a denúncia dos *Chivatos*¹⁷³ como uma expressão das injustiças da Revolução¹⁷⁴, é apenas a partir do enrijecimento das políticas culturais na ilha na primeira metade da década de 1970 que se nota a radicalização de sua oposição, paulatinamente amplificada. Novamente, é necessário assinalar que essa leitura, aqui apresentada, não nega as violências praticadas contra o intelectual e os demais dissidentes em momento anterior a década de 1970, mas situa seus testemunhos como construções narrativas posteriores, formuladas para atingir propósitos e cimentar devires.

Na *Revista Mariel*, constituída como espaço de luta antirrevolucionária, de defesa das liberdades individuais, cujos textos preconizam o exílio nos Estados Unidos como “uma experiência de liberdade de expressão em uma sociedade democrática, suscetível ao convívio

¹⁷² ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça...*, op. cit., p. 85.

¹⁷³ O termo *Chivato* tem sentido pejorativo e é usado na língua castelhana para nomear aqueles que delataram pessoas ou traíram causas. Pode ser traduzida como “informante”. Ver em: Cambridge Dictionary. Disponível em: < <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/espanhol-ingles/chivato>>. Acesso em: 14 nov. 2022.

¹⁷⁴ ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça...*, op. cit., p. 69.

com ideologias e ideias divergentes”¹⁷⁵, algumas pistas também possibilitam observar a existência de críticas e ressalvas a respeito da “terra de acolhida”¹⁷⁶. Ainda no primeiro número, em que o corpo editorial define o projeto da revista como um empenho em desconstruir uma imagem social prevalecente sobre os marielitos e tornar realizável a obra dos dissidentes intelectuais, notam-se observações sobre as práticas literárias no sistema de mercado:

Nos países totalitários perfeitos, a arte pública (a única autorizada) se limita a desenvolver uma tese partidária, a tese do Estado, que culmina em um final esperado, imposto e sobrecarregado. Isso significa a morte da arte como tal. [...] Contudo, no capitalismo muitos escritores caem na armadilha, ou na tentação, de converter sua obra em uma mercadoria que lhes permite viver folgadoamente. De criadores passam ao plano de produtores. Daí os perigos muito evidentes que conspiram na atualidade contra a verdadeira obra de arte: o mercantilismo da criação no Ocidente e a burocracia da chamada cultura nos países comunistas [...]. Não existe uma arte mercantil, como não há uma arte doutrinária.¹⁷⁷

Essa fundamentação não apenas evidenciava a necessidade de um fazer literário guiado por premissas de experimentação e liberdade criativa – que se opunham às determinações morais preconcebidas a partir de um viés regulatório –, como também rechaçava uma concepção de arte mercantil, pautada pela lógica de demanda e produção em massa. Segundo Arenas:

Irreverente, a revista se metia com todo mundo, rendia homenagens aos grandes escritores, desmascarava os hipócritas, combatia a moral burguesa prevalecente em Miami. Dedicamos um número ao homossexualismo em Cuba, incluindo entrevistas com pessoas que eram vítimas de preconceito de sociedades conservadoras e reacionárias, como as de Miami e de grande parte dos Estados Unidos.¹⁷⁸

Esses fatores – ainda que analisados a contrapelo –, ajudam a flexibilizar tanto a Revolução quanto a própria figura de Arenas como unidades coesas. São importantes para demonstrar um ambiente dinâmico e controverso. É evidente que o esforço de desconstrução dos estigmas sobre os marielitos efetuado pelos dissidentes intelectuais do exílio, recaía, majoritariamente, não sobre os novos enfrentamentos do desterro, isto é, a segregação e a marginalização induzidas por políticas e pelas ações dos estabelecidos estadunidenses, mas

¹⁷⁵ DRUMMOND, Caroline. *Exílio, literatura, intelectuais e política em Mariel...*, op. cit., p. 82.

¹⁷⁶ Segundo Rollemberg, “o termo [terra de acolhida] é amplamente utilizado na literatura e nas instituições que se ocupam de refugiados para designar o país onde estes passam a viver. Entretanto, se a palavra ‘acolhida’ faz lembrar a solidariedade que muitas vezes esteve presente na recepção e no processo de adaptação à sociedade, ela também encobre ou atenua uma realidade bem mais complexa. [...] Se segmentos da sociedade se mobilizam para receber exilados políticos, outros agem em sentido contrário, identificando-os a ‘terroristas’ cuja estadia devia ser interdita”. Ver em: ROLLEMBERG, Denise. *Exílio: refazendo identidades...*, op. cit., p. 49.

¹⁷⁷ MARIEL. *Revista de literatura y arte*. Nova York, NY. v. 1, n. 1..., op. cit., p. 2.

¹⁷⁸ ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça...*, op. cit., p. 330.

sobre um passado ainda presente, uma vivência que não era possível transpor, uma memória ainda não condicionada e, por isso, passível de ser legislada. A verdade, tomada como algo a ser desvelado entre os marielistas, não era a novidade de uma liberdade civil ilusória, mas a vulgaridade de uma liberdade coletiva não abrangente. Esse engajamento, contudo, não pode ser visto como uma aderência alienada ao sistema de capital. Os escritos na *Revista Mariel* e os testemunhos literários de Arenas não estavam livres das conjunções adversativas, das perspectivas comparativas, tornando-se muito mais representativos de realidades cindidas, vivências fragmentadas, experiências colocadas em hiato, do que de uma adesão absorta a qualquer partido. Se há algo para ser notado nos silêncios é o fato de que os ideais responsáveis pela incorporação de muitos desses dissidentes à luta revolucionária em seu momento inicial não deixaram de ser defendidos por eles. Os princípios de “emancipar-se, bater-se contra o fascismo e o colonialismo, contra a injustiça, contra a opressão, construir uma sociedade de iguais”¹⁷⁹, muito usados para referenciar o comunismo no século XX, continuavam a ressonar em suas mentes e manuscritos.

1.3 - Narrativa e poder ou o poder de narrar: ficcionalização, experimentação e metalinguagem nos escritos de Reinaldo Arenas

*Rechazamos qualquer teoria política ou literária que possa restringir a livre experimentação, a crítica e a imaginação, requisitos fundamentais para toda obra de arte.*¹⁸⁰

Editorial – Revista Mariel

De acordo com Vera Figueiredo, as ideias europeias de civilização e evolução já haviam sido importadas pelos países latino-americanos desde o século XIX. As literaturas de fundação das nações do Novo Mundo encontravam-se saturadas de conceitos que não necessariamente refletiam a realidade desses povos. A contradição é explícita: sujeitos de países recém-independentes, dotados de vivências sem precedentes, recorriam a terminologias como

¹⁷⁹ Segundo Traverso, no século XX, “quando se generalizava o sentimento de que a humanidade estava à beira do abismo e a civilização se arriscava a conhecer um eclipse definitivo, o comunismo aparecia, aos olhos de milhões de homens e mulheres, como uma alternativa pela qual valia a pena lutar. [...] A ideia de comunismo estava fortemente enraizada na sociedade, na cultura e na expectativa das classes populares”. TRAVERSO, Enzo. Usos políticos do passado. In: TRAVERSO, Enzo. *O passado, modos de usar: história, memória e política*. Lisboa: Edições Unipop, 2012, p. 121.

¹⁸⁰ MARIEL. *Revista de literatura y arte*. Nova York, NY. v. 1, n. 1, p. 2. Primavera 1983. Disponível em: <<http://americalee.cedinci.org/portfolio-items/mariel/>>. Acesso em: 5 out. 2022.

“tradição” para referenciar suas experiências e construir a incipiente pátria. Nas palavras da autora:

A temporalidade moderna, gerada por uma lógica de encadeamento causal entre passado-presente-futuro, esbarrava com a nossa irrupção abrupta no mundo ocidental, com a difícil relação com o passado e com a impressão de que o futuro acabava sendo determinado por uma história que vinha de fora.¹⁸¹

É só no século XX, quando os sismos na fé historicista se tornam aparentes e a crença na figuração realista do passado encontra sua crítica, que vimos surgir, sobretudo em uma América Hispânica, romances capazes de elaborar novas relações com a temporalidade moderna, relativizando a história gestada pelo ocidente europeu. Segundo Figueiredo, romances, como *El reino de este mundo* (1949) do cubano Alejo Carpentier, passaram a não ratificar a lógica dialética de negação e afirmação das literaturas europeias; a não corroborar com a ideia de uma temporalidade hegemônica e compartilhada. Diferente dessas concepções, referenciavam mundos desconexos, tradições sobrepostas e sedimentadas, tempos cíclicos, míticos, muito mais característicos da formação histórico-cultural latino-americana.

A narrativa histórica de Alejo Carpentier, Augusto Roa Bastos, Gabriel García Márquez, Carlos Fuentes e outros procura trabalhar com a multitemporalidade que nos caracteriza. Dilui os contornos entre história e lenda, problematizando o discurso racionalista e suas categorias "puras", para contemplar nossa realidade multifacetada. [...] A partir desta consciência, cria-se uma "literatura de resistência" que se propõe rever as certezas universalizantes do colonizador. O que move este novo romance é a vontade de reinterpretar o passado com os olhos livres das amarras conceituais criadas pela modernidade europeia no século XIX; é a consciência do poder da representação, da criação de imagens e, conseqüentemente, do poder de narrar.¹⁸²

Nessas novas propostas literárias, ficção e realidade se estreitam, se afunilam para conceber verdades distintas daquelas já estabelecidas. Se as obras fictícias do século XIX permitiam uma experiência de leitura baseada em personagens-tipo, isto é, representativos de uma classe ou de um modo de vida externo ao texto, no século XX, o *fantástico* propriamente dito, recebia a anuência para imitar o mundo sob novas formas. Para esses literatos, o contato com as tramas – não mais lineares e não mais aspirantes a retratar uma realidade empírica – permitia ao leitor, ora ser arrebatado pela ficção, ora projetar sobre ela sua experiência sensível. Ao tornar-se coautor desses mundos, o receptor da obra podia experimentar valores sob novos

¹⁸¹ FIGUEIREDO, Vera. O romance histórico contemporâneo na América Latina. Rio de Janeiro, *Revista Brasil de Literatura*, 1997. Disponível em: < <https://lfile.tripod.com/Vera.html>>. Acesso em: 02 jan. 2023.

¹⁸² Idem.

ângulos, sendo levado a compreender novas possibilidades de existir, de intervir e de ser.¹⁸³ A experiência de leitura não mais se baseava na aceitação de um aparente real – pré-concebido e ordenado – mas em uma realidade que se fazia e desfazia diante dos olhos, sempre aberta. Em outras palavras, as obras desvelavam a realidade como passível de intervenção. Tratava-se não apenas de uma outra forma de construir literatura, mas de conceber o mundo fenomenológico.

Veiculadas sobretudo no que se convencionou chamar de boom latino-americano – nomenclatura que já encontrou sua crítica por caracterizar uma homogeneização da literatura da década de 1960 e 1970 a partir da eleição de determinados cânones –, essas obras exerceram sobre os literatos da Geração Mariel profunda influência. Entre as produções da década de 1980, *El portero* (1987) apresenta continuidades e rupturas no que concerne as determinações canônicas, podendo ser utilizada para melhor compreender as nuances da atividade intelectual da Geração Mariel. Nesse sentido, o esforço neste item será o de explorar o projeto político-literário de Arenas, criando reflexões acerca de suas propostas estéticas e intervencionistas.

A escrita experimental – no que diz respeito as formas, estruturas e linguagens –¹⁸⁴, bastante característica em obras como *El coronel no tiene quien le escriba* do colombiano Gabriel Garcia Marquez, ou *Aura* do mexicano Carlos Fuentes, estende-se as produções marielistas. Como está evidenciado na epígrafe deste item, o corpo editorial da *Revista Mariel* alocava a imaginação e a crítica como elementos fundamentais do fazer literário, não se restringindo ao realismo tradicional. Para os editores “tanto a ficção quanto o ensaio deviam ser experimentos profundos e não meros engenhos acadêmicos constituídos por jargões em voga e teorias pré-concebidas”¹⁸⁵.

El portero não foge à definição. Ainda que apresente uma história verossimilhante, com personagens cubanas expatriadas pelo Êxodo de Mariel e seus conflitos na sociedade estadunidense, o que salta aos olhos são as ficcionalizações, o foco narrativo e a metalinguagem. Em detrimento de um narrador onisciente – que seria detentor das subjetividades das personagens – e de um narrador observador – que contando “de fora” criaria

¹⁸³ A compreensão de que o leitor se torna um coautor da obra, completando seus sentidos, pressupõe que a literatura é lacunar. Essa abordagem remete a *Estética da recepção*, desenvolvida sobretudo na Alemanha de 1960, cuja base teórica defendia um olhar mais acurado sobre a figura do leitor. Ver mais em: ISER, Wolfgang. O fictício e o imaginário. In: ROCHA, J.C.C. *Teoria da ficção: indagações à obra de Wolfgang Iser*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, p. 65-66.

¹⁸⁴ De acordo com Vidal Costa, apesar de distintas entre si, as obras do Boom apresentavam semelhanças no que diz respeito a uma escrita experimental. Distantes da tradição realista, os romances que passaram a ter grande circulação a partir do fenômeno editorial, possibilitaram a América Latina despontar na cena internacional, no plano intelectual e literário, além de permitirem uma tomada de consciência coletiva sobre os problemas e potencialidades dos países até então considerados subdesenvolvidos. COSTA, Adriane Aparecida Vidal. *Intelectuais, política e literatura na América Latina...*, op. cit., p. 131-134.

¹⁸⁵ MARIEL. *Revista de literatura y arte*. Nova York, NY. v. 1, n. 1. Primavera 1983..., op. cit., p. 2.

o efeito de narração objetiva e imparcial –, Arenas produz o romance a partir de um narrador testemunha ou homodiegético, isto é, “um personagem em seu próprio direito dentro da história, mais ou menos envolvido na ação, mais ou menos relacionado ao protagonista”¹⁸⁶. Essa entidade narrativa, que a todo momento critica o protagonista marielita Juan por não se adequar a nova terra, por não saber lidar com o desterro ou por não conseguir emprego, não conhece profundamente seus sentimentos, não entende suas ações, nem está inteiramente familiarizado com sua trajetória. Isso pode ser observado em expressões como “não podemos explicar quais eram as causas” ou “na medida do possível, podemos expô-lo”¹⁸⁷. No entanto, essa escolha formal se choca com as pretensões da voz em relatar uma realidade factual:

É importante que o leitor entenda desde o início, o fato de sermos um milhão de pessoas que assinamos esse documento nos obriga a levar nosso raciocínio a uma espécie de meio-termo, ou para empregar uma expressão tão cara nessa terra, *avaliar* razoavelmente os fatos. Reconhecemos que muitos de nós gostaríamos de ser mais drásticos com alguns personagens, mais atenciosos com outros, e inclusive suprimir as ações pouco escrupulosas realizadas pelos verdadeiros imorais. Mas o consenso geral dos que assinaram preferiu não prejudicar a objetividade deste testemunho.¹⁸⁸

O trecho selecionado evidencia as aspirações do narrador – que se apresenta como uma voz coletiva de cubanos estabelecidos nos Estados Unidos – em capturar, julgar de forma neutra e apartidária as ações das demais personagens. A exposição da obra como um documento assinado, isto é, como prova, sugere ainda uma tentativa de certificar a validade da narrativa e expor uma verdade. O desafio está dado: como explicar objetivamente o que não se conhece de modo integral? Como conferir imparcialidade a uma história na qual se está inserido? É por meio desse impasse fundamental expresso em artifícios de linguagem que *El portero* se torna palco da realidade. Explicitam-se as tensões entre o querer contar e não poder; revelam-se os conflitos entre uma coletividade que se apropria de uma história e as experiências individuais que não se conformam a narração; inicia-se o espetáculo onde figuram o discurso hegemônico e a subjetividade do Outro. O efeito imediato é a simulação de uma realidade em disputa.¹⁸⁹

¹⁸⁶ Segundo Friedman, “a consequência natural desse espectro narrativo é um acesso apenas ordinário aos estados mentais dos outros personagens; logo, sua característica distintiva é a renúncia à onisciência. À sua disposição, o leitor possui apenas os pensamentos, sentimentos e percepções do narrador-testemunha; e, portanto, vê a estória daquele ponto que poderíamos chamar de periferia nômade”. FRIEDMAN, Norman. O ponto de vista na ficção. *Revista USP*, SP, n. 53, p. 175-176, 2002. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br> > Acesso em: 3 jan. 2023.

¹⁸⁷ ARENAS, Reinaldo. *O porteiro...*, op. cit., p. 11-12.

¹⁸⁸ *Ibidem*, p. 24-25.

¹⁸⁹ De acordo com Hutcheon, o romance histórico tradicional “costuma incorporar e assimilar os dados históricos a fim de proporcionar uma sensação de verificabilidade, a metaficção historiográfica incorpora esses dados, mas raramente os assimila. Na maioria das vezes, o que se enfatiza é o processo de tentar assimilar [...]. Ver em: HUTCHEON, Linda. Metaficção historiográfica: o passatempo do tempo passado. In: *Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção*. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1999, p.152.

A escolha dessa estrutura não é acidental ou inocente. Ao permitir que falem os cubanos estabelecidos e não os exilados marielitas, a história se efetiva como revelação das arbitrariedades sofridas pelos constituintes do êxodo de Mariel, que, ao serem estigmatizados em ambos os países em que viveram, tiveram suas versões inviabilizadas e perspectivas reprimidas. Mais do que expressa no conteúdo da obra, a violência sofrida está intrínseca à forma: em *El portero* não falam os marginalizados, os explorados, os não aceitos, os párias, os suicidas ou os loucos. Até mesmo Juan, o protagonista, é figurante da própria história. A narrativa está nas mãos dos ajustados, dos adequados, dos que detiveram o poder, inclusive para contar:

Chegamos agora ao ponto mais difícil desse trabalho [...]. Realmente não sabemos com certeza qual estilo empregar para tornar esta história mais verossímil sem com isso afetar a parte aparentemente fantástica que ela contém. Naturalmente, ao levantar essas dificuldades referentes a composição literária, próprias de uma comunidade cujo trabalho não é precisamente a literatura, alguns nos reprovam por termos nos apropriado das rendas desse recontar, quando temos indivíduos isolados que são, ou dizem ser, verdadeiros escritores e que seguramente poderiam desempenhar essas funções melhor que nós. Por que então – reprova-nos esta minoria sempre discrepante que existe em todo conglomerado social livre – não pedir a participação de um Guillermo Cabrera Infante, de um Heberto Padilla, de um Severo Sarduy ou de um Reinaldo Arenas, pessoas mais aptas para essas tarefas? Por que vamos nos meter em um terreno que não nos pertence, quando contamos com verdadeiros especialistas radicados no exílio? A razão é muito simples. Com Guillermo Cabrera Infante este relato perderia seu sentido medular e se converteria em uma espécie de palhaçada ou diversão linguística carregada de frivolidades mais ou menos criativas. Heberto Padilla aproveitaria cada frase para interpolar seu ego hipertrofiado, de modo que em vez de nos oferecer as vicissitudes de nosso porteiro, o texto se converteria em uma espécie de auto apologia do próprio escritor por ele mesmo, sempre na primeira pessoa e em primeiro plano, não deixando brilhar nem o mais insignificante inseto. Quanto a Reinaldo Arenas, sua homossexualidade confessa, delirante e reprovável contaminaria todas as nuances do texto, todas as situações, descrições e personagens, obscurecendo a objetividade deste episódio que em nenhum momento pretende ser, nem é um caso de patologia sexual. Por outro lado, se tivéssemos decidido por Sarduy, tudo se transformaria em uma bijuteria neobarroca e não haveria Cristo que pudesse entender.¹⁹⁰

É através desse movimento metalinguístico presente na obra que os sentidos se ampliam.¹⁹¹ Chegam ao leitor duas asserções: primeiro, a história que se tem acesso trata-se de uma versão entre muitas – ainda que a narração em primeira pessoa do plural afirme o oposto –; segundo, a farsa da neutralidade dos estabelecidos expressa-se na incoerência de suas

¹⁹⁰ ARENAS, Reinaldo. *O porteiro...*, op. cit., p. 143.

¹⁹¹ Ferreira evidencia que as metaficções consistem em obras que “refletem conscientemente sobre sua condição de ficção, acentuando o ato de escrever e interrompendo violentamente as convenções do romance, mas sem recair na mera absorção técnica. [...] O ponto essencial é que esses textos expõem a ficcionalidade da própria história; eles negam a possibilidade de uma distinção claramente sustentável entre história e ficção ao darem relevo ao fato de que só podemos conhecer a história como mediação de várias formas de representação ou de narrativa”. Ver em: FERREIRA, Antônio Celso. *Literatura – A fonte fecunda*. In: LUCA, Tania Regina de; PINSKY, Carla Bassanezi. *O Historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 76.

próprias afirmações, nas quais o impulso manifesto de não permitir ao Outro falar suplantam a alegação de objetividade. Em outras palavras, Arenas não faz testemunhar os oprimidos – visto que seus relatos não são aceitos socialmente –, ao contrário, sua simulação posiciona a lente ampliadora sobre a versão incongruente dos opressores a fim de que sejam pegos na minúcia de suas próprias contradições. Em última instância, as perspectivas do narrador não asseguram a realidade dos fatos, apenas anunciam o controle da narrativa. O domínio da história se revela como domínio do poder.

Tal como em *Antes que anoiteça*, ou nos escritos da *Revista Mariel* – projetos literários que legislaram sobre a memória da Revolução a partir de um viés racionalista –, as denúncias sobre um povo explorado e silenciado por narrativas dominantes continuam enérgicas em *El portero*. Se em sua escrita testemunhal há críticas evidentes a forma como foram tratados os dissidentes marielitos pelos revolucionários e a predecessora comunidade cubana de Miami, na obra ficcional as disputas entre o narrador (cubanos estabelecidos nos EUA) e o protagonista (arquétipo marielita) fortificam o posicionamento já manifesto.

Há, contudo, diferenças expressivas entre os gêneros literários. Enquanto em seus testemunhos o conhecimento antropológico elaborado concentra-se na oposição entre as distintas partes representadas, na obra ficcional as dicotomias opressor/oprimido ou ajustados/marginais resumem-se a uma ínfima fração dos sentidos produzidos. Ainda que no decorrer da trama as críticas da voz coletiva a Juan determinem rivalidade; ainda que digressões como a observada no trecho destacado revelem a supressão de determinados exilados na medida que outros detêm o poder de narrar, os vínculos criados entre os dois componentes literários extrapolam uma concepção binária. As associações entre o “Eu” e o “Outro” são marcadas também por relações de empatia e aceitação. Esses artifícios provocam a sensação de que ora o porteiro faz parte do coletivo, ora é expurgado do todo:

O certo é que há dez anos [Juan] havia deixado seu país (Cuba) em um bote e se estabelecido nos EUA. Tinha então dezessete anos e deixara para trás toda sua vida. Quer dizer, humilhações e praias, inimigos furiosos e gratas companhias a quem a perseguição tornava extraordinárias, fome e escravidão, mas também noites cúmplices e cidades na exata medida de seu desassossego; horror sem fim, mas também uma humanidade, uma maneira de sentir, uma fraternidade diante do espanto – coisas que aqui, com sua maneira de ser, eram estrangeiras... Mas nós também deixamos tudo isso e não morremos de tristeza com o mesmo desespero deste jovem. [...]. Não pretendemos nos vangloriar de termos tido com relação a ele preferências exclusivas. Não havia por que as ter. Ele era, como quase todos nós, ao chegar aqui, um jovem desqualificado, um trabalhador, uma pessoa a mais que vinha fugindo. Tinha que aprender, como aprendemos, o valor das coisas, o alto preço que se precisa pagar para conseguir uma vida estável. Um emprego bem remunerado, um apartamento, um automóvel, férias e, finalmente, uma casa própria [...]. Hoje somos cidadãos práticos, respeitáveis, muitos ficaram ricos, e integramos hoje a nação mais poderosa do

mundo. Mas este testemunho tem como objeto um caso excepcional. É a história de alguém que, diferentemente de nós, não pode (ou não quis) se adaptar.¹⁹²

O fato de o protagonista e o narrador terem compartilhado um passado comum ou disfrutado das mesmas dificuldades provenientes do exílio – separação das raízes sociais, culturais e linguísticas – sugere uma relação de paridade. Note que as proposições melancólicas no início do trecho destacado dizem respeito tanto a Juan quanto aos estabelecidos, que assolados pela *nostalgia*¹⁹³ figuram na história como iguais. A diferenciação entre eles só se torna evidente com a revelação da disparidade econômica. Enquanto Juan detinha bens materiais ou estabilidade financeira apenas no horizonte de expectativas, os estabelecidos já eram proprietários desses benefícios, adquiridos, segundo eles, a partir de um trabalho árduo a ser trilhado também pelo marielita:

Desde que chegou demos [a Juan] ajuda material (mais de duzentos dólares) e lhe conseguimos rapidamente o Social Security para que pudesse pagar impostos e, quase imediatamente, lhe conseguimos um emprego. Claro que não poderia ser um desses empregos que nós conseguimos, depois de vinte ou trinta anos trabalhando muito. Conseguimos um emprego na construção, ao ar livre. Ao que parece Juan começou a ter fortes dores de cabeça, causadas por insolação [...]. Naturalmente, tivemos que encontrar novos empregos para ele várias vezes. Foi camareiro em um bar, encarregado da limpeza dos banheiros de um hospital para refugiados haitianos, passador de roupas em uma fábrica de Midtown de Nova York, bilheteiro em um cinema da Rua 42... Que queriam vocês? Que oferecêssemos nossas piscinas? Que assim, por sua linda cara lhe abrissemos as portas de nossas residências em Coral Gables? que lhe entregasse nosso carro do ano para que conquistasse nossas filhas, que com tanto esmero educamos, e que o deixássemos, enfim, viver a doce vida sem antes conhecer o preço que neste mundo se tem que pagar por cada lufada de ar? Isso sim que não.¹⁹⁴

¹⁹² ARENAS, Reinaldo. *O porteiro...*, op. cit., p. 11-13.

¹⁹³ Segundo Boym, a nostalgia – termo forjado pelo suíço Johannes Hofer – teve sua origem na medicina. Considerada uma doença no século XVII, prescrevia-se para soldados viajantes ou para estudantes em território estrangeiro, soluções como ópio, sanguessugas ou o retorno a terra natal. Já no século XIX, junto ao romantismo e a cultura de massa, vimos surgir a nostalgia não como doença individual, mas como emoção histórica. Diante dos ritmos acelerados da industrialização e das transformações constantes, nota-se, quase de forma epidêmica, o surgimento do desejo popular por ritmos mais lentos e pela coesão social. Institucionalizada nos inúmeros museus oitocentistas – obsessivos em lembrar, e por isso efetivos em promover o esquecimento do que não se guarda – a nostalgia passou a constituir uma incompatibilidade entre o vivido e o presente. Nos domínios do século XX, precedida pelo sonho de um futuro utópico e as cinzas das duas grandes guerras, a nostalgia ressurgiu sobretudo entre os desertores e os muitos exilados, não apenas como privação do lar (ambiente físico) ou de um tempo perdido e acessado pelas lembranças, mas de um tempo nem mesmo experimentado, apenas projetado pelos sonhos e fantasias. Portanto, de acordo com a autora, “a nostalgia não é apenas uma expressão de saudade local, mas resultado de uma nova compreensão do tempo e do espaço que faz a divisão entre o local e o universal possível”. Podendo ser definida como expressão moderna, ainda que contrarie a concepção moderna de tempo (linear e progressista), trata-se da tangente que toca, sem invadir, as circunferências do presente, passado e futuro, constituindo um tempo fora do tempo. Ver: BOYM, Svetlana. Mal-estar na nostalgia. *História da Historiografia*, n. 23, p. 153-165, 2017. Disponível em: <<https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1236>>. Acesso em: 16 ago. 2023.

¹⁹⁴ ARENAS, Reinaldo. *O porteiro...*, op. cit., p. 14.

Imediatamente após serem equiparados, narrador e personagem tornam-se estranhos um ao outro. Vocifera na voz passivo-agressiva dos estabelecidos nos Estados Unidos a individualidade, pensamentos de concorrência, e ainda, intenções de segregação no que diz respeito ao acesso à educação ou bens de consumo. Por mais que o narrador se autopromova, sugerindo que a concessão de subempregos – com condições insalubres e remuneração baixa – a Juan consista em uma postura benevolente, os questionamentos posteriores realizados pela voz coletiva demonstram orgulho do distanciamento social e econômico com relação ao marielita. Diante disso, observa-se nas colocações não uma atitude filantrópica, mas uma naturalização do esforço e do mérito; não uma expressão de cooperação, mas uma manifestação egóica e gananciosa, própria da sociedade do capital.

Ao leitor, resta a especulação. Realmente os estabelecidos não tiveram preferências em relação aos novos entrantes? Juan é um “caso excepcional” ou a existência de outros exilados marginalizados está sendo suprimida pela narrativa? Se os estabelecidos passaram efetivamente por adversidades semelhantes e conhecem o “alto preço” do capitalismo deveriam querer que Juan experimentasse as mesmas circunstâncias? São vítimas ou engrenagens do sistema predatório? São iguais ou diferentes de Juan?

Nenhuma dessas perguntas levantadas são respondidas pela obra. De todo modo, cumprem uma função basilar: circunscrever a realidade exílica marielita como uma experiência de inquietude existencial. Dispondo de recursos formais como ficcionalização, escolha de foco narrativo e metalinguagem, Arenas estabeleceu entre Juan e a voz coletiva relações assimétricas – isto é, para além das dicotomias do antagonismo –, produzindo o seguinte axioma: o exilado, que ama sua terra natal, mas dela foi expurgado; que é grato pela terra de acolhida, mas nela não encontra meios de subsistência; faz, por fim, parte de uma comunidade, mas nela não se vê integrado. Sua produção literária efetiva-se, portanto, como “um gatilho, um ponto de partida para a realização de um fim maior, ao mesmo tempo ético e estético: fazer da ficção um laboratório moral em que são testadas as vias de acesso a ‘pontos cegos’ da experiência humana”¹⁹⁵; neste caso, a experiência das relações sociais modernas sob o signo do total desabrigo.

Nesse jogo de alteridades criado por Arenas, não só os marielitos configuram as vítimas. A novidade da obra expressa-se no fato de os cubanos predecessores também estarem submetidos à lógica de exclusão, exploração e falta de lazer. Esses “estabelecidos” não ocupam

¹⁹⁵ CHARBEL, Felipe. O historiador face a ficção..., op. cit., p. 17.

as mesmas margens que os exilados de 1980, mas também se equilibram socialmente, esvaziados de qualquer propósito existencial:

Ele [Juan] pensava, e assim deixou comprovado nos numerosos papeis que rabiscou, que [...] a vida daquelas pessoas do edifício onde era porteiro não podia se limitar a um trânsito eterno entre a cozinha e o banheiro, entre a sala e o quarto de dormir, entre o elevador e o automóvel. De nenhuma maneira poderia conceber que a existência de toda aquela gente e por extensão de todo mundo se resumisse a um ir e vir de um cubículo a outro, de pequenos espaços a espaços ainda menores, de escritórios a dormitórios, de metrô a ônibus, e assim incessantemente... Ele lhes mostraria “outros lugares”, pois só ele lhes abriria a porta do edifício e, continuamos reproduzindo suas palavras, “os levaria a dimensões nunca antes suspeitadas, a regiões sem tempo, nem limites materiais”.¹⁹⁶

Subjugando tanto os outsiders marielitas quanto os cubanos estabelecidos à sociedade de mercado, as construções narrativas na primeira parte do romance areniano desprestigiam os abusos de poder nos Estados Unidos tanto quanto denunciam a violência no arquipélago cubano.¹⁹⁷ Por efeito, nem mesmo Juan, arrebatado por um chamado interior e incumbido de salvar a todos dessa conjuntura cruel de exploração e alienação, consegue escapar dos danos provocados pelo sistema opressor. Ainda que tivesse compelido a si mesmo a tarefa de “mostrar a todas as pessoas um caminho que, certamente, ele também desconhecia”; a revelar uma porta redentora pela qual todos entrariam; a libertá-las de seus passados irreparáveis e de seus presentes pungentes, o marielita não consegue triunfar:

Ao se contemplar outra vez no grande espelho do lobby – seu uniforme reluzente, suas abotoaduras douradas, seu chapéu de copa, suas luvas brancas –, Juan teve quase a aterradora certeza de ser não um salvador, mas um palhaço, um lacaio daquela engrenagem ridícula. O mais baixo dos lacaios! Compelido a repetir gestos pomposos, frases e até-logos supostamente gentis a todas aquelas pessoas que, como podiam se dar ao luxo de pagar um porteiro, caminhavam com os narizes empinados. [...] Não havendo outra coisa, outro fim que não um eterno abrir e fechar portas para que as pessoas entrassem e saíssem de lugar algum em direção a parte alguma, que sentido tinha continuar vivendo? [...] Ali mesmo, junto a grande porta de vidro, o porteiro tirou o uniforme, tirou as luvas e o chapéu e, vestindo a roupa que guardava no armário que lhe era destinado, decidiu nesse mesmo instante, tomado de uma fantástica lucidez ou de absoluta loucura, abandonar não só aquele edifício, não só aquela cidade, mas o universo completo. Atrás, havia deixado um mundo ao qual não queria regressar nem recordar. [...] E se era certo que não podia mais tolerar o que havia deixado (embora apesar de tudo tampouco esquecesse), também era certo que não podia permanecer na realidade que havia encontrado.¹⁹⁸

¹⁹⁶ ARENAS, Reinaldo. *O porteiro...*, op. cit., p. 16.

¹⁹⁷ A obra *El portero* é dividida em duas partes. Na primeira parte Juan é impulsionado a salvar a humanidade de um realidade desoladora. Ao observar as mazelas dos inquilinos, empenha-se em conseguir uma porta que liberte a todos. A segunda parte, que se apresenta como uma fábula, será mais bem explorada no segundo capítulo.

¹⁹⁸ ARENAS, Reinaldo. *O porteiro...*, op. cit., p. 134-135.

Apresentados estes aspectos acerca da obra, é possível esboçar algumas considerações sobre o que, inicialmente, foi proposto para ser discutido nesse item: explorar as reações político-literárias de Arenas. Se os escritos ficcionais de Arenas ambientados em Cuba apresentam forte oposição ao sistema revolucionário, em *El portero* as críticas direcionadas à ilha dividem espaço com as contestações à integridade dos Estados Unidos enquanto terra de acolhida. Ainda que a vida do intelectual tenha ficado marcada por sua causa anticastrista ou pelo engajamento contra o regime revolucionário; ainda que seus escritos apresentem um caráter denunciativo dos *insílios* sofridos enquanto integrante de um grupo não assimilado pela Revolução, essa imagem de Arenas enquanto um sujeito rígido, uno, pode ser relativizada a partir de suas próprias produções literárias, que estão permeadas por outros postulados fundamentais, como a descontinuidade identitária, a fragmentação da condição humana, o moderno sob o signo do desabrigo, bem como, as relações sociais em meio aos desajustes ideológicos. Ainda mais presentes em *El portero* – novela cuja feitura é condicionada pela experiência exílica –, esses elementos denotam o compromisso político de Arenas acima de sua dissidência revolucionária, de modo que suas obras se alinham a ideais abrangentes de justiça e igualdade.¹⁹⁹

Se, na *Revista Mariel*, o exílio era valorizado como “uma experiência de liberdade de expressão e de consecução de projetos profissionais para toda uma geração de escritores cubanos, além de permitir a denúncia e a luta contra o regime revolucionário”²⁰⁰ é possível afirmar que *El portero* carrega outros significados. Apesar de pautada em um compromisso social com os marielitos e de dispor de um ideal denunciativo no que concerne a marginalização – características que aparentemente conformariam esse projeto literário às propostas da revista –, a obra não adquire um tom antirrevolucionário, maspositor a uma modernidade excludente; não manifesta prioritariamente uma defesa da liberdade individual, mas aborda os meandros que envolvem o individual e o coletivo.

No que diz respeito às formas literárias adotadas pelo escritor, é interessante observar que, só a partir da incorporação de elementos metanarrativos ao texto, o intelectual foi capaz de atribuir ao fenômeno de Mariel novas verdades. Enquanto seus testemunhos biográficos, engajados, racionalistas, recorrentes à memória, limitaram sua crítica sobretudo ao regime

¹⁹⁹ Segundo Chartier, há “uma distância radical entre o indivíduo que escreve o texto e o sujeito ao qual o discurso é atribuído [...] O autor como função do discurso está fundamentalmente separado da realidade e experiência fenomenológica do escritor como indivíduo”. CHARTIER, Roger. *Literatura e história. Topoi*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 199. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/topoi/a/QZRqTbVPF8H4sXPyrP4RQ7M/?lang=pt>>. Acesso em: 21 jul. 2021

²⁰⁰ DRUMMOND, Caroline. *Exílio, literatura, intelectuais e política em Mariel...*, op. cit., p. 82.

revolucionário, a inserção de problemas ontológicos – manifestos nas perguntas “É possível conhecer o passado?”, “O que diferencia o *Eu* e o *Outro*?” – em seu texto ficcional, reabriu as vias de conhecimento, permitindo a ampliação da crítica, agora direcionada ao capital e ao moderno.

A escolha por uma ordem autorreflexiva em adição a uma linha argumentativa, não destituiu o texto de sentidos, mas ofereceu espaço à multiplicidade. Construindo dilemas que giram em torno da natureza da identidade, das implicações ideológicas do ato de escrever, bem como, da referência da representação, a poética areniana não só subtraiu dos fenômenos a matéria prima da história contada, mas impôs a eles a força da subjetividade. Consequentemente, ao negar uma “narrativa-mestra totalizante de nossa cultura, aquele sistema por cujo intermédio costumamos unificar, organizar e atenuar quaisquer contradições a fim de coaduná-las”²⁰¹, o escritor tornou problemática a naturalização das certezas.

Logo, nas fronteiras entre o fantástico e o mundo fenomenológico, a obra analisada não pode ser distinguida como uma experiência empírica narrada e revestida de ficção ou como uma ficção revestida de verdade, sendo isso uma parte importante de sua proposta estética. Como escrito tributário e constituinte do fenômeno de descoberta/redescoberta da literatura latino-americana no século XX, *El portero* apresenta, dentro e fora do texto, realidades passíveis de intervenção.²⁰² As complexas *temporalidades*²⁰³ que inundam a obra, o compromisso social ligado a questões identitárias e locais, bem como, as reflexões filosóficas generalizantes, dão continuidade – a partir de novos problemas e formas – ao que se inicia com as literaturas do boom latino-americano, firmando compromissos com a resistência e a mudança mais fortes do que com a manutenção e a tradição.

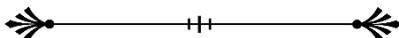
²⁰¹ HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo...*, op. cit., p. 12.

²⁰² Essa concepção de literatura vai ao encontro do que Jablonka chamou de terceiro continente, isto é, um conjunto de obras que emergem no século XX e que podem ser reconhecidas por sua capacidade investigativa. “Indissociável dos fatos a serem estabelecidos [...], são textos bastardos [...], mais desejosos de compreender do que de narrar ou inventar; isto é, uma forma de escrita atormentada pela vontade de decifrar o mundo”. Ver mais em: JABLONKA, Ivan. O terceiro continente. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 19, n. 35, p. 17, 2017. Disponível em: < <https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/41248> >. Acesso em: 18 jan. 2023.

²⁰³ A narrativa da obra é considerada linear porque os eventos sucedem-se um após o outro (tempo cronológico), contudo, a relação temporal estabelecida é complexa, não só pelo fato de a história se passar no futuro da realidade empírica do escritor (tempo prospectivo), mas por recorrer a elementos do passado dessa mesma realidade. O enredo transcorre em um marco dos quinhentos anos da conquista da América, criando relações entre 1492 e 1992, torna a definição ainda mais problemática, haja vista que a composição envolve aspectos de ciclicidade. Logo, apesar da linearidade do tempo cronológico, observa-se um passado revisitado (tempo psicológico) e realidades sobrepostas (tempo metafísico). Sobre as diferentes concepções de tempo na literatura, ver: MOISÉS, Massaud. *A Análise Literária*. Ed. 19. São Paulo: Cultrix, 2014, p. 101-131.

Capítulo 2

A obra areniana entre o ético e o estético: um projeto de reconstrução da identidade marielita



Assassinar uma pessoa é um crime terrível pois cada ser humano contribui com algo ao mundo; fazer com que desapareça uma obra de arte é um crime ainda maior pois com essa atitude se elimina uma parte do mundo, um fragmento de eternidade, de permanência, de profundidade que nenhuma memória poderá recuperar.²⁰⁴

Reinaldo Arenas

Miami, 24 de janeiro de 1987. Reinaldo Arenas recebia em sua correspondência as críticas de *El portero*. Margarita Camacho, que havia lido em primeira mão a obra ainda não publicada, associava os escritos de Arenas aos quadros de Magritte. Relacionando a produção do intelectual às composições imagéticas do pintor belga, Margarita reverenciava *El portero* por seu viés surrealista.²⁰⁵ A comparação não se faz sem fundamento. Assim como em *A traição das imagens* (1929), ao observarmos o cachimbo e os sinais gráficos “*ceci n’est pas une pipe*”, somos obrigados a reconhecer a impossibilidade de apreciar no paladar o tabaco, em *El portero* a imagem do êxodo, produzida e instantaneamente revelada como farsa, nos coage a assinalar “*ceci n’est pas Mariel*”. Assim como em *A reprodução interdita* (1937) o homem em frente ao espelho se depara, não com seu reflexo, mas com a imagem de sua silhueta de costas, em *El portero* só observamos a história pelo ângulo de um Outro. Assim como em *Golconda* (1953) os homens semelhantes e dispersos diante de um prédio suburbano nos fazem questionar a natureza de sua identidade, em *El portero* o vínculo entre as personagens de um outro edifício nos convida a refletir sobre o quanto os seres – e as coisas – se constituem por semelhança ou oposição. Não seria *A vitória* (1939) o sonho de Juan após tantas batalhas travadas? Arenas, tal qual Magritte, expunha não só o jogo que se estabelece entre linguagem e objeto, mas a relação de simulacro instituída entre significante e significado.

Passados nem dois anos do término de sua revista – cuja confecção era guiada pela necessidade de revelar uma verdade substancial de Mariel –, Arenas era equiparado a um artista da Europa Ocidental cuja produção é reconhecida por referendar a distância entre a materialidade e as imagens que a evocam. De forma perspicaz, Margarita escancarava a

²⁰⁴ ARENAS, Reinaldo. *Cartas a Margarita y Jorge Camacho...*, op. cit., p. 371.

²⁰⁵ *Ibidem*, p. 183.

ambiguidade da literatura do intelectual, reivindicada como narração cronológica, isto é, um suposto instrumento de revelação do real, e, simultaneamente, como linguagem artística ou arma política, onde as coerções retóricas são evidentes e o real é construído em escalas. Se em sua literatura testemunhal Arenas recorreria a trechos como “isso não representa nenhum fato literário, nem sensacional” e “isso não pertence as categorias do realismo mágico”²⁰⁶, buscando afirmar a proximidade do escrito com o vivido a partir de um viés memorialista e racionalista, em *El portero* o literato oferecia acesso aos bastidores do recontar, permitindo ao leitor espiar por trás das cortinas as cordas e as luzes que, respectivamente, sustentavam os objetos de cena e iluminavam a *mimesis*.²⁰⁷

Após ser publicada em Barcelona pela *Montesinos* ainda em 1987, *El portero*, quase que imediatamente, se tornou alvo de disputas semânticas entre estudiosos da literatura. Traduzida para o francês pela *Presses de la Renaissance* de Paris, foi finalista do prêmio *Médicis Internacional* em 1988, e um ano depois, sua nova edição, lançada pela *Dador*, fomentava, novamente, as críticas.

O ensaio publicado na revista *Vuelta* em 1990, por Roberto Valero – romancista cubano exilado e Ph.D. pela Universidade de Georgetown –, já evidenciava na novela os tradicionais excertos anticastristas, mas também uma desolação agônica e um humor festivo que denunciavam as arbitrariedades exílicas. Diante da ficcionalização que contrapunha revolucionários, exilados (marielitas e predecessores) e, ainda, os estadunidenses, o escritor percebia na leitura uma desnaturalização das verdades absolutas e uma valorização das experiências do escritor:

Esta novela me parece extraordinária, entre outras razões pelo tratamento do tema político e do humor. Ainda que a denúncia contra a ditadura cubana esteja presente no passado de Juan, o exílio cubano também entra em jogo, não deixando assim que o escárnio se dirija apenas contra a Cuba Castrista, como ocorre em passagens de *Otra vez el mar*. [...] Nesse interim, o autor logra que a verdade não seja propriedade de ninguém, mas uma multiplicidade de possibilidades. [...] Arenas tem a oportunidade de transformar sua experiência vivida em verdadeira literatura, afastando-se, quando é pertinente, da simples anedota.²⁰⁸

²⁰⁶ ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça...*, op. cit., p. 29.

²⁰⁷ É importante assinalar que a exposição da ficcionalidade na obra não configura um limite de suas capacidades representacionais, ao contrário, sugere uma expansão das perspectivas possíveis. Dito de outra forma, em *El portero* Arenas não buscou descrever como ocorreu Mariel; não tentou oferecer a experiência imediata dos exilados cubanos nos EUA; mas, ainda assim – ou exatamente por isso – revestiu o fenômeno de verdades inéditas. Ao permitir que o leitor imergisse em um segundo mundo, mais ou menos familiar ao de sua experiência sensível, o intelectual lhe entregava ferramentas a serem usadas quando ao primeiro mundo voltasse. Sobre a obra de arte como “acontecimento da verdade”, ver: HEIDEGGER, Martin. A obra e a verdade. In: HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Tradução de Maria da Conceição Costa. Lisboa: Edições 70 Ltda., 2005, p. 34.

²⁰⁸ VALERO, Roberto. *El portero* de Reinaldo Arenas. *Vuelta*, v.114, n. 160, p. 28-29. Disponível em: <https://letraslibres.com/wp-content/uploads/2016/05/Vuelta-Vol114_160_09Libr.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2023.

Os artigos de Francisco Soto, especialista em literatura latino-americana pela Universidade de Nova York e professor na Universidade de Michigan, por sua vez, destacavam sob a ótica de Roland Barthes a carnavalização da fabula e o fracasso da civilização humana. Soto demonstrava que, assim como em outras narrativas fabulosas, a história era desenvolvida com a humanização de seres irracionais e ocorria no tempo passado, mas diferente delas, promovia voos imaginativos e associações relativas, que, em vez da transmissão de valores e um fim moral, denotavam uma transgressão ininterrupta da brutal realidade e um compromisso com o novo:

Em oposição à fábula tradicional que oferece informações práticas sobre como viver, *El portero* não oferece soluções para os problemas que afligem o homem contemporâneo. Cada personagem do romance busca desesperadamente algo que dê sentido à sua existência: os inquilinos se apegam às suas crenças e ideias fanáticos pensando que neles encontrarão a "verdade", Juan, em busca de sua "porta da felicidade", tenta escapar da hostilidade de seu ambiente através da fantasia. No entanto, todas essas estratégias são transitórias e precárias, uma vez que, em suma, não satisfarão os desejos insaciáveis dos homens. [...] A chave da visão romanesca areniana reside precisamente em oferecer e defender, veementemente, o poder imaginativo desenfreado do homem, seu único refúgio em um mundo ameaçado pela brutalidade, perseguição e ignorância.²⁰⁹

Como pode ser observado, ao ser recepcionada por distintos sujeitos de seu círculo social e por outros setores da intelectualidade, sua obra, mesmo à época, era depositária de verdades multifacetadas. Referenciada por sua proximidade com as experiências do escritor e, ao mesmo tempo, pela subversão do real e contestação do natural; pelo domínio da barbárie e, concomitantemente, pela busca da liberdade ideal, o romance era lido a partir de múltiplas chaves. Ao passo que seus escritos em Cuba não tinham qualquer ressonância, uma vez que sua única novela publicada integralmente na ilha – *Celestino antes del alba* (1967) – havia sido lançada em poucas tiragens, Arenas passava a ser reconhecido internacionalmente. Sua obra fronteira substituiu uma vida igualmente marcada por múltiplas fronteiras.²¹⁰

²⁰⁹ SOTO, Francisco. Una alucinante fábula moderna. *INTI Revista de literatura hispánica y transatlántica*, v. 1, n. 32, p. 112-113, 1990. Disponível em < <https://digitalcommons.providence.edu/inti/vol1/iss32/11/>>. Acesso em: 15 fev. 2023.

²¹⁰ Uma recepção mais recente da obra *El portero* pode ser encontrada no repositório da Faculdade de Humanidades e Ciências da Educação da Universidad Nacional de la Plata, nos escritos de Maria Guadalupe Silva, por ocasião do *VII Congreso Internacional Orbis Tertius de Teoría y Crítica Literaria*, ocorrido entre 18 e 20 de maio de 2009. O artigo enfatiza o texto areniano como produção de um mito, constituição de uma máscara, por meio da qual se manifesta o direito de viver em liberdade. Ver em: SILVA, Maria Guadalupe. Siempre en otra parte: Reinaldo Arenas. *VII Congreso Internacional Orbis Tertius de Teoría y Crítica Literaria*, La Plata, 2009. Disponível em: <http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.3619/ev.3619.pdf>. Acesso em: 24 abril 2023.

2.1 - Modernidade, exílio e fragmentação identitária: a valorização do ser marginal em meio à tetrificação do “Eu”

*Só somos autênticos se mudamos constantemente. [...] Nossa verdadeira identidade é uma fantasia incessante, uma piada infinita.*²¹¹

Reinaldo Arenas

Segundo Luís Fernando Ayerbe, o momento posterior à Guerra Fria foi marcado por uma delimitação categórica das nações do globo, que passaram a ser frequentemente referenciadas como pertencentes ao Ocidente ou ao Oriente. Buscando substituir a dicotomia Capitalismo x Comunismo, os Estados Unidos fomentaram discursivamente uma nova disputa identitária, alocando-se ao lado da Europa como representantes do mundo ocidental e reservando à América Latina um lugar inferior, ao lado do “resto” das civilizações.²¹² Desse modo, a nova polarização dos países não recorria a uma questão geográfica; não tinha como parâmetro a classificação de porções de terra a leste ou a oeste do Meridiano de Greenwich. A categorização dos Estados nacionais como Orientais ou Ocidentais baseava-se em uma delimitação de poder, isto é, constituíam uma tentativa dos estadunidenses de assegurar no imaginário popular uma ideia de superioridade por comparação baseada em noções de desenvolvimento e progresso. O Ocidente estava para o Capitalismo assim como o Oriente estava para o Comunismo.

Esse jogo de cisão de identidades, contudo, já adquiria configurações expressivas antes mesmo do esfacelamento da União Soviética em 1991. Se a adoção do termo *americano*²¹³ no século XIX pelos diversos países do continente sugeriam uma suposta unidade entre os Estados Unidos e o que conhecemos como América Latina diante do colonizador europeu, o surgimento dos vocábulos *hispano-americano* e *ibero-americano* – que mais tarde dariam lugar a expressão *latino-americano* – já evidenciavam a necessidade de uma segunda unidade, capaz de fazer frente não à postura das nações europeias, mas às ambições imperialistas estadunidenses, que

²¹¹ ARENAS, Reinaldo. *O porteiro...*, op. cit., p. 197.

²¹² AYERBE, Luís Fernando. *Estados Unidos e América Latina...*, op. cit., p. 20.

²¹³ O termo “América” foi criado ainda em 1507 pelo alemão Martin Waldseemüller, que ao discorrer sobre o “encontro” dos europeus com o Novo Mundo na obra *Introdução à cosmografia* utilizou a expressão como homenagem ao italiano Américo Vespúcio, responsável por percorrer e descrever as terras “descobertas”. A nomenclatura “americano”, por sua vez, popularizou-se a partir do século XIX com a doutrina Monroe e o lema “A América para os americanos”, instituídos nos Estados Unidos em 1823 como “uma advertência às potências europeias, no sentido de que não tentassem reativar o domínio colonial sobre o continente” e como delimitação de poder dos norte-americanos sobre os demais povos da América. Ver em: FARRET, Rafael Leporace e PINTO, Simone Rodrigues. *América Latina: da construção do nome à consolidação da ideia. Topoi*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 23, p. 33-34, 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2237-101X012023002>>. Acesso em: 27 set. 2022.

reivindicavam a tutela do Novo Mundo no exato momento em que este se libertava do Velho Mundo.²¹⁴

Na segunda metade do século XX, essas disputas entre ianques e latinos – mais especificamente os cubanos – não apenas se mantiveram como se intensificaram. O triunfo da Revolução Cubana em 1959 e sua filiação aos poderes comunistas a partir de 1961 representaram aos dirigentes dos Estados Unidos, que defendiam a lógica do capital, uma grande ameaça. A crise dos mísseis em 1962 e a instituição do bloqueio econômico à ilha no mesmo ano aprofundaram as diferenças. As políticas de Ronald Reagan, que acentuaram o bloqueio em 1982, proibiram a importação de aço que continha níquel cubano em 1983 e fomentaram o funcionamento da *Radio Marti* – responsável por transmitir uma programação opositora ao governo revolucionário desde a Flórida até a ilha – em 1986, consumaram, por fim, a ruptura.²¹⁵

Exilados nos Estados Unidos e constituindo a dissidência de uma nação revolucionária desde 1980, os marielitos estavam no centro de todas essas disputas. Nas terras do norte, onde foram “acolhidos”, representavam para os olhares alheios um produto – mas também uma fração – da barbárie e falta de civilidade de um país supostamente subdesenvolvido. Não teriam incentivado o projeto revolucionário em seu momento inicial? Não adentravam nos Estados Unidos as ameaças contra as quais lutavam? Se no arquipélago em que nasceram, onde a naturalidade deveria pressupor uma relação de paridade com os demais, eram chamados de traidores e acusados de renegar a causa igualitária, no ambiente em que se estabeleceram eram igualmente repudiados, visto que os associavam aos revolucionários dos quais tentavam se desvencilhar. Habitavam os limites discursivos da identidade; as fendas onde o Eu e o Outro se repugnam, mas também se fundem e confundem.

Neste cenário, onde os marielitos tinham a existência justificada por terceiros, sendo alocados ora em situação análoga a dos revolucionários, ora como próximos aos exilados predecessores e estadunidenses – uma vez que assim como eles se opuseram a Revolução –, surgia para os constituintes do êxodo de Mariel a consciência da fluidez, mutabilidade e fragmentação identitária. Diante disso, nesse item são exploradas, a partir dos escritos de Reinaldo Arenas, a construção/reconstrução da identidade marielita.

É fato que uma versão “hegemônica” a respeito dos desterrados que chegavam a Cayo Hueso no início da década de 1980 se estabelecia à revelia de suas ações. Associados à

²¹⁴ Idem.

²¹⁵ AYERBE, Luís Fernando. A política externa dos Estados Unidos..., op. cit., p. 208.

marginalidade, eram acusados pela mídia estadunidense de serem criminosos e imorais. Diante dos estigmas, os exilados ligados aos setores intelectuais trabalharam o tema a fim de que as versões veiculadas sofressem alteração. Não raro, podem ser encontradas nos escritos da *Revista Mariel* complexificações de reportagens que, ao serem publicadas em jornais tradicionais de Miami, invalidavam seus posicionamentos acerca das perseguições sofridas em Cuba ou os designavam como responsáveis por uma deterioração moral dos Estados Unidos. Essa postura dos editores acabou por conferir à revista espaços de relativização das identidades periféricas. Como pode ser visto em seu quinto número, a própria terminologia “América Latina”, apesar de usual entre os literatos da revista, era questionada:

O que latino-americano quer dizer exatamente? [...] Hispanoamérica, Iberoamérica, América Latina – a última combinação, a mais sonora e a mais absurda. O que quer dizer aqui o adjetivo latino? Que habitamos o Lácio [região da Itália central]? Que somos descendentes de Roma, filhos do romance? A Latina de América deve vir de lata porque é isso que parece. Muitas vezes me dizem que sou um escritor latino-americano e embora aceite ser descrito como um escritor, não posso admitir que me chamem de latino. Eu não sou um latino de Manhattan, mas um cubano de Havana [...]. Há algo mais distinto a um cubano que um mexicano? [...] O único país que se parece na América a minúscula ilha em que nasci é esse continente dentro de um continente que se chama Brasil, o enorme gênio dentro de uma garrafa verde. Mas o Brasil não se parece nem com a Venezuela, nem com a Colômbia, nem com o Peru, com os quais fazem fronteira, muito menos com a Bolívia, país feito de estanho. [...] São latinos os haitianos? A América é latina? É latina a palavra latina? Ninguém sabe. Nem se sabe quando se começou a utilizar um termo que parece prestigioso, mas é na verdade uma caricatura.²¹⁶

Na oposição à expressão “latino”, observa-se como argumento a falta de proximidade cultural entre as diferentes nações que são classificadas pelo vocábulo. Se, por um lado, a perspectiva é limitante, visto que a constituição da ideia de América Latina entre 1864 e 1865 não designava apenas um fator cultural, mas uma união política entre diversos países que se opunham à América Saxônica, por outro, a recusa do termo a partir de uma postura de insubmissão demonstra uma preocupação com sua apropriação na segunda metade do século XX; momento em que a palavra passou a significar a falta de desenvolvimento e inferioridade de países ao sul dos Estados Unidos.²¹⁷ Já subjugados por diferentes setores, os marielitos

²¹⁶ MARIEL. *Revista de literatura y arte*. Nova York, NY. v. 1, n. 5..., op. cit., p. 3.

²¹⁷ As primeiras aparições do termo “América Latina” em obras acadêmicas datam de 1864 e 1865 nos escritos do argentino Carlos Calvo e do Colombiano José Maria Torres Caicedo, ambos residentes na França. Para Torres Caicedo a expressão designava “um movimento contrário à Política Pan-Americana dos Estados Unidos”. O vocábulo, contudo, foi popularizado pelos próprios estadunidenses durante a Segunda Guerra Mundial, quando recebeu significações pejorativas, passando a designar não uma força política contrária ao país do norte, mas um conglomerado de nações subdesenvolvidas. Ver mais em: BRUIT, Hector. A invenção da América Latina. *Anais Eletrônicos do V Encontro da ANPHLAC*. Belo Horizonte: ANPHLAC, 2000, p. 9. Disponível em < http://antigo.anphlac.org/sites/default/files/hector_bruit.pdf >. Acesso em: 22 fev. 2023.

buscavam – em torno da questão nacional – minimizar os descréditos que recaíam sobre eles: “não sou um latino de Manhattan, mas um cubano de Havana”.

Assim como a *Revista Mariel*, as obras exílicas de Arenas também desfaziam os estereótipos associados à ilha. As classificações e descrições das personagens como nativos cubanos acentuavam tais debates. A figura de seu amigo, Lázaro – representada em *Antes que anoiteça* –, e a de Juan – arquétipo marielita em *El portero* –, por exemplo, além de guardarem profundas semelhanças, cumprem nas narrativas a função de conferir aos cubanos características que tradicionalmente não eram vinculadas a suas imagens:

Pouco a pouco, [Lázaro] voltou a se integrar na sociedade; começou a trabalhar numa companhia de aviação e parecia muito feliz, mas a companhia faliu e, mais uma vez, ele ficou desempregado. Após um certo tempo, conseguiu encontrar um emprego de porteiro. Não éramos os mesmos; tínhamos visto o horror de um hospital em Nova York, a loucura, a miséria, o desprezo, a discriminação. De qualquer forma, era preciso continuar vivendo e enfrentar as novas desgraças por vir.²¹⁸

Tal como a história de Juan, a vida narrada de Lázaro é marcada pelos deslocamentos empregatícios, pujança e não desistência. Saltam aos olhos não apenas a inspiração do sujeito para a composição da personagem – inclusive já manifesta por Arenas ao afirmar que “ao conversar com Lázaro na portaria do seu edifício, extraía a maior parte das ideias de *El portero*”²¹⁹ –, mas a sujeição da narrativa ao propósito de evidenciar um “ente”, ou seja, a existência de um ser concreto, trabalhador, submetido aos mais diversos infortúnios e sobrevivente a cada um deles. Nos escritos de Arenas, a simbologia de Cuba como produtora de marginais ameaçadores dava lugar a uma outra, qual seja, a de uma terra promotora de cidadãos zelosos, trabalhadores e diligentes, ainda que injustiçados.

Evidencia-se, portanto, que com uma reedificação do valor nacional – indicada pela recusa dos estereótipos da latinidade e cubanidade –, arquitetava-se entre os intelectuais do êxodo a identidade marielita. No interior da representação²²⁰, a identidade da nação em que nasceram era transformada, sendo valorizada e constituindo uma das principais fontes de identidade cultural entre os representantes de Mariel.²²¹

²¹⁸ ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça...*, op. cit., p. 340.

²¹⁹ *Ibidem*, p. 341.

²²⁰ Observe como o conceito de *representação* é utilizado de forma não objetivista, reafirmando a capacidade inventiva dos agentes e suas estratégias em detrimento das determinações imediatas das estruturas. Centra-se a atenção sobre os “simbolismos que determinam posições e que constroem um ser-percebido constitutivo de sua identidade”. Ver em: CHARTIER, Roger. *O mundo como representação...*, op. cit., p. 184.

²²¹ De acordo com Hall “as paisagens políticas do mundo moderno são fraturadas por identificações rivais - advindas, especialmente, da erosão da ‘identidade mestra’ da classe e da emergência de novas identidades, pertencentes à nova base política definida pelos movimentos sociais: o feminismo, as lutas negras, os movimentos de libertação nacional etc.”. HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade...*, op. cit., p. 20-21.

Contudo, ainda que o fator “nação” seja um elemento essencial na identificação dos exilados de 1980, em *El portero* o esforço de constituição da identidade marielita extrapola esse contorno. Para além da questão nacional, as relações estabelecidas entre Juan e os diversos moradores do edifício em que trabalhava – ficcionalização que presentifica os dilemas dos desterrados nos EUA – abarcam outras configurações, outras chaves, isto é, recortes de gênero, questões de classe e, ainda, elementos étnico-raciais.

No que diz respeito ao recorte de gênero, o enredo no qual as duas personagens homossexuais Oscar Times I e Oscar Times II estão circunscritos é bastante representativo dos sentidos produzidos pelo literato:²²²

Eram ambos afeminados e tão semelhantes física e moralmente que os moradores acreditavam ser uma só pessoa.²²³ [...] Na realidade, só um deles era americano. O outro, Oscar Número Um ou Oscar I, era, como já dissemos, de origem cubana, tendo chegado em 1980 na célebre fuga do Porto de Mariel. [...] A ideia de que se convertessem em Oscar Times foi de Ramón García, que, depois de abandonar sua pátria, se prometeu, em um gesto de frivolidade e também de justificado ressentimento, primeiro: não voltar a pronunciar nunca mais uma palavra em espanhol; segundo: integrar-se a sua pátria adotiva de modo que em pouco tempo ninguém pudesse dizer que havia nascido em um remoto povoado ao sul da província de Santa Clara chamado Muelas Quietas. Superficial e esnobe, Ramón García começou por trocar o nome e sobrenome originais, substituindo-os pelo que considerava o símbolo supremo do mundo norte-americano: o Oscar de Hollywood e o jornal New York Times.²²⁴

Descritos como seres afeminados e semelhantes física e moralmente, as figuras de Oscar Times I e Oscar Times II ironizam a visão homogeneizante que fazem dos homossexuais na sociedade ocidental. Em Oscar Times I, contudo, esses sentidos se ampliam. Ao ser apresentado como um fugitivo cubano por meio do êxodo de Mariel, cujo rancor culmina na abdicação das origens, a personagem evidencia a seguinte contradição: nativos de uma terra supostamente igualitária precisam dela se esquecer devido às experiências traumáticas que nela vivenciaram. Tendo os homossexuais sido classificados em Cuba como sujeitos não aptos a participar da luta revolucionária; descritos como carentes de masculinidade e distantes do ideal de *homem novo*; levados às UMAPs para uma suposta reedificação moral; destituídos de seus cargos culturais e submetidos a rondas como em *La noche de las tres P*²²⁵, a acusação da homofobia em Cuba

²²² Sobre a sexualidade como instituição social, intrínseca ao sistema de gênero (estável e oposicional), ver: BUTLER, Judith. *Identidade, sexo e metafísica da substância...*, op. cit., p. 45.

²²³ ARENAS, Reinaldo. *O portero...*, op. cit., p. 19.

²²⁴ *Ibidem*, p. 88.

²²⁵ Em 1º de outubro de 1961, uma operação revolucionária foi realizada no centro de Havana para prender prostitutas e possíveis homossexuais. O episódio ficou conhecido como *La noche de las tres P* (prostitutas, pederastas e proxenetas). DRUMMOND, Caroline Maria Ferreira. *Exílio, literatura, intelectuais e política em Mariel...*, op. cit., p. 76.

presente em *El portero* manifesta não apenas uma recusa identitária, mas uma perseguição generalizada àqueles que não performavam o viril guerrilheiro. A mensagem produzida na caricatura dos homossexuais afeminados de Arenas, provoca, assim, uma inversão de valores, fazendo com que deixem de ser avaliados como “gusanos”, traidores da pátria, e passem a figurar como mártires.

A carnavalização da figura homossexual é retomada com a personagem Juan López, um latino naturalizado norte-americano que passa a se chamar John Lockpez:

Juan López, pastor da igreja Amor a Cristo Mediante o Contato Amistoso e Incessante é casado, com filhos, todos religiosos como sua esposa.²²⁶ [...] Ele e todos os seus fiéis acreditam de boa-fé que nas incessantes intimidades com os demais está a salvação do gênero humano. Tudo que aparece em sua frente é apalpado furtiva e apaixonadamente pelo religioso. Apressamo-nos em afirmar, pois pudemos constatar que esses contatos, embora físicos, têm motivação eminentemente espiritual. Em nenhum momento – e afirmamos categoricamente pois pesquisamos a fundo – esses contatos físicos do senhor Lockpez com seus semelhantes tiveram um caráter obsceno. [...] Obviamente essa inocente pregação acarretou muitíssimos problemas ao senhor López que em várias ocasiões foi acusado de abusos lascivos em plena via pública (temos cópias dessas atas). Por esse mesmo motivo teve que fugir de seu país de origem acompanhado por numerosos fiéis [...].²²⁷

O escárnio é indubitável. Assim como os homossexuais cubanos foram colocados em barcos no ano de 1980, categorizados como detentores de “patologias” e banidos da ilha pelo “contato amistoso” com o mesmo sexo, López e seus fiéis foram expurgados de seu país de origem por suas doutrinas, que pregavam a intimidade como via da salvação. Por que então o narrador – arquétipo dos cubanos estabelecidos, que em outros excertos discrimina a imoralidade do toque homossexual – sai em defesa dos religiosos? A associação entre prática espiritual e prática homossexual (ambas reprimidas no ambiente revolucionário cubano) ridiculariza os estabelecidos nos Estados Unidos pela aceitação coletiva de uma e a negação da outra. Embaçando as fronteiras entre as manifestações sociais, Reinaldo Arenas colocava à prova não só a sacralidade da igreja, mas a suposta perversão da homossexualidade, que, diferentemente da religiosidade (absolvida no exílio), permaneceu sendo condenada.

Desse modo, se a valorização da nação cubana nos escritos de Arenas constrói a identidade marielita em oposição aos estadunidenses, as denúncias à opressão dos homossexuais em sua obra ficcional identificam a Geração Mariel a partir de suas assimetrias em relação aos revolucionários e aos exilados estabelecidos.

²²⁶ ARENAS, Reinaldo. *O portero...*, op. cit., p. 18.

²²⁷ *Ibidem*, p. 32.

As questões étnicas e de classe, por suas vezes, atravessam em grande medida as relações entre Juan e os moradores do edifício Senhorita Scarlett Reynolds e Senhor Warren. Reynolds era uma atriz aposentada e obcecada com as finanças, que recolhia lixo e vendia sem necessidade, se alimentava em abrigos e roubava sabão de banheiros públicos, personificando assim a figura da avareza:

A senhorita Reynolds já tinha entrevistado vários vagabundos, chegando à conclusão de que neste país eram as únicas pessoas que não pagavam impostos, nem aluguel, nem água, nem luz, nem muitas vezes, transporte. E se via feliz com seu cachorro de trapo e uma bolsa onde levaria presa ao corpo sua fortuna, dormindo embaixo de uma ponte [...] ou em qualquer outro beco de Manhattan. Além disso, ela conhecia de cor todas as cloacas, buracos, tuneis e fossos da cidade, pois sua ocupação rotineira consistia em procurar moedas caídas nesses labirintos.²²⁸

O trecho destacado não apenas evidencia o abismo social entre os sujeitos que compõem o palco capitalista estadunidense – produtor de gritantes diferenças a ponto de muitos não terem sequer o direito à moradia –, como enxovalha as bases do sistema de mercado, pautado em um individualismo e egoísmo delirante, capaz de causar aos mais ricos o sentimento de inveja direcionado aqueles que nada têm. Observe, ainda, o posicionamento de Reynolds ao oferecer uma gratificação de \$ 0,25 ao porteiro:

– Todos sabemos, querido amigo, que a administração lhe deu um xeque de fim de ano, que lhe pertence, mas eu, pessoalmente, quero contribuir para seus fundos, que são muito mais sólidos que os meus. Espero que saiba apreciar o valor desse presente e o sacrifício que ele me custa. Oxalá ele lhe sirva, não para gastá-lo em coisas supérfluas, mas como um estímulo para ser cada dia mais poupador. Deposite-o em uma poupança e verá, após alguns anos, como vai me agradecer.²²⁹

Além de cometer a incongruência de atribuir aos fundos do porteiro uma solidez maior que a dos seus, a abastada senhora repete ao trabalhador múltiplas ilusões, constantemente replicadas no discurso de defensores do sistema do capital. Mostra-se, assim, ideologicamente corrompida e psicologicamente alienada. Sua crença de que 0,25 *cents* renderiam uma fortuna no futuro trata-se de uma hipérbole, responsável por abrir os olhos do leitor ao devaneio capitalista.

Se na Senhorita Reynolds – que também se queixava de que o porteiro “não era suficientemente cuidadoso com a propriedade alheia”²³⁰ – expressa-se o individualismo, a falta de cooperação e a competição, próprios do sistema de mercado, no magnata Mr. Warren

²²⁸ Ibidem, p. 83-84.

²²⁹ Ibidem, p. 115.

²³⁰ Ibidem, p. 103.

observa-se, sobretudo, a depreciação do estrangeiro por fatores étnico-raciais. Proferindo falas como “perdão, não quero ofendê-lo, mas o senhor é o porteiro”²³¹, “se o senhor anda com as mãos sujas é problema seu”²³², ou, ainda, sugerindo que Juan tivesse uma doença contagiosa e lamentando estar na companhia de alguém “que nem era da nação”²³³, a personagem Mr. Warrem é construída por Arenas como um arquétipo daqueles que nascidos nos Estados Unidos depreciavam a figura latina.

É interessante observar, portanto, que em *El portero* a identidade marielita é arquitetada em relação aos revolucionários, mas também à comunidade cubana exilada preliminarmente e aos norte-americanos, de modo que os refugiados políticos de 1980 passam a constituir um quarto grupo. São classificados, ainda, a partir de quatro recortes sociais – nação, gênero, classe, e configurações étnico-raciais –, nos quais ocupam, via de regra, uma posição marginalizada que buscam transpor. Tetrificam-se²³⁴. Tal como no jogo de Pajitnov as peças de quatro faces são posicionadas e reposicionadas em torno do próprio eixo com a finalidade de encaixe, os personagens marielitas do jogo semântico de Arenas atuam como unidades multifacetadas que se realocam e reconfiguram, buscando se estabelecer socialmente. Pressionando ainda mais a alegoria é possível afirmar que da mesma forma que as peças do jogo soviético, ao serem devidamente justapostas, desaparecem – levando com elas as bases sólidas –, os arquétipos marielitas na obra de Arenas, fragmentam-se logo após se estabilizarem, originando novos espaços não preenchidos. A analogia tem por objetivo demonstrar que a identidade marielita, construída no romance ficcional, tem mais a ver com a falta, o vazio²³⁵, as lacunas de um grupo que se constitui pela marginalização e não reconhecimento, do que com as posições sociais por

²³¹ Ibidem, p. 73.

²³² Ibidem, p. 73.

²³³ Ibidem, p. 76.

²³⁴ O termo faz alusão ao jogo Tetris – nomenclatura originada de “tetra”, que significa “quatro” em grego. Trata-se de um quebra-cabeça constituído por peças distintas a serem encaixadas umas nas outras. Cada peça é formada por quatro partes, podendo girar também quatro vezes em torno do próprio eixo. Desenvolvido em 1984, ainda durante a guerra fria, pelo engenheiro de computação russo Alexey Pajitnov, o *game* é um dos produtos do Centro de Computação da Academia Soviética de Ciências. Mais informações disponíveis no site oficial da marca Tetris: < <https://tetris.com> >.

²³⁵ O “vazio”, em meio às ideias de “civilização” e “barbárie”, é um dispositivo expressivo nas produções de José Alves de Freitas Neto, que identificou entre os escritores Argentinos do século XIX uma atuação político-cultural voltada para o preenchimento dos vazios civilizacionais no Novo Mundo. Se no projeto de nação recém-independente, o vazio, “compreendido não como a ausência, mas como espaço do que é faltante”, possibilitava aos intelectuais construtores de uma nova identidade populacional mirar a Europa como elemento civilizacional, o “vazio” aqui explicitado, referente à experiência cubana marielita do século XX, continua a designar uma necessidade de preencher um espaço, mas não vislumbra modelos a seguir. Sobre o vazio na Argentina oitocentista, ver: FREITAS NETO, José Alves. *Percorrendo o vazio: intelectuais e a construção da Argentina no século XIX*. São Paulo: Intermeios, 2021.

eles já ocupadas, que – irrequietas e temporárias – eram incapazes de assegurar qualquer unidade:

Não pareciam seres deste mundo [...]. Assim, de alguma maneira, aqueles personagens solitários e desesperados se entendiam. Sim, de alguma maneira aquela estranha e singular loucura, que os consumia, também os identificava e, quem sabe, até os consolava.²³⁶

Diante da análise da construção identitária marielita na obra *El portero*, evidencia-se que Arenas apresentou na forma literária a existência de entes fragmentados, desconexos e em constante deslocamento, dando substância ao que o sociólogo Stuart Hall chamou de “erosão da identidade mestra”. Segundo Hall:

Na modernidade as identidades são contraditórias. Elas se cruzam ou se deslocam mutuamente. As contradições atuam tanto fora, na sociedade, atravessando grupos políticos estabelecidos, quanto dentro, em cada indivíduo. Nenhuma identidade singular – por exemplo, de classe social – pode alinhar todas as diferentes identidades com uma “identidade mestra”, única, abrangente, na qual se pudesse, de forma segura, basear uma política. As pessoas não identificam mais seus interesses sociais exclusivamente em termos de classe; a classe não pode servir como um dispositivo discursivo ou uma categoria mobilizadora através da qual todos os variados interesses e todas as variadas identidades das pessoas possam ser reconciliadas e representadas. De forma crescente, as paisagens políticas do mundo moderno são fraturadas dessa forma por identificações rivais e deslocantes - advindas, especialmente, da erosão da "identidade mestra" da classe e da emergência de novas identidades, pertencentes à nova base política definida pelos movimentos sociais.²³⁷

Sem abdicar do recorte de classe, Reinaldo Arenas construiu a identidade marielita abarcando múltiplas camadas sociais e distintas formas de identificação emergentes na sociedade moderna. Ao retirar a identidade de classe de um patamar superior e alinhá-la as demais (identidade étnico-racial, nacional e de gênero) o intelectual produziu menos uma desvalorização do ideal de distribuição igualitária de riqueza – o que pode ser observado nas críticas ao sistema capitalista como produtor da falta de lazer, como agente da escassez de recursos materiais e promotor de profundas desigualdades econômicas – e mais uma recusa em aceitar que com a supressão das classes desapareça também a marginalização dos sujeitos.

Essas apologias à diversidade impressas em *El portero*, bem como, a crítica aos diversos poderes modernos, dialogam com as relações sociais do escritor. Anos antes da publicação da obra, Reinaldo Arenas era acusado por setores aliados aos revolucionários de usar a identidade homossexual como arma política na Guerra Fria de modo a beneficiar os Estados Unidos em detrimento das nações revolucionárias. Tachados de grupos direitistas devido às denúncias que

²³⁶ ARENAS, Reinaldo. *O porteiro...*, op. cit., p. 45-46.

²³⁷ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade...*, op. cit., p. 20-21.

emprendiam ao castrismo, os representantes do êxodo de Mariel foram descreditados em uma publicação de 1983 intitulada *The Easy Convenience of Cuban Homophobia*. Ao receber as correspondências de Ana María Simo – escritora cubana exilada, cujo projeto editorial *El puente*, voltado para a valorização das vozes tradicionalmente esquecidas, havia sido encerrado por determinações revolucionárias em 1965 –, Reinaldo Arenas foi alertado sobre a desconfiança da militância gay e feminista francesa quanto as motivações políticas e humanas dos marielistas.²³⁸

Iniciada sua escritura no ano posterior ao episódio, a obra *El portero* parece estar em consonância com as palavras de Ana María Simo, cuja epístola não só assegurava a necessidade de provar para a sociedade que “não constituíam um bando de direita, manipulado por sabe-se lá que poderes obscuros”²³⁹, como indicava a urgência de eliminar todas as suspeitas, “alimentadas em parte por omissões e silêncios do próprio grupo”²⁴⁰. Se o tom denunciativo do escrito em relação a Cuba reafirma o anticastrismo, comum em sua literatura testemunhal, o trabalho crítico com as múltiplas identidades na obra ficcional parece situar a posição dos exilados de Mariel com maior diligência.²⁴¹

Ao construir uma obra que desvela a necessidade de um novo lugar para se viver, onde os sujeitos não sejam classificados, inviabilizados e excluídos, Reinaldo Arenas continuava a se opor aos revolucionários pelo não cumprimento das promessas de ampla justiça social, mas também evidenciava na sociedade capitalista o projeto de segregação das comunidades periféricas. Com a alegoria de uma porta fantástica que ao ser descoberta “conduziria as pessoas a uma espécie de região desconhecida”²⁴² e com a afirmação categórica de que essa porta se encontrava “longe da realidade em que todos vivemos”, o intelectual manifestava seus descontentamentos com as configurações políticas na modernidade.

²³⁸ DRUMMOND, Caroline. *Exílio, literatura, intelectuais e política em Mariel...*, op. cit., p. 75.

²³⁹ SIMO, Ana María. Carta para Reinaldo Arenas, com cópia para Reinaldo García Ramos. Nova York, 8 out. 1983. 2f. Mariel (Revista) Papers (apud DRUMMOND).

²⁴⁰ Idem.

²⁴¹ Reinaldo Arenas visitou – por “permissão especial”, haja vista que sua documentação nunca foi regularizada nos Estados Unidos – países como Venezuela, Suécia, Dinamarca, Espanha, França e Portugal. Ministrou palestras e cursos nas universidades de Harvard, Colúmbia, Estocolmo e Universidade Internacional da Flórida. As excursões, geralmente financiadas por associações como o PEN CLUB – Clube internacional de Poetas, Ensaístas e Novelistas –, eram voltadas para temáticas como a liberdade de expressão. Os discursos críticos aos revolucionários, que evidenciavam no periódico cubano *Granma* legislações repressivas à liberdade sexual e literária, foram frequentemente aceitos pela comunidade gay, mas rechaçados por setores alinhados ao comunismo. Sobre as conferências do intelectual, ver em: ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça...*, op. cit., p. 329. Sobre o custeio e recepção do público. MARIEL. *Revista de literatura y arte*. Nova York, NY. v. 1, n. 4..., op. cit., p. 7.

²⁴² ARENAS, Reinaldo. *O portero...*, op. cit., p. 16.

2.2 - Marcas adentro, barbáries afora: o erigir da condição mariel ante a ruína do progresso civilizatório

E até as vozes dos que lá clamam e até os aplausos dos que lá traem e até o estrondo das metralhadoras e os estertores dos que lá perecem ficam obscuros, como se uma espessa cortina caísse entre aquele lugar de onde um dia fugimos porque sofriamos e este outro onde agora sobrevivemos e não somos porque já não sonhamos.²⁴³

Reinaldo Arenas

No ano de 1945, em palestra intitulada *O existencialismo é um humanismo* proferida no Club Maintenant de Paris, Jean-Paul Sartre defendia-se das acusações direcionadas à filosofia existencialista. Difundida inicialmente pelas obras *A náusea* (1938) e *O ser e o nada* (1943), a teoria sartreana havia sido apresentada ao mundo a partir de pressupostos como a negação da ideia de essência humana; a valorização do homem como sujeito civil, isto é, desvinculado de um plano natural e/ou divino; bem como, a contraposição ao racionalismo cartesiano. Evidenciando que o homem é projeto de si mesmo, Sartre opunha-se a concepção amplamente difundida de que somos guiados por uma suposta natureza a ser atingida em sua plenitude pela manutenção do bem, anulação do mal e ordenamento da sociedade. Para o pensador francês as relações humanas modernas se constituíam não pela submissão do ser a uma moral pré-determinada, mas por eventuais tomadas de decisão, responsáveis por lançar a humanidade a trajetos inéditos a cada ocasião. Segundo Sartre, diferente de um utensílio que é planejado e depois confeccionado para atingir sua função, o ser humano primeiro existe no mundo e depois significa sua existência da forma que lhe convém:

O homem está desamparado porque não encontra nada a que se agarrar. Para começar, não encontra desculpas. Se a existência precede a essência, nada poderá ser explicado por referência a uma natureza humana definitiva; ou seja, não existe determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade. [...] Não encontramos, já prontos, valores ou ordens que possam legitimar a nossa conduta. Assim, não teremos nem atrás de nós, nem na nossa frente, no reino luminoso dos valores, nenhuma justificativa e nenhuma desculpa. Estamos sós. É o que posso expressar dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado, porque não se criou a si mesmo, e como, no entanto, é livre, uma vez que foi lançado no mundo, é responsável por tudo o que faz. O existencialismo não acredita no poder da paixão. Ele jamais admitirá que uma bela paixão é uma corrente devastadora que conduz o homem, fatalmente, a determinados atos, e que, conseqüentemente, é uma desculpa. Ele considera que o homem é responsável por sua paixão. [...] O homem, sem apoio e sem ajuda, está condenado a inventar o homem a cada instante. [...] Qualquer que seja o homem que surja no mundo, ele tem um futuro a construir, um futuro virgem que o espera.²⁴⁴

²⁴³ Ibidem, p. 206-207.

²⁴⁴ SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Tradução de Rita Correia Guedes. Paris: Les Éditions Nagel, 1970, p. 18.

Ao definir o *ser* e a *liberdade* humana como indissociáveis, a filosofia sartreana foi recepcionada pelos adeptos do *materialismo marxista*²⁴⁵ com desconfiança. Relativizando a moral não estaria desmobilizando as ações proletárias e incitando “as pessoas a permanecer no imobilismo do desespero”? Significar o homem por sua liberdade existencial advinda das escolhas cotidianas sem descortinar as opressões de classe diárias não faz do pensamento existencialista uma “filosofia contemplativa e, portanto, burguesa”? Se a angústia e a solidão de nossas escolhas subjetivas é o que define nossa liberdade, qual o espaço para a solidariedade humana? Não se trata o existencialismo de “uma espécie de ressurreição do liberalismo” decadente?

Muitas dessas perguntas, proferidas durante a conferência, foram respondidas pelo filósofo. Sartre não apenas se negou a corroborar com a versão de que o existencialismo consistia em uma filosofia pessimista e estéril, como afirmou o oposto, evidenciando que o ser humano só pode transformar a realidade – fenomenológica – quando abandona a má fé e responsabiliza-se por suas próprias ações. Sugeriu ainda que, por mais que partamos da subjetividade para definir nossa forma de liberdade, o coletivo tem papel essencial, haja vista que o homem só se constrói socialmente projetando-se para fora, de modo que se “alguém escolhe viver na instituição do casamento, por exemplo, engaja não apenas a si mesmo, mas toda a humanidade na trilha da monogamia”²⁴⁶.

Por mais que as respostas do intelectual tenham aproximado discursivamente sua filosofia de alguns dos pressupostos marxistas, como o impulso a ação e a coletividade, o tom do debate foi pouco amistoso, levando um de seus interlocutores a acentuar as disparidades entre a filosofia sartreana e o materialismo:

Não me parece que a sua definição esteja de acordo com os seus textos. De qualquer modo, fica claro que sua concepção da situação não é identificável, sequer aproximadamente, com uma concepção marxista, visto que nega a causalidade. [...] A realidade primeira é a realidade natural, da qual a realidade humana é apenas uma função. Mas, para isso, temos de admitir a verdade da história humana, e o existencialismo, de modo geral, não o faz. É a história que faz os indivíduos. É a história, a partir do momento em que são concebidos, que faz com que os indivíduos não nasçam e não apareçam num mundo que lhes confere uma condição abstrata, mas

²⁴⁵ O *Materialismo Marxista* trata-se de um método de conhecimento da realidade concreta, desenvolvida por Karl Marx e Friedrich Engels. A premissa fundamental dessa proposta analítica do social utiliza dos conceitos Hegelianos de inseparabilidade entre o absoluto e o relativo para defender que a “objetividade do conhecimento só é resolvida pela teoria dialética da consciência humana, na qual o mundo exterior existe independentemente do sujeito”. Em outras palavras, o Materialismo Histórico-Dialético apropria-se da noção de que a investigação acerca do social deva considerar a constância da movimentação dos objetos em seu *vir-a-ser*, mas opõe-se ao idealista germânico quanto a noção de que o pensamento é criador da realidade. Ver em: LUKÁCS, György. *Existencialismo ou marxismo*. São Paulo: Senzala, 1967, p. 18.

²⁴⁶ SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo...*, op. cit., p. 13.

surjam num mundo do qual sempre fizeram parte, para o qual estão condicionados, e que eles próprios contribuem para condicionar.²⁴⁷

Se a doutrina de Sartre pregava que o homem – universal, visto que o filósofo partia de um pressuposto ontológico – não depende de uma moralidade substancial para agir, sendo sua capacidade de escolha a prova de sua liberdade, o interlocutor evidenciava que, ainda que não seja guiado por uma moral prévia, o homem – concreto, ôntico – é constantemente alienado pelas instituições que o precedem. Desse modo, para o marxista a liberdade se constituiria não pela subjetividade, mas pela superação das formas capitalistas de produção vigente, que influíam sobre cultura, religião, ciência, arte e, inclusive, a moral. Ambos evidenciavam a capacidade do homem de modificar a sociedade; mas se para Sartre a liberdade constituía o princípio da mudança, para o adepto ao marxismo ela se tratava de um fim a ser atingido.²⁴⁸

Em meados da década de 1980 o debate sobre a liberdade não havia se arrefecido. Em detrimento da noção natural de “troca” do liberalismo clássico, o pressuposto artificial de “concorrência” adotado pelo neoliberalismo – corrente teórica e política que, reagindo ao Estado intervencionista, surge nos fins da Segunda Guerra Mundial e se consolida nas políticas estadunidenses de Reagan –²⁴⁹ situava a liberdade do homem em campo indistinto do livre comércio.²⁵⁰ A premissa do modelo sugeria, sem considerar as imensas desigualdades

²⁴⁷ Ibidem, p. 51.

²⁴⁸ É importante observar no diálogo estabelecido entre os interlocutores a influência de Hegel. Ao defender a tese de que o homem primeiro surge no mundo e só depois dá sentido a sua existência, Sartre, ainda que crítico a ideia hegeliana de uma progressiva essência espiritual humana, utilizava dos pressupostos de que a realidade se trata de uma unidade linguística entre o mundo e a mente, bastante habitual nos escritos do filósofo germânico. O interlocutor marxista, por sua vez, recorria habilmente ao conceito de causalidade, próprio também do hegelianismo, cuja definição de causa e efeito como constitutivos de um todo dialético permitia sugerir que o capitalismo (causa), não se diferenciava da sociedade opressora vigente (efeito), de modo que com a superação de um sobrepujava-se também o outro. FERREIRO, Héctor. Causalidade, Substância e Subjetividade Absoluta: A Superação Hegeliana do Dualismo entre Determinismo e Liberdade. In: UTZ, Konrad; BAVARESCO, Agemir; KONZEN, Paulo. *Sujeito e Liberdade: investigações a partir do idealismo alemão*. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2012, p. 134-137. Disponível em: < <https://repositorio.uca.edu.ar/handle/123456789/12448> >. Acesso em: 17 mar. 2023.

²⁴⁹ De acordo com Perry Anderson a origem do neoliberalismo está na obra “*O Caminho da Servidão*, de Friedrich Hayek, escrito no ano de 1944. Trata-se de um ataque contra a limitação dos mecanismos de mercado por parte do Estado, entendida pelos adeptos como uma ameaça letal à liberdade, não somente econômica, mas também política”. Ver em: ANDERSON, Perry. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, Emir; GENTILI, Pablo. *Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 9.

²⁵⁰ Segundo Rodrigo Turin “diferentemente do liberalismo clássico, que se construía a partir da noção de ‘troca’ e se baseava em fatores antropológicos – vinculados à natureza humana –, o neoliberalismo tem seu âmago discursivo na noção de ‘concorrência’, um pressuposto artificial”. Apesar de a artificialidade do mecanismo de mercado demandar uma necessidade de maior organização e intervenção estatal nas relações econômicas, desde sua consolidação a partir da década de 1980 os defensores da doutrina neoliberal têm preconizado a mínima intervenção do Estado, causando o “esvaziamento das esferas de autonomia política e científica” e promovendo desigualdade ao reconfigurar as “instituições e os indivíduos como atores de um mercado” supostamente autorregulável. TURIN, Rodrigo. Presentismo, neoliberalismo e os fins da história. In: AVILA, Arthur. *A História (in)Disciplinada: Teoria, ensino e difusão de conhecimento histórico*. Ed. 1. Vitória: Milfontes, 2019, p. 253-254.

populacionais e a finitude dos recursos naturais, que a disputa de mercado produziria riqueza aos diversos setores sociais, que em posse do lucro desfrutariam da liberdade, confundida com satisfação material. Em oposição ao modelo que se mostrou ineficiente e perverso – haja vista que produziu miséria coletiva e acúmulo de capital nas mãos de poucos –, os comunistas continuavam a conceber a liberdade arraigando-se a pressupostos morais e científicos, que valorizavam a coletividade, a distribuição de riqueza, a manutenção da educação, saúde e lazer.

Com as múltiplas concepções de liberdade, Sartre – que nos anos 1950 engajou-se no socialismo, apoiando a Revolução Cubana até 1968, ano em que dela se desvencilha por oposição a censura e coação dos literatos –, era evocado por diversos intelectuais, entre os quais se encontravam os marielistas e Arenas. Enquanto na *Revista de Literatura e Arte Mariel* o francês era referenciado como um “desastre”, seu livro *O ser e o nada* (1943) era simbolicamente retalhado nas páginas de *El portero*:

Quando o senhor Warrem saía do edifício com Cleópatra para que ela fizesse seu passeio regulamentar, a cadela, subitamente, pegou com os dentes o livro que Juan tentava ler. O animal deu uma rápida olhada no texto e imediatamente destruiu o livro a mordidas. Depois, com sua típica altivez, saiu do edifício. [...] O livro em questão era *O ser e o nada* em versão espanhola.²⁵¹

A destruição da obra francesa, situada na segunda parte da novela, parece apresentar na história de Juan um ponto de inflexão. Retirado das mãos do porteiro e rasgado de forma consciente por Cleópatra – cadela de estimação de Mr. Warrem, descrita como “incapaz de um gesto gratuito”²⁵² –, o livro deixava de presentificar ao personagem a responsabilidade do homem sobre o homem. Autônomo daqueles que não o reconhecia como um igual, Juan poderia agir em função dos seus semelhantes, isto é, os animais, abrindo a porta da liberdade não para a humanidade, mas para aqueles que assim como ele compartilhavam de uma indiscutível experiência de clausura, prisão, opressão e silenciamento:

Tentaremos encontrar uma solução ou, como você mesmo disse, uma saída ou uma porta. Uma porta para você e para nós. Não para eles, os moradores, que dela não necessitam, porque sequer percebem que estão presos.²⁵³

Atribuído a Cleópatra, o discurso acima proferido não apenas evidencia a fabulação do texto que caracteriza a segunda parte do romance areniano, mas apresenta um deslocamento essencial no pensamento de Sartre. A antropomorfização dos animais e a zoomorfização de

²⁵¹ ARENAS, Reinaldo. *O porteiro...*, op. cit., p. 185.

²⁵² *Ibidem*, p. 73.

²⁵³ *Ibidem*, p. 147.

Juan – que experimenta o mundo de forma semelhante à animalidade – rearticulam a dialética entre homem e natureza. Por efeito, o exilado marielita, homem e animal, continuava sendo condenado a escolher, mas era, simultaneamente, privado de suas decisões:

Fora pedida uma súbita mudança total em suas perspectivas; era como se de repente lhe exigissem que saísse de um mundo desesperado para outra região desconhecida e, literalmente, inumana, onde aparentemente tampouco havia salvação.²⁵⁴

Coagido a optar entre um mundo desesperado e uma região inumana, o homem híbrido de Arenas contrapunha-se ao homem decisivo de Sartre, para o qual as escolhas levavam a trajetos distintos. Sugerindo a existência não só de realidades cíclicas, mas de sujeitos cindidos, desorientados, afugentados e errantes, o dissidente de Cuba, que da luta socialista havia se distanciado, desfazia-se também do humanismo existencialista sartreano. Ao recepcionar *O ser e o nada* e referenciá-lo em sua obra na segunda metade da década de 1980, Arenas reatualizava o desgastado debate, atribuindo a Marx a composição de um progressismo irreal e a Sartre a criação de uma liberdade idealista. Que progresso viram aqueles que sob o regime comunista continuaram a ser perseguidos? Que liberdade tiveram todos os que, sofrendo insílios em sua terra, foram coagidos a escolher deixá-la?²⁵⁵

Diante da estrutura capitalista, Arenas mirava os métodos de compreensão da realidade que prometiam uma resposta ao estopim da ideologia liberal.²⁵⁶ Com uma postura menos niilista que investigativa, o intelectual descascava os limites da causalidade e da totalidade, efetivando o que Ivan Jablonka definiu como uma produção própria do terceiro continente, isto é, “uma literatura-pesquisa, atormentada pela vontade não de narrar, mas de compreender e decifrar o mundo”²⁵⁷.

Em *El porteiro*, não é incomum a tecitura de discursos convergentes que, atribuídos a distintos personagens – tal como em *O Banquete* (380 a.C.) de Platão –, são responsáveis por colocar o homem e suas relações sociais entre parênteses. Observe como as múltiplas narrativas

²⁵⁴ Ibidem, p. 184-185.

²⁵⁵ Na década de 1960 ocorreram debates calorosos em torno das noções de liberdade e progresso. Enquanto o existencialismo sartreano alocava o progressismo – conceito essencial na filosofia marxista – como um determinismo metodológico, entendendo-o apenas como melhoria, os adeptos do materialismo histórico apresentavam a noção de liberdade de Sartre como uma expressão reacionária. Ver em: LUKÁCS, György. *Existencialismo ou marxismo...*, op. cit., p. 192.

²⁵⁶ Evidenciar nas obras tanto o reforço quanto a subversão da tradição “indicando a necessidade de tradições mais recentes, mais abertas a modos desconcertantes de questionamento e mais capazes de resistir a ameaça recorrente de colapso” é uma abordagem que “visa evitar uma replicação sonambúlica dos excessos de uma tradição histórica, reabilitando o que nela está submerso ou reprimido”. Ver em: LACAPRA, Dominick. *Rethinking Intellectual History...*, op. cit., p. 249.

²⁵⁷ JABLONKA, Ivan. *O terceiro continente...*, op. cit., p. 17.

– proferidas em uma espécie de tribunal animal revolucionário, onde a humanidade é julgada e os animais deliberam sobre a fuga da realidade opressiva –, disputam a experiência de Juan, rearticulando noções de liberdade no mundo contemporâneo:

Somos [Pomba-trocaz e Juan] ambos originários dos trópicos, vivemos em um clima que para nós é antinatural, sonhamos com nossa paisagem, e o que é ainda mais importante, somos prisioneiros. Ele [Juan] é prisioneiro de uma circunstância de que, por muitas razões, não pode escapar e de um passado a que, mesmo querendo, não pode renunciar. E embora não seja precisamente a esse passado que o porteiro queira voltar, ele (da mesma forma que eu, da mesma forma que nós) deseja partir [...]. Também me pergunto se por acaso poderíamos viver lá de onde há tanto tempo partimos. Mas, se nos aceitam, não haverá sempre por parte deles uma reprovação latente e, de nossa parte, uma perene insegurança?²⁵⁸

No discurso apresentado acima, pertencente a Pomba-trocaz, o porteiro e o animal compartilham de um passado traumático e um futuro indeterminado, que, aparentemente, os tornam semelhantes. Com alusões a uma nação de origem, da qual foram expurgados, bem como a uma outra, no horizonte de expectativas, Arenas ensaia uma sensibilidade exílica, imergindo o leitor em uma realidade inexplorada por muitos, na qual a incapacidade de significação da experiência vivida e do devir é responsável pela cisão da liberdade.

No discurso atribuído ao peixe, por sua vez, os tempos predecessores e sucessores, determinantes ao argumento da ave, perdem espaço, figurando em segundo plano, de modo que a falta de liberdade é justificada pelo presente de asfixia existencial:

O mesmo céu, que ele [Juan] tanto contempla, por acaso não é por sua cor e por sua amplitude uma espécie de espelho do mar? [...] Nosso porteiro é um pobre peixe que da mesma forma que eu se asfixia neste lugar. Na realidade, o porteiro e eu somos quase uma mesma pessoa ou, melhor dizendo, um mesmo peixe. Cada um agitando-se desesperado em seu aquário, mas sempre espreitando e esperando. Cada centímetro da grande porta de vidro do lobby é tão conhecido dos olhos do porteiro como para mim é cada milímetro deste aquário[...] Quando o vejo agitando-se dentro do vidro, procurando como eu o oxigênio que não existe nesse lugar, até certo ponto me consolo: não estou só. Nossa salvação não pode ser outra senão a água.²⁵⁹

Ainda que cada animal tenha propostas diferentes – fuga rumo ao céu ou em direção à água; retorno ao primeiro lar ou a um novo local, resolução do passado ou do presente – o arbítrio e a vontade figuram como soluções para o “tornar-se livre”; similitude que não se renova na narrativa do urso polar:

Como já falei indiretamente antes, devemos viver entre os gelos polares... Por quê? Porque num clima frio alimentos não se estragam (e um de nossos propósitos fundamentais é comer), não ocorrem as lamentáveis pragas que em outros climas podem dizimar-nos (e um de nossos propósitos fundamentais é viver saudavelmente),

²⁵⁸ ARENAS, Reinaldo. *O porteiro...*, op. cit., p. 154-155.

²⁵⁹ *Ibidem*, p. 166-167.

não nos perturbarão os incessantes barulhos que em qualquer outra parte do globo existem (e um de nossos propósitos fundamentais é repousar), não viria o homem, em outras palavras, nos importunar indolentemente. Além disso poderíamos hibernar, isto é, dormir e sonhar por um longo tempo. E não creio ser necessário declarar que o conforto e a saúde são requisitos fundamentais para aproveitar a liberdade.²⁶⁰

Enfatizando a necessidade de comer, repousar e ter saúde – demandas das quais foram privados não só Juan, a ave e o peixe, mas os outros animais que na obra proferem seus discursos – o urso apresentava a liberdade, não apenas como escolha, mas como um fator dependente de condições histórico-materiais. Isso não configura, contudo, uma reciclagem da filosofia marxista, isto é, não se trata do triunfo do materialismo sobre o existencialismo. Observe a reação de Juan diante dos animais:

Às vezes, em meio a delirante fauna sonora, nosso porteiro viajava mentalmente [...]. No passado que é para nós sempre presente, pode ver-se, agora, um menino, querendo dormir entre as pernas da mãe [...]. Mais adiante, nessa época, nesse passado que para nós não existe, já que queiramos e não vivemos sempre nele, Juan se vê caminhando enfurecido pelas praias vigiadas de seu país, averiguando, tentando medrosamente averiguar, como cruzar o mar [...]. Para sempre fugindo daquele lugar onde toda a sua infância e adolescência, sua vida, não haviam sido mais que uma tentativa frustrada de ser acolhido por algo que não fosse o campo de trabalho, o serviço militar obrigatório, as obrigatórias horas de vigilância, a assembleia obrigatória [...].²⁶¹

Ao sugerir que entre os ganhos da Revolução Cubana, restou a uma parcela humana significativa os deveres e os ditames, as lembranças do porteiro – que pouco divergem das denúncias de Arenas em sua autobiografia – interpelam os efeitos da doutrina marxista na ilha, evidenciando as distâncias entre seus pressupostos ideais e a prática. Como escrito investigativo a obra se recusa a oferecer uma resposta definitiva ou a demonstrar uma preferência. Em vez de encerrar-se em aquiescência, as afirmações dos animais e os devaneios de Juan estimulam uma nova questão: se no seio da civilização contemporânea o progresso se efetiva, não como negação da barbárie, mas por meio de sua manutenção, a liberdade pode figurar de outras formas, se não como sonho?

Enquanto na primeira parte de *El portero* a não adequação de Juan diante das alteridades humanas, faz da identidade marielita uma construção calcada no vazio – como expresso no item anterior –, os discursos antropomórficos na segunda parte da novela, que discutem as filosofias da liberdade, relacionam esse vazio à primazia da barbárie. Diante de uma guinada na narrativa, onde o leitor se surpreende entre o fantástico e a memória, observa-se o surgimento de uma

²⁶⁰ Ibidem, p. 192-193.

²⁶¹ Ibidem, p. 204.

condição marielita não como desvio do processo civilizacional moderno, mas como um produto inerente.

2.3 - O avesso do homem novo: o corpo e a moral revisitados em meio à carnavalização do sagrado

*Eu saí de Cuba para não continuar sendo um traidor.*²⁶²

Reinaldo Arenas

Apresentada como ferramenta pedagógica fundamental na formação das novas gerações, a concepção de *homem novo* foi amplamente difundida pelos revolucionários durante a década de 1960. Acreditavam que para a consolidação da sociedade comunista deveriam desenvolver na juventude cubana uma consciência distinta, cujo padrão ideológico, distanciado dos vícios capitalistas, permitiriam o desenvolvimento econômico e o progresso social. Entre os novos valores a serem cultivados, encontrava-se: a fidelidade ao povo e a nação anti-imperialista; a recusa à ganância material e ao individualismo, bem como, a devoção ao trabalho comunitário e à coletividade.²⁶³ Tratava-se, portanto, de uma estratégia político-governamental e, concomitantemente, um código ético a ser seguido.

Com a implementação do Serviço Militar Obrigatório (SMO) em 1963, o ideal de *homem novo* cubano – que se incorporava aos órgãos oficiais e se difundia a partir dos discursos de Che Guevara –, era legislativamente reforçado. Enquanto os homens de 16 a 45 anos emprestavam sua força à Revolução ao efetivar trabalhos de colheita de cana-de-açúcar, que auxiliariam a economia a partir da exportação do produto à União Soviética, a rotina estudantil passava a alternar o trabalho intelectual e o braçal. O ideal era que o corpo discente cubano – visivelmente amplificado com as políticas educacionais revolucionárias – relacionasse a teoria à prática, afastando-se da alienação, aqui entendida como descolamento da realidade social.

Temos nossos institutos e escolas tecnológicas, nossos programas de bolsas, onde 100.000 jovens aprendem [...]. E acima de tudo temos nossa organização juvenil, temos nosso Sindicato de Jovens Comunistas, trabalhando ativamente entre os bolsistas, entre os lutadores revolucionários, entre os operários fabris, entre todos os estudantes, organizando o entusiasmo dos jovens; os levando para o trabalho; os conduzindo ao dever; educando-os politicamente.²⁶⁴

²⁶² ARENAS, Reinaldo. *El portero...*, op. cit., p. 69.

²⁶³ MISKULIN, Silvia Cezar. O ministro Che Guevara e a gestão econômica em Cuba ..., op. cit., p. 45.

²⁶⁴ CUBA. Primeiro-Ministro (Fidel Castro). Discurso proferido no evento de celebração do IV Aniversário da Integração do Movimento Juvenil Cubano. Cidade escolar “Abel Santamaria”, 21 out. 1964. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1964/esp/f211064e.html>>. Acesso em: 13 abr. 2023.

Na medida em que confluíam o guerrilheiro discursivo, a legislação militarizante e as propostas educacionais, instituía-se socialmente a idealização do revolucionário. Definiam-se não apenas os princípios típicos de um guerrilheiro, como a coragem, a honra, a disciplina e o compromisso com o coletivo, mas também seus corpos, isto é, sustentáculos da masculinidade:

Sabemos de muitos casos de jovens que eram incorrigíveis [...] e aí veio o Serviço Militar [...]. Bem, o que eles não podiam ensinar em casa, o que eles não podiam ensinar na escola, o que eles não podiam ensinar no ensino médio, eles aprenderam no exército, eles aprenderam em uma unidade militar. Ali adquiriram disciplina, seriedade, responsabilidade; No exército temos uma instituição educacional, uma instituição que forma nossa juventude, uma instituição que contribui para formar uma juventude diferente. [...] Certamente aquele jovem, acostumado aos rigores da disciplina militar, às responsabilidades, não se torna um “pepillito” [afeminado].[...] Aquele jovem, quando entra na unidade militar adquire outra figura, outro porte, adquire outro cunho, adquire outro caráter, adquire hábitos que são muito diferentes daqueles que podem ser vistos em alguns cantos, que podem ser vistos em alguns parques; absurdos, coisas estranhas, fantasias desaparecem da mente daquele jovem, e essa mente é preparada e fortalecida contra a influência de todas aquelas coisas extravagantes e bizarras.²⁶⁵

Como pode ser visto no discurso empreendido por Fidel Castro durante o IV aniversário de celebração da Integração do Movimento Juvenil Cubano, em contrapartida ao modelo de herói nacional – isto é, o “homem viril, da guerra, da política e da conquista” – construía-se, também, o homem afeminado, “cuja fragilidade o impedia de aguentar os sacrifícios de lutar pela pátria e entregar-se à nação”²⁶⁶. Para esses outros, *pepillitos*, *pájaros*, *mariposas*, *antisociales*, a Revolução adquiria, progressivamente, configurações hostis.

As Unidades Militares de Ajuda à Produção (UMAPs), instituídas em Cuba no ano de 1965 e interdadas a mando de Fidel Castro em 1968, passaram a ser utilizadas como espaço de revitalização de tais corpos, bem como, purificação das fraquezas morais. Ainda que tenham surgido com um viés de fortalecimento do ideal de trabalho comunitário – tal como o SMO –, as UMAPs acabaram por constituir não apenas ambientes pedagógicos, mas centros punitivos, onde eram internados os considerados “diversionistas ideológicos”.²⁶⁷ Com o intento de “reabilitar” não só os homossexuais, mas diversos outros grupos que não se adequavam ao

²⁶⁵ Idem.

²⁶⁶ SADDI, Rafael. *O ascetismo revolucionário no movimento 26 de julho: o sacrifício e o corpo na Revolução Cubana*. 2009, p. 158. 208 f. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Goiás, 2009. Disponível em: < <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tde/1232>>. Acesso em: 11 abr. 2023.

²⁶⁷ Trabalhavam nas UMAPs não apenas os considerados “ideologicamente desviados”, mas jovens que estavam sendo efetivamente educados de acordo com o padrão revolucionário. É interessante observar, contudo, que ainda que realizassem funções idênticas, a forma como foram selecionados e incorporados ao serviço transfigurava suas experiências. Os que não haviam sido apontados pela comunidade como traidores da luta, figuravam nos campos o herói em potencial, os demais figuravam a vergonha da Revolução. Sobre o balanço da experiência como testemunho subjetivo, isto é, como tipo autêntico de verdade, ver: ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010, p. 118.

projeto revolucionário, os dirigentes das UMAPs se valiam de listas disponibilizadas pelos Comitês de Defesa da Revolução (CDRs) – organização civil constituída pela maior parte da população da ilha –, selecionando os considerados “incompatíveis”.²⁶⁸ Agiam em conformidade com um ideal de *homem novo* excludente, disseminado no âmago da luta anti-imperialista:

Muitas dessas pessoas estão nesses lugares: no bilhar, nas esquinas, nos bares [...]. Precisam ser estudadas. Muitos desses preguiçosos, filhos de burgueses, andam por aí com calças muito estreitas (RISOS); Alguns deles com uma guitarra em atitudes "elvispreslianas", e que levaram sua devassidão a extremos de querer ir a alguns lugares públicos para organizar seus shows feminóides de graça. Não confundam a serenidade da Revolução e sua equanimidade com as fraquezas. Porque a nossa sociedade não pode acomodar essas degenerações. A sociedade socialista não pode permiti-las. Existem algumas teorias, não sou cientista, não sou técnico nessa área (RISOS), mas sempre observei uma coisa: que o campo não dava esse subproduto. Eu sempre observei isso, e sempre mantenho isso em mente.²⁶⁹

Se hoje o arquipélago tem se mostrado pioneiro nas políticas de defesa a comunidade LGBTQIAPN+, – efetivando ações conscientizadoras a partir do CENESEX²⁷⁰, descriminalizando o casamento homoafetivo mediante votos populares esmagadoramente favoráveis e subsidiando integralmente cirurgias de redesignação de sexo para transexuais –, na década de 1960 não se distinguia dos demais países ocidentais, concebendo a comunidade homossexual como portadora de uma degeneração psicológica. Com o agravante de serem considerados representantes de uma prática burguesa, uma vez que os revolucionários associaram a homossexualidade à prostituição – entendida pelos guerrilheiros como herança de um passado capitalista a ser abominado –, os homossexuais tiveram seus corpos sujeitados ao escárnio, internações psiquiátricas e torturas físicas. O *homem novo*, articulado em Cuba para assegurar os ganhos da juvenil Revolução e manter viva sua chama, arraigava-se a pressupostos segregadores, que, se por um lado, não determinavam o afastamento dos grupos marginalizados da luta, por outro, os compeliavam à dissidência.

As determinações do *I Congresso Nacional de Educação e Cultura*, realizado em 1971, fortificaram o ideal de segregação. Tendo concebido a arte como uma “arma revolucionária” e

²⁶⁸ TAHBAZ, Joseph. *Demystifying las UMAP...*, op. cit., p. 2.

²⁶⁹ CUBA. Primeiro-ministro (Fidel Castro). Discurso pronunciado no encerramento do evento de comemoração do VI Aniversário do Assalto ao Palácio Presidencial. Universidad de la Habana, 13 mar. 1963. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f130363e.html>>. Acesso em: 13 abr. 2023.

²⁷⁰ O Centro Nacional Cubano de Educação Sexual (CENESEX) foi criado no ano de 1972 como iniciativa da Federação de Mulheres Cubanas (FMC). Passando a fazer parte do Ministério da Saúde Pública em 1989, a associação volta-se para questões relativas às discriminações de gênero, bem como, aceitação da diversidade sexual na ilha. Ver mais em: CASTRO, Mariela. Uma nação socialista deve defender a igualdade de todos. 2 fev. 2013. Entrevista concedida ao Opera Mundi. Disponível em: <<https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/26925/sobre-homofobia-fidel-sempre-assumiu-responsabilidades-diz-mariela-castro>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

a homossexualidade como uma “patologia social”²⁷¹, nas seções “Modas, costumes e extravagâncias”, “Sobre a sexualidade” e “A atividade cultural”, os populares do congresso sugeriram que os “antissociais” fossem destituídos de cargos culturais, sofressem penalidade por “reincidência da prática homossexual”, e tivessem suas “extravagâncias” eliminadas:

A respeito dos desvios homossexuais definiu-se seu caráter de patologia social. Estabeleceu-se o princípio de rechaçar e não admitir de forma alguma essas manifestações, nem sua propagação [...]. Sugeriu-se o estudo de medidas que permitam o encaminhamento para outros organismos daqueles que, sendo homossexuais, não devam ter participação direta na formação de nossa juventude a partir de atividades artísticas ou culturais. Finalmente, concordou-se em solicitar penas severas para casos de corruptores de menores, depravados reincidentes e elementos antissociais incorrigíveis.²⁷² [...] Os meios culturais não podem servir de ambiente a proliferação de falsos intelectuais que pretendem converter o esnobismo, a extravagância, o homossexualismo, e outras aberrações sociais em expressões da arte revolucionária, distantes das massas e do espírito de nossa revolução.²⁷³

Diante do *Quinquênio Gris* – período de enrijecimento político-cultural que nos anos posteriores a 1971 condicionaram homossexuais e intelectuais ao insílio –, muitos aproveitaram a abertura do Porto de Mariel no ano de 1980 para exilar-se. No limiar da década, os *parametrados* e aqueles que, diante do bloqueio econômico, viram na escassez de recursos em Cuba a falência da Revolução, afastaram-se da nação como refratários do ideal de *homem novo* cubano.

Figura 5: Manifestação popular em Cuba durante o Êxodo de Mariel.



Fonte: *La Nación*, N. 569, 1º de junho de 1980. Autor desconhecido.

²⁷¹ Ibidem, p. 28.

²⁷² CUBA. *Resoluções do I Congresso Nacional de Educação e Cultura...*, op. cit., p. 28-29.

²⁷³ Ibidem, p. 33.

Fotografias como a reproduzida acima, apresentando manifestações populares a favor da Revolução e contrárias aos dissidentes foram veiculadas em massa nos jornais e revistas da nação. Se os cartazes com os dizeres “Cuba para os trabalhadores!”, “Que saiam aqueles que vivem de nosso suor” e “Que se vá a escória!”, manifestam, com letras grafadas em vermelho, o repúdio em relação aos “contrarrevolucionários”; as bandeiras elevadas e a euforia nos sorrisos, fazem contrastar o ressentimento e o orgulho. A imagem tratava-se, pois, do *homem novo* cubano, politizado e engajado contra o imperialismo, despedindo-se de um velho homem, que na luta não queria, ou não podia, manter-se.

Saltam aos olhos, ainda, na fotografia veiculada na revista *La Nación* em 1º de Junho de 1980, a presença marcante do feminino.²⁷⁴ Contrapondo as mulheres revolucionárias ao grupo marielita, majoritariamente masculino, reafirmava-se no imaginário popular aqueles que eram os portadores dos novos valores e os que deles haviam abdicado. O efeito: o homem revolucionário, trabalhador, só não se encontrava na manifestação por estar exercendo seu papel em prol da nação, isto é, favorecer a economia e prover mantimentos à comunidade por meio do trabalho braçal. A mulher revolucionária, ocupando cargos nas áreas da saúde, educação e cultura, combatia os “antissociais”, riscando-os com tinta escura e apagando suas presenças do fenômeno. Aos marielitos, referenciados como depravados e ociosos, restava a vergonha de não pertencer a qualquer lugar, seja no advento da Revolução ou no convés das embarcações.

Figura 6: Marielitos ocupando todo o espaço da embarcação Michael James.



Fonte: latinamericanstudies.org

²⁷⁴ Fotografias devem ser abordadas a partir de uma leitura crítica do visual, explorando as noções de discurso, decodificação e interpretação. Guardam, portanto, a possibilidade de serem investigadas sob o recorte das visualidades, permitindo a construção da história de Mariel a partir das relações entre o campo imagético e o poder. Ver em: MENESES, Ulpiano T. B. A fotografia como documento: sugestões para um estudo histórico. *Tempo*, n. 14, p. 133, 2003. Disponível em: < <https://repositorio.usp.br/item/001342304>>. Acesso: 03 abr. 2023.

Os artigos veiculados na revista *Bohemia*, muitos recortados do periódico Granma – órgão oficial do Partido Comunista –, não só desumanizavam os dissidentes com títulos como “o tempo segue melhorando e a escória navegando”, como dispunham de elementos figurativos que visavam a afirmação do êxodo como uma política de expurgo:

Figura 7: Charge representando marielitos e Jimmy Carter.



Fonte: *Bohemia*, La Habana, año 72, N. 18, 2 de mayo de 1980.

Apresentados como ratos e vermes, amontoados em entulhos, os marielitos foram descredibilizados. Observe como a inscrição “via Flórida” nas embarcações que avançam e a caricatura desesperada de Jimmy Carter, que naufraga, sugerem que os Estados Unidos eram os únicos responsáveis pela ruína que se instalaria no país. A figura, entre outras publicadas nas páginas da revista *Bohemia*, é representativa de que o grande contingente populacional que evadia de Cuba era construído discursivamente pelos revolucionários não como uma perda de apoio do proletariado, mas uma sangria daqueles que, como *lumpenes*, seriam condutores de problemas morais e estruturais em qualquer sociedade que os aceitassem:

Nos últimos meses nossa pátria tem sido cenário de uma grande vitória política da Revolução sobre o imperialismo, que tratou de estimular a saída de delinquentes e antissociais de Cuba para desenvolver uma intensa campanha de propaganda cujo propósito não pode ser outro que não o de desprestigiar a Revolução e ofuscar suas conquistas econômicas, políticas e sociais [...]. Mariel viveu e vive momento de grande efervescência revolucionária e tem dado exemplos de equanimidade e disciplina. A saída da escória por nosso porto e o eficiente funcionamento da rota Mariel-Flórida, tem servido para demonstrar ao imperialismo, o nível de consciência de que é portadora nossa classe, nosso campesinato, nossos estudantes e todo o povo que desde o primeiro momento tem contribuído para o êxito deste saneamento.²⁷⁵

²⁷⁵ BOHEMIA, La Habana, año 72, N. 28, 11 de julio de 1980. Disponível em: <<https://dloc.com/es/UF00029010/03618>>. Acesso em: 18 abril 2023.

Como se nota no trecho de carta reproduzido acima, redigido pelos delegados da Assembleia do Partido Comunista em Mariel e endereçado a Fidel Castro, os dissidentes eram estigmatizados não apenas pela imprensa ou pela população que nas ruas se manifestavam, mas pelos órgãos e instituições que sustentavam o regime. Nos EUA foram igualmente hostilizados:

Figura 8: Membros da Ku Klux Klan empunhando cartazes de aversão aos marielitos.

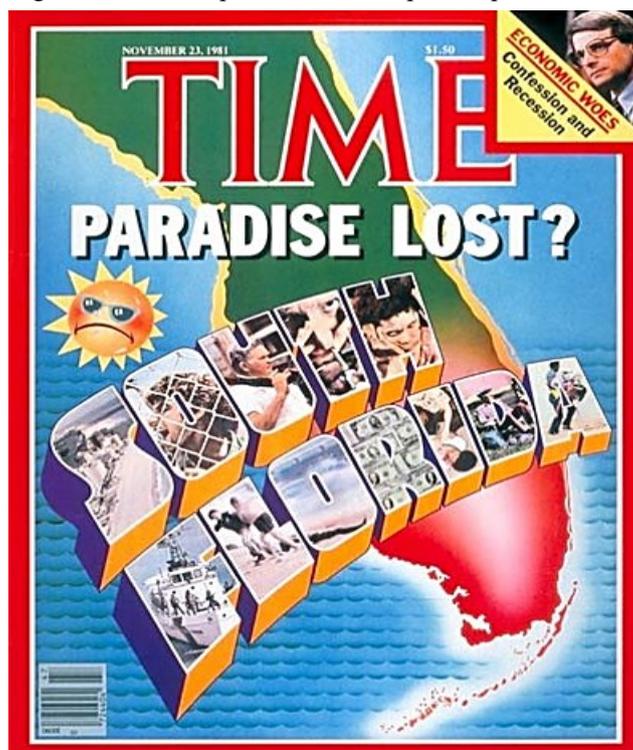


Fonte: latinamericanstudies.org

Enquanto grupos de extrema direita como a Ku Klux Klan – organização reacionária estadunidense originada no século XIX com princípios de supremacia racial –²⁷⁶ repudiavam Carter, opondo-se à adesão aos Estados Unidos de grupos por eles considerados inferiores, a reconhecida revista *Time* sugeria ao público leitor a existência de uma ameaça que adentrava a nação norte-americana. Logo, os marielitos e imigrantes de outros países passaram, sobretudo a partir de 1981, não só a ser culpabilizados pela violência, tráfico de drogas, como responsabilizados por uma degeneração moral que supostamente invadia o território estadunidense:

²⁷⁶ A Ku Klux Klan surge em período posterior à Guerra-Civil estadunidense, ainda no século XIX, e tem uma expressiva ascensão durante a década de 1920, momento em que uma parcela da classe média dos Estados Unidos adere a ideais nativistas, racistas, moral-coercitivas e conservadoras, em função de uma repentina diminuição do poder de compra. Segundo Rory McVeigh, a Ku Klux Klan, a partir de uma lógica microeconômica, valiam-se dos ataques culturais para manipular o mercado econômico e político. Se a primeira onda se restringiu a porção sul dos Estados Unidos, na primeira parte do século XX contou com a adesão de pelo menos quatro milhões de estadunidenses. A terceira manifestação da Klan, enfraquecida quando comparada as demais, surge em meados de 1950 como reação conservadora a concessão de direitos civis a grupos minoritários. Ver em: MCVEIGH, Rory. Structural Incentives for Conservative Mobilization: Power Devaluation and the Rise of the Ku Klux Klan (1915–1925). *Social Forces*, v. 77, n. 4, p. 1461, 1999. Disponível em: < <https://www.jstor.org/stable/3005883>>. Acesso em: 18 abril 2023.

Figura 9: Flórida representada como paraíso perdido.



Fonte: *Time*, v.118, n. 21, 23 nov. 1981.

Apresentando a península da Flórida como uma porção de terra sendo contaminada de vermelho desde o sul – direção em que se encontra a ilha de Cuba – a figura que estampa a capa da revista *Time* em novembro de 1981, associa a violência, enfrentada no Estado norte-americano, aos movimentos migratórios. Observe como o discurso imagético é complementado na *cover story*:

Novembro. Os dias ficam curtos, as noites frias. Hora de pegar aquele folheto de viagem para, onde mais, o sul da Flórida, o playground de inverno favorito da América. Hum, vamos ver agora. Aqui está uma foto de palmeiras balançando suavemente sob um céu azul de algodão, enquanto uma família se diverte nas ondas espumosas. Aqui está uma garça branca como a neve esvoaçando ao longo de um rio de ervas marinhas, o mangue sereno como uma manhã de domingo. [...] Aqui está a foto de um policial debruçado sobre o corpo de um cidadão de Miami cuja garganta foi cortada e a carteira esvaziada. [...] E aqui está um punhado de refugiados cubanos esfarrapados, vivendo em uma tenda armada sob um viaduto. O sul da Flórida – aquele canto de cartão postal do Estado do sol, aquela exuberante faixa de condomínios que se estende aproximadamente do sul de Palm Beach até Key West – é uma região com problemas. Uma epidemia de crimes violentos, uma praga de drogas ilícitas e uma onda de refugiados atingiram o sul da Flórida com o poder destrutivo de um furacão. Essas três forças, e uma série de males menores, ameaçam transformar uma das regiões mais prósperas, agradáveis e naturalmente lindas do país em um paraíso perdido.²⁷⁷

²⁷⁷ *Time*, EUA, v.118, n. 21, 23 de novembro de 1981. Disponível em: < <https://content.time.com/time/covers/0,16641,19811123,00.html>>. Acesso em: 19 abril 2023.

É a partir desse contexto, no qual os marielitos foram relegados a um espaço marginal, que os escritos arenianos podem ser investigados como estruturas insurgentes, aptas a estabelecer contra memórias. Evidenciando as *intertextualidades*²⁷⁸ presentes em *El portero*, exploramos abaixo as formas pelas quais a obra lança novas luzes sobre a moral e o corpo exílico, subvertendo as lógicas da estereotipagem estadunidense e do *homem novo* cubano.

Como já vimos, “a segunda parte do romance de Arenas é um verdadeiro carnaval bakhtiniano onde a hierarquia homem/animal é invertida e encenada”²⁷⁹. Tal qual nos discursos veiculados pela imprensa cubana e estadunidense, os marielitos na literatura de Arenas são associados a animalidade, mas, diferente das narrativas preponderantes, a coligação não manifesta a inferioridade do grupo migratório, mas a hostilidade daqueles que os submeteram a tais condições.

Essa associação entre homem e animal não é incomum entre os desterrados. Segundo Cardoso, a migração moderna que se inicia com “uma viagem individual ou uma saga romântica daqueles que queriam explorar o mundo e decifrar os enigmas ocultos depois do horizonte ou além-mar”²⁸⁰ dá lugar a migração como “necessidade comunitária, [...] fase aguda e dramática de estratégia de sobrevivência”²⁸¹, o que resulta frequentemente no sentimento de animalização do exilado, que habita uma terra que o expulsa permanentemente.

Ascendente na trama de *El portero* precisamente no momento de cisão com o humanismo existencialista ateu, a animalização do exilado no texto areniano, não só manifesta a primazia da barbárie na modernidade, mas dá lugar a uma intertextualidade bíblica, capaz de incitar o leitor a reavaliar as narrativas “hegemônicas” acerca dos marielitos. Observe que antes mesmo dos animais apresentados na ficção serem enumerados de um a doze – em uma evidente alusão aos apóstolos referenciados na tradição sacra –, o plano de fuga da realidade opressora, desenhado por Juan e as figuras antropomórficas, se efetiva como uma verdadeira diáspora judaico-cristã:

²⁷⁸ De acordo com Hutcheon “a intertextualidade pós-moderna é uma manifestação formal de um desejo de reduzir a distância entre o passado e o presente do leitor, isto é, o desejo de reescrever o passado dentro de um novo contexto”. Segundo a autora “Não se trata de organizar o presente por meio do passado ou de fazer com que o presente pareça pobre em contraste com a riqueza do passado” – expressões que esvaziam ou evitam a história. A intertextualidade que ascende após a segunda grande guerra “confronta diretamente o passado [...], inserindo poderosas alusões a outros textos e subvertendo seus poderes por meio da ironia”. HUTCHEON, Linda. *Metaficção historiográfica...*, op. cit., p. 157.

²⁷⁹ SOTO, Francisco. *Una alucinante fábula moderna...*, op. cit., p. 111.

²⁸⁰ CARDOSO, João Batista. *Da história para a literatura: migração e identidade na ficção latino-americana*. In: MUYLAERT, Joana Luíza; SANTOS, Regma Maria; RIBEIRO, Ivan Marcos. *Literatura e História: da instituição das disciplinas as releituras do cânone*. Uberlândia: EDUFU, 2011, p. 255.

²⁸¹ *Ibidem*, p. 255.

Depois de duas noites de caminhada, a comitiva [animais do edifício em que Juan trabalhava] se deteve nos arredores de Baltimore [...]. Seis incessantes jornadas, entre voos, deslizamentos e saltos, e todos chegaram a Cincinnati; outra semana de marcha rápida e chegaram a St. Louis, onde a primavera iniciava sua apoteose. [...] À medida que avançavam foram obtendo adesões de grandes bandos de aves, animais e seres de todas as espécies. Dos bosques próximos chegavam jiboias, raposas recém-nascidas, veados, alpacas, lincos, zorrilhos e bisões. Por um vale, em meio a um grande estrondo apareceram centenas de búfalos. Dos pântanos saíam exércitos de ratos, caranguejos, crocodilos, lontras e sapos; das pedras brotavam lagartixas, escorpiões, iguanas, salamandras, codornas, centopeias e pulgões. O céu era uma só nuvem formada por exércitos de insetos voadores e o mar estava coberto por bandos de atuns, focas tubarões, sardinhas, delfins e milhares de outras espécies aquáticas. [...] Mais adiante surgiu uma manada de estranhos animais. Tinham três patas, mas só usavam duas, deixando uma em repouso, um olho ficava na frente do corpo e o outro no rabo. [...] Das árvores se desprendiam aranhas venenosas, lagartas, moscas azuis, grilos, morcegos, caracóis e muitos outros [...]. Era impressionante observar de longe. A comitiva deslocava-se como uma máquina perfeita. Os mais lentos usavam os mais velozes como meio de transporte. Os caracóis aderiam aos cascos das tartarugas, que, quando ficavam cansadas, entravam na água e percorriam grandes trajetos no dorso de um peixe.²⁸²

Ao evidenciar as mazelas daqueles que, em grande contingente, foram obrigados a vagar errantes em busca de uma terra prometida, Arenas faz convergir a migração experienciada por Juan (arquetipo marielita) e o texto sagrado. Com a descrição da aceitação até dos mais “estranhos” ao grupo – que, como uma “máquina perfeita”, se apoiava mutuamente em prol de um objetivo comum –, o intelectual denunciava a omissão das diversas alteridades que inviabilizaram a inserção dos marielitos em seus territórios ou em seus projetos de liberdade.

Com a diáspora narrativa, Juan, que tinha a sacralidade apenas implícita na epígrafe da obra – “Aquela luz verdadeira, que ilumina todo homem, vinha a este mundo” São João, 1-19 –²⁸³, também emerge como figura bíblica. A personagem, inclusive por seu nome, revela-se ao leitor como uma latinização do judeu João Batista – pregador perseguido, símbolo do testemunho e do desapego ao poder, cujos discursos eram reconhecidos por reunir grandes públicos e incitar rebeliões populares:

Quanto a você – disse a cadela real ao porteiro –, já sabe que seu lugar e com eles [os animais]. Trate de estudar sua linguagem, que é muito mais bonita, duradoura e universal que a do homem. Você aprenderá facilmente, já o vi praticar, quem sabe inconscientemente. Uma vez que tenha passado por essa aprendizagem, estará mais preparado para se familiarizar com a linguagem das árvores, das pedras e até das coisas; o que é muito importante, pois um dia você servirá de intérprete entre eles e o homem. Você deve saber que até os objetos mais insignificantes, ou *coisas*, como são chamados pelo homem, estão constantemente transgredindo sua condição de coisa. [...] As coisas estão presas como nós estávamos, mas quando encontram a menor oportunidade escapam, ainda que por pouco tempo. Algum dia, todas as coisas cobrarão a independência, que é patrimônio natural delas e que está adormecida em algum recanto de sua aparente inconsciência. As pedras saltarão e quebrarão as

²⁸² ARENAS, Reinaldo. *O porteiro...*, op. cit., p. 221-230.

²⁸³ *Ibidem*, p. 7.

cabeças dos transeuntes, os colares estrangulam as damas e os palitos de dentes atravessam as línguas. Logo esses objetos romperão com as leis humanas, assumindo as suas, que são as da liberdade e, portanto, as da rebeldia. Será a Revolução total.²⁸⁴

Narrado como o intérprete, o escolhido, o eleito, Juan – o marielita, o porteiro, o animal, e, agora, o sagrado – tinha como função não apenas transmitir uma palavra de liberdade ou veicular o testemunho de uma porta de saída, mas incitar os instintos latentes e provocar uma “Revolução total”. Arenas sugeria, assim, o surgimento de um nupérrimo *homem novo*, plural, quase às avessas, dotado de uma moral diversa – que reconhece tanto o ser quanto a coisa – e de um corpo híbrido – amálgama entre homem e animal:

Já era noite fechada [...]. Só o porteiro, que, por seu costume humano, não se deitava até a meia-noite, andava em torno daquele amontoado de corpos, observando-os. O urso no centro simulava um imenso ventre; o macaco, na parte superior, formava como que uma cabeça negra e gigantesca; a serpente, descansando na forma horizontal ao longo do urso configurava as extremidades superiores daquele corpo, enquanto os cães colocados em ambos os lados da parte inferior do urso, formavam as pernas, ao fim das quais ambas as tartarugas pareciam os pés da estranha figura. Nosso porteiro voltou a observar o promontório e comprovou com certo terror que ele configurava exatamente as dimensões de um homem gigantesco. Nesse momento, Cleópatra, que descansava recostada ao tronco de uma árvore, aproximou-se e disse a Juan “não tenha medo”.²⁸⁵

Apresentado ao novo corpo, Juan descobria, não sem espanto, o resultado de um contrato social rompido. Se o pacto pelo qual a humanidade se organiza é firmado sobre o princípio da igualdade – uma vez que pelo viés rousseauiano entregamos nossa liberdade para as necessidades e vontades coletivas –, por quais motivos Juan e os milhares a sua frente haviam experimentado uma vida de privação de direitos? Se todos eles haviam se entregado aos Estados sem experienciar reciprocidade, não foram submetidos a alienação de um escravo ao mestre em detrimento da alienação que instaura a organização de um povo?²⁸⁶ O novo homem colossal que se formava às vistas de Juan, não poderia ser outro se não um corpo diversificado e heterogêneo, que diante de um contrato que o submetia ao total domínio, não hesitava em rasgar suas páginas:

²⁸⁴ Ibidem, p. 225-227.

²⁸⁵ Ibidem, p. 223-224.

²⁸⁶ Segundo Rousseau, a alienação que funda o contrato social parte da premissa de igualdade entre todos os homens, isto é, a entrega total da liberdade dos contratantes para a vontade coletiva. A alienação dos direitos de todos os indivíduos em prol da comunidade constitui cláusula fundamental do contrato social; uma vez que o domínio e submissão de alguns em particular cindiria a promessa de equidade. Logo, a alienação de todos ao mesmo princípio coletivo teria por função interditar outra forma de alienação, imoral, qual seja, a do escravo ao mestre. ROUSSEAU, Jean-Jaques. O contrato social. Tradução Antônio de Pádua Danesi. Ed. 3. São Paulo: Martin fontes, 1996, p. 33-35.

Naturalmente, pesa sobre nós – e sobre toda a humanidade – a ameaça de que todos esses animais, agrupados em torno do porteiro, nos invadam (sem contar a alucinante teoria de que os objetos vão se tornar autônomos e nos destruir) [...]. Um povo expulso e perseguido, um povo no exílio e, portanto, ultrajado e discriminado, vive para o dia da vingança.²⁸⁷

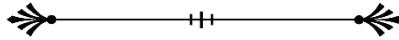
Diante do apresentado, nota-se que, em *El portero*, a opressão dos marginalizados, os dilemas de um povo sem pátria, a busca da terra prometida e da liberdade – símbolos bíblicos historicamente consolidados –, são resgatados e mobilizados na contestação das determinações a respeito tanto dos corpos quanto da moral marielita. De forma não casual, Arenas revestia o romance com os mitos fundadores do cristianismo, para a partir deles impugnar as tradições. Com esse movimento, a sacralidade, comumente reivindicada pela sociedade ocidental como mantenedora da ordem, estimulava o movimento e a revolta. Os revolucionários e compatriotas estabelecidos nos Estados Unidos, habitualmente referenciados como detentores de uma moral quase divina, eram julgados por seus ideais degenerados de pureza. Os marielitos, até então condenados a vagar errantes, absolviam-se por sua luta e coragem.

Se o êxodo marielita já havia sido contado e determinado previamente por distintas forças opositoras, em *El portero* Arenas não suprimia ou encobria as versões. Tal qual um arco entalhado em pedra ornamenta e revitaliza um afresco, os escritos do intelectual renovavam a história de Mariel pelas margens. Metaforicamente, é possível dizer que o quadro do exílio cubano, já dependurado na parede da memória, não era retirado e repintado, mas tinha sua moldura – até então plana – esculpida. A partir desse momento, o apreciador que quisesse compreender efetivamente a obra, não poderia deixar de olhar para suas bordas, onde a espetacularização da tragédia judaico-cristã, conferia a tela novos contornos.

²⁸⁷ ARENAS, Reinaldo. *O porteiro...*, op. cit., p. 231-232.

Capítulo 3

Entre mitos e distopias, ensejos no Novo Mundo: a América Latina e o ideal de liberdade no cronótopo de El portero



*E cá estamos outra vez, entre o estrondo automatizado desta vida que não para e a que somos alheios. O terno, a gravata, a pasta, o automóvel, a conta, o escritório e, sobretudo, o desejo sempre evidente de fazer uma viagem rumo ao sul. Em direção ao limite, onde a fronteira chega perto do horror.*²⁸⁸

Reinaldo Arenas

Guanahani, 12 de outubro de 1492. O navegador Cristóvão Colombo, capitaneando a nau Santa Maria e as caravelas Pinta e Niña, avistava terras até então desconhecidas pelo reinado da Espanha. Acreditando ter chegado a uma região inexplorada da Ásia, o genovês rebatizava a área como San Salvador – atual ilha das Bahamas. Nem imaginava ter sob seus pés um novo território, não mencionado nas prosas e versos de seus livros, tampouco delimitado em suas cartografias.²⁸⁹

Descritas por Colombo e, mais tarde, por Américo Vespúcio²⁹⁰, como áreas de imensa beleza, árvores verdejantes, fauna instigante e ares demasiadamente puros, as regiões encontradas passaram a ser representadas como o próprio paraíso terrestre. Aos olhos dos que adentravam as matas, brilhavam não apenas as vistas celestiais, mas as pistas de ouro e prata encontradas nos adereços dos nativos.²⁹¹ A medida em que era invadida por capitães, fidalgos e exploradores – por vezes, financiados pelo Estado e outras por banqueiros e mercadores em busca de *fortuna e virtù* –, a paisagem do novo mundo se transformava. Organizações

²⁸⁸ Ibidem, p. 217.

²⁸⁹ Segundo Galeano, quando o almirante genovês Cristóvão Colombo chegou às terras desconhecidas pelo velho mundo, portava um exemplar do livro de Marco Polo – mercador e explorador veneziano conhecido pelas viagens a diversos países da Ásia. As anotações nas bordas das páginas constituíam um indício da comparação entre as descrições do livro e a paisagem observada. Ver em: GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. Tradução de Sergio Faraco – Porto Alegre, RS: L&PM, 2012, p. 14.

²⁹⁰ O florentino Américo Vespúcio foi o responsável por explorar e descrever o litoral do Brasil nas expedições portuguesas do início do século XVI. Subordinado ao banqueiro Lorenzo di Pierfrancesco de Médici relatou em cartas a paisagem do Novo Mundo, afirmando que as terras constituíam áreas não representadas nos estudos de seu continente. Quando seus escritos se tornaram públicos em Paris, no folheto intitulado *Mundus Novus* “a Europa tomou conhecimento de um mundo que destronava as concepções religiosas e geográficas vindas da antiguidade”. Em 1507, seis anos depois da primeira expedição portuguesa, o livro de Martin Waldseemüller batizava as terras encontradas com o nome de América, “por atribuir a Américo Vespúcio a descoberta da quarta parte do mundo”. Ver em: PEREIRA, Paulo Roberto. A ilha da utopia na Baía de Guanabara: de Vespúcio a Pigafetta. *Revista Brasileira de História*, v. 42, n. 89, p. 223, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1806-93472022v42n89-11>>. Acesso em: 29 ago. 2023.

²⁹¹ GALEANO, E. *As veias abertas da América Latina...*, op. cit., p. 15.

aborígenes, que inicialmente viram nos europeus a materialização de seus deuses, passaram a referenciá-los como criaturas bestiais, outras sentiram o abandono das proteções sagradas como punição pela minguagem ou violação de seus ritos. Entre os colonizadores, os espanhóis utilizavam de estratégias de batalha desenvolvidas durante séculos de embate na *Reconquista* para confundir e assassinar os autóctones.²⁹² Não obstante, se valiam da justificativa da Guerra Santa para fundamentar a dominação.²⁹³ A *civilização*, mesmo atravessada pelas flechas embebidas de veneno, corrompia o paraíso com mineração e pólvora.

Nas vésperas de 1992 abria-se a porta a Juan. Antes que a efeméride dos quinhentos anos da conquista se completasse – o que permitiria ao ideal civilizatório se consolidar novamente como tradição, a partir da replicação de seus mitos de “descoberta” –, o paraíso era retomado pelos perseguidos e salvaguardado da mira do conquistador:

Duas semanas depois, a caravana atravessava a grande bacia do Rio Colorado, onde a serpente, já em seu elemento, oferecia a todos um recital com canções típicas dos Índios Sioux, entoadas com voz potente e cavernosa [...] Quando chegaram a linha do equador, a correria era atordoante. [...] Ao final, havia uma porta. Uma porta imensa, feita de ramos verdes e cipós em constante floração, estaria aguardando a arara. [...] Porta de terra e água, grande e silenciosa teria a tartaruga. [...] Sim, portas de sol, portas de água, portas de terra, portas de cipós fluorescentes, portas de gelo, portas suspensas ou subterrâneas, minúsculas ou imensas, mais profundas que o oceano, mais transparentes que o ar, mais luminosas que o céu, estariam esperando os animais para levá-los a um lugar onde ninguém os espiasse com binóculos ou pudesse persegui-los dissimuladamente.²⁹⁴

Encontrada fora da jurisdição estadunidense e mais ao sul do “Terra à vista!” de Colombo, a porta areniana apresentava-se aos personagens e ao leitor como a materialização de um sonho, qual seja, a independência do colonizado diante do colonizador. Tratava-se, pois, da libertação do Novo Mundo dos domínios do Velho Mundo, ou ainda, a sublevação do terceiro mundo contra a autoridade do primeiro. Metamórfica, “de ar, de terra, de fogo”, não se emparelhava aos sólidos portais europeus. Capaz de levar os transeuntes a regiões “fora do tempo”, nada tinha a ver com a linha teleológica desenhada pelos povos do outro lado do

²⁹² BERNARD, Carmen; GRUZINSKI, Serge. 1492. In: *História do Novo Mundo: da descoberta à conquista, uma experiência europeia (1492-1550)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001, p. 74.

²⁹³ Segundo Gruzinski, os europeus não hesitaram em tomar os deuses dos aborígenes como manifestações múltiplas do anticristo. Parte da cultura indígena representava para os cristãos uma manifestação pecaminosa da idolatria. Ao queimar os templos indígenas, impor seus ritos e exigir a aniquilação dos cultos locais, os espanhóis justificavam suas ações com a afirmação de que estavam apresentando aos autóctones o verdadeiro Deus, a autêntica glória. Discurso semelhante já era empregado na *Reconquista* – Guerra Santa empreendida em solo espanhol durante quase oito séculos, voltada a expulsão da religião muçulmana das terras requeridas pelos reinos cristãos. Ver em: GRUZINSKI, Serge. A cristianização do imaginário. In: *A colonização do imaginário: sociedades indígenas e ocidentalização no México espanhol, séculos XVI-XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 272.

²⁹⁴ ARENAS, Reinaldo. *El portero...*, op. cit., p. 224-234.

Atlântico. Aberta à Juan, aos latinos, aos autóctones, aos animais do Novo Mundo, a partir de suas próprias formas, a passagem constituía, desde já, não apenas uma promessa, mas um indício da emancipação.

Se na autobiografia de Arenas, sua bússola se direcionava ao norte global – “tinha que ir para lá, para o norte; não importava a distância em relação à ilha, mas era preciso ir para o norte, sempre fugindo”²⁹⁵ –, em *El portero*, sem instrumentos de orientação, Juan guiava-se em direção ao Sul. Contra a exploração, a barbárie da tradição civilizatória, as ambições imperialistas e o capitalismo predatório, a personagem tinha de fugir ao revés.

3.1 - O fado moderno e o fardo capital: sublevações distópicas nas páginas de um romance

*Depois de viver nesse país durante alguns anos, acabei entendendo que se trata de um país sem alma, pois tudo está condicionado ao dinheiro. Nova York não tem história; não pode haver história onde não existem lembranças as quais se apegar; essa cidade está em constante transformação, em constante construção, para erguer novos prédios; onde, ainda ontem, havia um supermercado, hoje existe uma loja de verduras e amanhã será um cinema; em seguida, tudo se transforma em banco.*²⁹⁶

Reinaldo Arenas

Retirado de *Antes que anoiteça*, o excerto acima constitui uma das poucas passagens da obra cuja crítica de Arenas direciona-se diretamente ao sistema capitalista. Em detrimento de suas habituais denúncias acerca da Revolução Cubana, o trecho em destaque descreve a quebra de expectativas do intelectual quanto a vida nos Estados Unidos. Precedido pela narração de seu despejo – uma vez que sem permissão de residência no país, Arenas não pode recorrer judicialmente a um desalojamento indevido –, seu texto elaborava a sociedade estadunidense como uma organização mercadológica estéril quanto ao reconhecimento das alteridades, isto é, a apresentava como uma nação que, diante da compulsão do capital, desprezaria as necessidades mais básicas do “eu”:

Meu novo mundo não era dominado pelo poder político, e sim por esse outro poder, igualmente sinistro: o poder do dinheiro. [...] A cidade é uma imensa fábrica desumana, sem lugar para acolher quem queira descansar, sem lugar onde se possa simplesmente ficar sem pagar em dólares o pouco de ar que se respira, ou a cadeira em que se senta para repousar.²⁹⁷

²⁹⁵ ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça...*, op. cit., p. 205.

²⁹⁶ *Ibidem*, p. 342-343.

²⁹⁷ *Idem*.

Incapaz de produzir descanso, prazer e, tampouco, identificação, o intelectual relacionava o sistema de capital a uma rotina de exploração capaz de transformar o homem em máquina impessoal. Observe como essa mesma imagem é reconstituída em *El portero*:

Ao entrar no enorme edifício comercial e antes que pudesse escolher algum artigo, várias funcionárias elegantemente vestidas, lhe tomaram as mãos e as perfumaram com onze tipos de loções e colônias diferentes. Informaram rapidamente que se tratava apenas de uma amostra grátis [...] Iria comprar alguma daquelas essências, mas as elegantíssimas mulheres já o ignoravam e, sempre sorridentes, perfumavam agora outro cavalheiro. Juan foi andando, mas teve seu caminho bloqueado por uma senhora envolta em uma capa impermeável que carregava um regador e que, sem maiores preâmbulos, colocou sobre ele uma capa semelhante a que usava e esvaziou em cima o regador, demonstrando assim a eficácia do artigo que ele vestia. Nosso porteiro com o cabelo ensopado agradeceu a vendedora e pensou que obsequiar os moradores com as capas era uma boa ideia [...], mas dois homens uniformizados e amáveis lhe tiraram a capa e a vendedora banhava com seu regador outro cavalheiro. No segundo andar, duas senhoritas vestidas como quem vai dormir, sentaram-no em um grande sofá e, como nosso porteiro não protestou, deitaram-no do dito móvel, que se converteu em cama, junto a qual uma funcionária começou a enumerar em voz alta suas vantagens. Enquanto outra jovem, movendo o colchão, o embalava, uma terceira vendedora já havia feito a fatura, por um preço, segundo ela, “de família”. Só teria que pagar três mil e quinhentos dólares de entrada e trezentos mensais, durante três anos. Envergonhado, nosso porteiro explicou que o dinheiro que tinha não dava e até tratou de alinhar umas desculpas, mas a essa altura já havia se tornado invisível.²⁹⁸

O trecho apresentado acima, que satiriza o trabalho repetitivo, a venda coercitiva e a invisibilidade dos que não detêm poder financeiro, é apenas um exemplo das múltiplas críticas veiculadas na ficção literária no que tange a modernidade capitalista – degenerada a ponto de não se tornar uma alternativa social viável e impiedosa a ponto de degradar as instituições e o caráter:

No dia seguinte, 31 de dezembro, Juan não tinha que trabalhar, não porque fosse um dia de festa – todos os porteiros têm de trabalhar nos feriados –, mas porque era seu dia de folga. Mas ele considerava, em função da data, que deveria passar pelo edifício, demonstrando que suas funções iam além do que determinava o regulamento [...] Apesar da extrema amabilidade com que Juan os saudava naquele dia, os moradores retribuía a saudação com indiferença, como se dissessem: “já lhe demos o suficiente, deixe de rapapés que não vai nos tirar um centavo mais” [...].²⁹⁹

Diante dessas passagens, Reinaldo Arenas apresenta, mais uma vez, a relação entre o individualismo capitalista e a miséria coletiva. Contudo, mais do que fortificar as reprovações concernentes ao sistema de capital – tema já expressivamente explorado nessa dissertação –, essas construções discursivas são o ponto de partida para uma nova denúncia. A hipótese

²⁹⁸ ARENAS, Reinaldo. *El portero...*, op. cit., p. 116-117.

²⁹⁹ *Ibidem*, p. 121.

defendida neste item é a de que as imagens do capitalismo estadunidense mobilizadas em *El portero* constituem um artifício para fundamentar o trato de outra questão, qual seja, a sujeição dos países da América ao projeto de mundo utópico que se consolida no ocidente desde o século XVIII.

Observe como a personagem Juan, diante do mundo capital, passa a sobrepor as imagens urbanas à um verdadeiro paraíso idílico:

Pelo céu circulava um zepelim da *Good Year*. Sua imensa estrutura de alumínio mergulhava e reaparecia lentamente como um peixe gigantesco, que farejava cauteloso entre os arranha-céus [...]. As barrigas dos jatos nada tinham a invejar ao ventre de um tubarão visto por alguém situado a uma enorme profundidade. Nessa hora em que o azul de tão intenso diluía até os edifícios vestindo-os com um azul ainda mais escuro, Nova York era, aos olhos do porteiro, uma imensa cidade submersa. E as pessoas que nesse momento deixavam as indústrias, as lojas, os escritórios e partiam apressadamente para todos os lugares, desaparecendo nos buracos do metrô, não pareciam um imenso cardume de peixes em busca de seus refúgios provisórios? Assim contemplava o mundo nosso porteiro, de pé atrás da grande porta de vidro do edifício enquanto chegava o anoitecer nova-iorquino. [...] De um amarelo opaco eram agora as torres do *World Trade Center*, de um amarelo ainda mais desmaiado se vestia o *Empire State Building*. E todos os demais edifícios, formando uma imensa cordilheira, recortavam o horizonte, cada um com suas janelas como jaulas iluminadas, que faziam ao porteiro um sinal desesperado.³⁰⁰

Se inicialmente essas projeções sugerem uma valorização do passado, isto é, a busca pela pureza de tempos remotos – anteriores à 1500 – ou a abstinência do exilado diante da privação da natureza caribenha – experienciada até 1980 –, a alternância entre tais cenas e a busca do protagonista por uma porta fantástica permitem outra chave de leitura, qual seja, o idílico enquanto expectativa:

Quando faltavam apenas dez minutos para a meia-noite, ficou de pé enquanto seu rosto mudava de cor de acordo com o pisca-pisca das bolinhas de luz penduradas na árvore. Dos andares mais próximos chegavam a música e a risada dos moradores e seus convidados. Gritos de júbilo, aplausos, garrafas que eram abertas. À medida que o tempo avançava – só faltavam três ou quatro minutos para a meia-noite – as músicas, as risadas, todos os barulhos foram subindo, até formar um ruído único. Parecia que aquela gente, e com ela a cidade inteira, queria aproveitar o pouco tempo que ainda lhes restava do ano, para fazer o que durante os meses anteriores queria fazer e não fizera, tentar esgotar em três minutos tudo o que em trezentos e sessenta e cinco dias não havia podido desfrutar. *Antes que seja tarde demais, antes que seja tarde demais, antes que seja tarde demais*, parecia dizer aquele ruído unânime. [...]. De imediato toda a cidade anunciou através de seus inúmeros artefatos, sonoros e visuais, que era zero horas do ano de 1991 [...] Terminava mais um ano e ele ainda não tinha encontrado a porta, nem sequer tinha podido fazer saber aos demais a importância de encontrá-la³⁰¹

³⁰⁰ Ibidem, p. 29.

³⁰¹ Ibidem, p. 133.

Como pode ser notado, a repetição enfática da expressão “Antes que seja tarde demais”, conecta ambas as experiências. A passagem refere-se tanto à euforia agônica de uma humanidade em busca de sua liberdade, quanto ao desejo do porteiro de mediar o encontro entre essas alteridades e o mundo que ele vislumbra. Desse modo, com o paraíso projetado para o futuro, vemos figurar na obra não apenas a vivência de um exilado sob a realidade capitalista, mas vidas marcadas pela crença em – ou necessidade de – um progresso desenfreado em direção a uma conjuntura ideal.

Diante dessa trama, que apresenta a constante busca de Juan – pela liberdade, pelo fim da opressão, por uma porta fantástica – não é difícil imaginar o desfecho: a travessia de Juan pela porta, o abandono do mundo capitalista e, enfim, sua imersão na realidade sonhada; apenas vislumbres, todos arruinados com autêntica crueldade narrativa:

E por essas portas, todos, finalmente, desapareceriam apressados. Todos menos eu, o porteiro, que de fora os verei distanciarem-se definitivamente.³⁰²

Não vence o sonho maravilhoso? Como podem coexistir o paraíso e a realidade hostil? – derrete a utopia diante da porta de fogo, enquanto o porteiro resiste ao calor. Quando Juan foi expulso do paraíso da Revolução Cubana, já não coexistiam o sonho e a barbárie? Quando se alojou na suposta terra da liberdade e foi expelido para as margens pelos estadunidenses, já não coabitavam a solução e o problema? – vocifera a distopia, em defesa de Juan, como se dissesse ao ideal utópico “ele é a contradição que você insiste em suprimir, o Outro que existe até entre os Outros”. Ao furtar-se do idílico na iminência de experienciá-lo, Juan – que sempre buscou a redenção – passa a enjeitar a existência de um mundo ideal, perfeito, sem necessidade de manutenção ou crítica, seja esse o mundo capital ou qualquer outro a ser construído.

Logo, ao consolidar-se como distopia³⁰³, *El portero* revolta-se não apenas contra a falácia capitalista, mas contra a utopia modernista – projeto que prevê, diante do desenvolvimento da técnica e da razão, a supressão total dos conflitos. Como poderia Juan – exilado, para o qual o passado é sempre presente – confiar na narrativa linear de um progresso ascendente? Como pode se integrar prontamente aos que estão salvos, tendo ele sentido a

³⁰² Ibidem, p. 234.

³⁰³ De acordo com Bentivoglio, com a mudança dos modos como urdimos o tempo transforma-se também a atmosfera social. A partir da “emergência de uma nova consciência histórica, de um novo cronótopo: presentista” em detrimento do passadista ou futurista, o otimismo deu lugar ao ceticismo. Emergindo, sobretudo nas últimas décadas, diante das duas grandes guerras, experiências autoritárias e desteros massivos, o distópico manifesta-se como reação a uma perspectiva iluminista de progresso. Ver em: BENTIVOGLIO, Julio. *História & distopia: a imaginação histórica no alvorecer do século 21*. Ed. 2. Vitória: Editora Milfontes, 2019, p. 66.

angústia dos que nunca foram acolhidos? Tornando-se o que, de fato, sempre foi, porteiro, Juan apenas trocava de porta. Ao vigiar a passagem entre a realidade e o sonho, assumia a função que lhe foi outorgada desde o início: olhar os que se punham adentro e, simultaneamente, observar os que ficavam de fora.

É importante reafirmar, contudo, que a distopia de Arenas não deixa de validar a dimensão dos sonhos, a necessidade do novo, da mudança e da transformação. Com a porta aberta, a obra conserva a ideia de que “o indivíduo pode se libertar, preservando também uma centelha utópica”³⁰⁴ – bastante comum nas obras distópicas. O que se desfaz é a ilusão de se concretizar o projeto filosófico-político que vigora desde o iluminismo, isto é, a utopia de “um processo global coerente, unificado e acelerado da humanidade”³⁰⁵, que “em direção à perfectibilidade, à moralidade e à racionalidade futura”³⁰⁶, mais se parece com um grande disparate.

No fechamento da obra, não encontramos um fim unificado. Enquanto o fardo do capital incomoda porta afora, o fardo da modernidade – que nunca deixou de ser o encontro com a liberdade – efetiva-se porta adentro, ramificando-se em milhares de caminhos, a serem percorridos, já se sabe, não sem luta.

3.2 - Sonhos tangíveis na América Latina: as fronteiras literárias entre Macondo e McOndo

Os sonhos, assim como os pesadelos, preencheram grande parte da minha vida. Sempre fui para a cama como quem se prepara para uma longa viagem: livros, comprimidos, copos de água, relógios, lápis, cadernos. Chegar na cama e apagar a luz tem sido, para mim, como uma entrega a um mundo absolutamente desconhecido e cheio de promessas, tão deliciosas quanto sinistras.³⁰⁷

Reinaldo Arenas

De acordo com o historiador Felipe de Paula Góis Vieira, nos anos finais do século XX há uma inflexão nas formas literárias latino-americanas. Se nas décadas de 1960 e 1970 o real maravilhoso foi amplamente aclamado pela crítica ocidental, ultrapassando os limites

³⁰⁴ Ibidem, p. 72.

³⁰⁵ REIS, José Carlos. *História & teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade*. Ed. 3. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 180.

³⁰⁶ Idem.

³⁰⁷ ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça...*, op. cit., p. 345.

territoriais do novo mundo ao narrar uma América por meio de elementos fantásticos, a partir de 1990 nota-se uma recusa de escritores, sobretudo do Chile, Argentina, Peru e México, em adotar a estética dos sonhos.³⁰⁸ Em contraposição à escrita mágica de Alejo Carpentier, Augusto Roa Bastos, Gabriel Garcia Marquez, Mario Vargas Llosa, Julio Cortazar, Jorge Luiz Borges e Carlos Fuentes, insurgiram, não com o mesmo sucesso, nomes como Alberto Fuguet, Sérgio Gómez, Rodrigo Fresán, Martin Rejtman, Jaime Bayly, Edmundo Paz Soldán e Naief Yeyha.³⁰⁹

Ao constituírem um movimento designado como McOndo – em uma evidente sátira a cidade fantástica de Gabriel Garcia Márquez – os escritores da década de 1990 fizeram ascender a narrativa de uma América Latina virtual, isto é, em detrimento da narração de naturezas exuberantes e vida rural, evidenciaram experiências latinas marcadas pela realidade do mundo globalizado, do McDonalds e do Macintosh.

A ideia central [de McOndo] é provar que a América Latina, antes de ser única, está inserida dentro de um mundo global que faz com que nossas referências e angústias sejam exatamente as mesmas de qualquer europeu ou norte-americano. Em outras palavras, se o boom buscava o que havia de específico na América, esses novos autores buscam o que há de semelhante no continente ao resto do mundo globalizado.³¹⁰

Se para Felipe Vieira, essa nova forma de narrar caracteriza a amplificação dos domínios neoliberais sobre os corpos – uma vez que, a generalização dos dilemas do norte global às demais nações acaba por suprimir a unidade política e a luta conjunta dos países do novo mundo –³¹¹, para a autora Luciana Irene Sastre, trata-se, sobretudo, de uma oposição aos cânones literários, com vistas a evitar a apropriação e reprodução de lógicas já consolidadas:

Da guerra de guerrilhas à batalha tecnológica, da selva à virtualidade, essas narrativas exibem seu mecanismo técnico como estratégia estética que se desvia tanto da lógica da dominação reprodutiva como da apropriação acrítica.³¹²

Tal qual os escritores das décadas de 1960 e 1970 socavaram seus espaços de atuação literária através da negação das tradicionais narrativas eurocêntricas, lineares e realistas, os

³⁰⁸ VIEIRA, Felipe de Paula Góis. *De Macondo a McOndo: os limites do Real Maravilhoso como discurso de representação da América Latina (1947-1996)*. 148 f. Dissertação (Mestrado em História). UNICAMP, Campinas, 2012, p. 115.

³⁰⁹ Os chilenos Sergio Gómez e Alberto Fuguet ficaram reconhecidos como figuras centrais do movimento. Editaram *Cuentos com walkman* em 1993 e *McOndo- una antología de nueva literatura hispanoamericana* em 1996. *Ibidem*, p. 115.

³¹⁰ *Ibidem*, p. 132.

³¹¹ *Idem*.

³¹² SASTRE, Luciane Irene. Os sentimentos do descumprimento. Do realismo mágico ao realismo virtual na narrativa latino-americana. In: MORAES, Alexandre; SCARDINO, Rafaela (Orgs.). *Traços de um outro mapa: literatura contemporânea nas Américas*. Vitória: EDUFES, 2013.

representantes de McOndo opuseram-se as determinações do real maravilhoso, sugerindo que se no passado o sonho como forma literária foi capaz de evidenciar os diversos países da América, hoje apenas cumpre a função de estereotipar os Estados do Novo Mundo, como estruturas exóticas e subalternas, prontas a sanar a carência dos europeus e norte-americanos por uma realidade mágica.

Sem a intenção de esgotar o problema – que adquire novo fôlego com as denúncias de Daniel Noemí e Felipe Vieira acerca da ausência de um “nós” narrativo nos romances de 1990 –³¹³, este item mira as formas que caracterizam o real maravilhoso e McOndo, para demonstrar a convergência dos estilos na escrita literária de Reinaldo Arenas, que tendo sido desenvolvida durante a década de 1980 figura como um ponto médio de ambos os movimentos.

Nos primeiros capítulos da obra *Antes que Anoiteça*, já chamam atenção as preocupações de Arenas quanto aos sentidos produzidos por seu texto, reivindicado, desde já, como revelação do real:

O primeiro sabor do qual me lembro é o sabor da terra. Eu comia terra com minha prima Dulce María, que também tinha dois anos. Eu era um menino fraco, mas com uma barriga enorme, por causa das lombrigas que cresciam em meu estômago de tanto comer terra. Comíamos a terra na roça da casa; a roça era o lugar onde dormiam os animais: cavalos, vacas, porcos, galinhas, ovelhas. [...] Devo esclarecer que comer terra não representa nenhum fato literário nem sensacional; no campo, todos os garotos agiam assim; isso não pertence às categorias do realismo mágico, ou a algum tipo de estilo; era preciso comer alguma coisa e como o que havia era terra, talvez fosse por essa razão que comíamos.³¹⁴

Ao negar o uso das categorias do realismo mágico na passagem em que afirma ter vivido uma infância de insegurança alimentar, Arenas sujeita-se ao realismo, reafirmando o pacto de leitura próprio das obras autobiográficas. Tal qual Fouquet afirmou em março de 1996 que a vida na América Latina é demasiado complexa para ser categorizada pelas imagens do real maravilhoso³¹⁵, Arenas aposta na tradicional representação dos fatos para presentificar os acontecimentos. Todavia, essa forma de conceber o mundo fenomenológico não se repete, nem em seus discursos, que frequentemente criticam as narrativas convencionais, nem em *El Portero*, romance em que – sem deixar de aspirar a apresentação de um mundo sensível – Arenas faz coadjuvar animais falantes, portas dimensionais e híbridos de humanos e máquinas. Há, portanto, nos escritos de Arenas um trânsito entre as imagens hiper-realistas valorizadas em McOndo e as figuras fantásticas, bastante características dos romances do Boom.

³¹³ VIEIRA, Felipe de Paula Góis. *De Macondo a McOndo...*, op. cit., p. 133-134.

³¹⁴ ARENAS, Reinaldo. *Antes que anoiteça...*, op. cit., p. 16-29.

³¹⁵ FUGUET Alberto; GÓMEZ, Sergio. *Mc Ondo*. Barcelona: Mondadori, 1996, p. 4

É interessante observar também que em *El portero*, as imagens urbanas – comuns nas obras dos escritores de McOndo – dividem espaço com narrativas de paisagens idílicas e exílios fantasmagóricos, já utilizadas por Garcia Márquez e Alejo Carpentier, que descreveram o desterro como “um ambiente adverso, cruel e incapaz de compreender as sagas das personagens”³¹⁶. Assim, nota-se nessa narrativa de fronteira, tanto resquícios formais do cânone latino-americano, quanto indícios do que se transformaria em manifesto na década posterior.

Muito mais difícil é nos enveredar para o terreno das significações. Ao afirmar as ideias de crise e de não pertencimento, manifestando a desconfiança em um futuro prodigioso, não poderia a obra de Arenas ser acusada – tal qual foi o manifesto McOndo – de manutenção da realidade exploratória? Com o agravo de ter sido escrita na década de 1980, isto é, antes da queda da União Soviética, não teria servido à manutenção do projeto neoliberal? As rigorosas críticas à sociedade capitalista, intrínsecas a obra, insistem em tornar a afirmativa uma contradição. Ainda que *El portero* esteja entre as obras-base de uma “política do desencanto” – expressão assertada por Vieira para designar o efeito desolador causado pelas narrativas latino-americanas das últimas décadas do século XX – seu ideal distópico parece distante de caracterizar aceitação e submissão às estruturas já estabelecidas.

Se estiverem corretas as afirmações de Bentivoglio, que têm oferecido indícios do caráter libertário na imaginação distópica – insurgentes na literatura desde os fins do século XIX –, talvez possamos ver na obra de Arenas e de outros escritores latinos das décadas posteriores a 1970, não apenas o fim do sonho – “aquele ‘éden celestial’ e singular que habita o pensamento do homem moderno” –, mas o levante de uma pluralidade de sonhos, “orientados pela diversidade de perspectivas no plano das ideias” e pela aceitação coletiva de uma “tensão permanente”.³¹⁷

3.3 - Cartografias de um lar metamórfico ou como evitar o moderno abissal

*Olhar para lá [ao passado] seria como nos converter em estátuas de sal. [...] As formas que damos a esses espaços em branco são as únicas coisas que a morte não nos poderá levar.*³¹⁸

³¹⁶ VIEIRA, Felipe de Paula Góis. *De Macondo a McOndo...*, op. cit., p. 131.

³¹⁷ BENTIVOGLIO, Julio. *História & distopia...*, op. cit., p. 80-81.

³¹⁸ ARENAS, Reinaldo. *Cartas à Margarita...*, op. cit., p. 150.

De acordo com Teresa Cunha e Élide Lauris, as ações políticas no mundo contemporâneo carecem de uma base racional que se insurja contra as injustiças epistêmicas. As autoras evidenciam que os princípios da funcionalidade econômica e do progresso nacional – cuja aplicabilidade atual têm resultado na defesa da mínima intervenção estatal em diversas nações – precisam ser repensados a partir do sul global, onde os países são capazes de estabelecer contrapontos, tanto práticos quanto morais, às tradicionais formas de organização do corpo social.³¹⁹ Sinalizam, assim, a busca por um progresso que não esteja ajustado à máquina predatória que produz, sem complexificações, exploradores e explorados.

Evidentemente, as pesquisadoras têm como premissa a existência de uma realidade abissal – a ser desvelada e superada –, isto é, reconhecem que as relações de poder atuais, através das quais nos ordenamos, são marcadas pela divisão dicotômica e maniqueísta entre formas de existência que são valorizadas e outras que são rechaçadas, aquelas que são ouvidas e outras que são silenciadas. Com o intuito de sobrepujar as lógicas duais, que ainda vigoram em todo ocidente, as autoras buscam evitar a estabilização das categorias que dividem a humanidade em “civilizados” ou “bárbaros”, “conquistadores” ou “conquistados”, “senhores” ou “escravos”, ainda latentes em nosso imaginário:

Com a invenção do terceiro mundo e da guerra contra a pobreza, a linha que outrora separava o trânsito de exploração entre metrópoles e colônias foi substituída por uma pista de corrida. Nesta pista, a primeira impressão é que todos terão lugar na disputa por emancipação, desde que, obviamente, sejam competentes [...]. Contudo, a distribuição desigual entre os lugares de disputa, mantém, noutros termos, a conhecida separação entre selvagens e civilizados [...]. A linha de progresso traçada pelos objetivos de modernização, crescimento econômico e liberalização política para o terceiro mundo, não sendo mais colonial, é de colonialidade.³²⁰

Diante disso, observamos uma denúncia as estruturas de dominação contemporânea, que, pautadas em uma lógica de colonialidade, acabam por renovar compulsoriamente a violência, aqui entendida como extermínio cultural e moral, físico e material. Logo, como alternativas viáveis, as respostas oferecidas pelo sul global à funcionalidade dos Estados liberais, consistiria não só na insurgência dos dominados contra os dominadores – o que na América-Latina tem se manifestado pela reivindicação de direitos sociais e trabalhistas diante dos governos –, mas na superação do próprio pensamento dicotômico, isto é, compreenderia

³¹⁹ CUNHA, Teresa; LAURIS, Élide. À procura de um outro constitucionalismo econômico: construindo a cidadania a partir de iniciativas de economia solidária e popular lideradas por mulheres do Sul. *Sociologias*, Porto Alegre, v.18, p. 150. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/15174522-018004306>>. Acesso em: 04 out. 2023.

³²⁰ *Ibidem*, p. 154.

uma recusa em tornar não problemática uma existência que separa de forma cabal, o certo do errado, o verdadeiro do falso, o bem do mal.

Não obstante, as literaturas de resistência do século XX, mobilizavam, artística e politicamente, questões semelhantes. Capazes de “escrever uma anti-história, denunciavam as falácias da história eufórica dos vencedores, relativizando também as verdades tidas como universais e absolutas”:

A consciência manifesta nos romances históricos de resistência é de que somos o Outro de uma modernidade que teve a Europa como centro e, por isso, fomos negados e obrigados a seguir um processo de modernização compulsória que nem sempre respeitou as necessidades internas de cada país.³²¹

Capazes de apresentar novas perspectivas acerca da realidade – plural, multidirecional – as histórias impressas nesses romances tendiam a acrescentar em cada página um “e” em detrimento de um “ou”, obrigando o leitor a olhar para direções oblíquas. Um exemplo esclarecedor pode ser observado em *El portero* – obra na qual a porta procurada pelo protagonista é revelada, ao fim, não como alternativa única à conjuntura neoliberal, mas como uma aglutinação de milhares de portas. Tratava-se, pois, de uma rejeição da aceitação de um caminho unidirecional, um repúdio em escolher ou o lado de dentro ou o lado de fora. Com o desfecho rizomático, observamos na escrita de Arenas, não um decalque, isto é, uma imagem fixa do passado, mas a construção de um mapa:

Diferente é o rizoma, mapa e não decalque. [...] O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói. [...] O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação. Uma das características mais importantes do rizoma talvez seja a de ter sempre múltiplas entradas. [...] Um mapa tem múltiplas entradas, contrariamente ao decalque que volta sempre "ao mesmo".³²²

Desse modo, as múltiplas entradas que emergem na obra do literato cubano, simbolizam não a impossibilidade de encontrar as respostas que procuramos, mas nossa capacidade de repensar a busca de forma estratégica, sempre que necessário. Por qual porta o protagonista deveria passar? O que diferencia uma da outra? O que distingue as realidades prometidas

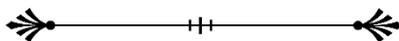
³²¹ FIGUEIREDO, Vera. O romance histórico contemporâneo na América Latina..., op. cit.

³²² DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995, p. 20-21.

adentro e aquela habitada afora? O que as aproxima? Caso entre, o que levar? Por que entrar? Quando? Com quem?

No desfecho, as questões suscitadas e não respondidas dizem respeito não só a Juan, mas ao leitor, cuja realidade não é menos rizomática. Aquele que, com os olhos, percorre a história do porteiro, tal qual o porteiro, sonha com as mesmas portas, delineia caminhos, marca com um “x” um ponto qualquer na superfície rabiscada, para depois, quem sabe, observar a mudança da posição do “x”, em dez metros ou dez anos. Página após página, tem de confrontar ainda seu próprio mundo, sentindo-se – ante a sociedade desigual em direitos – tanto homem quanto animal; e descobrindo, em relação aos que o circundam, ser tanto igual quanto diferente. Logo, em detrimento dos tradicionais “certo ou errado”, “céu ou inferno” e do implacável destino, a obra nos apresenta uma realidade construída como arranjo e rearranjo, edificação e demolição, metamorfose, isto é, política sem fim.

Considerações finais



As discussões desenvolvidas nessa dissertação tiveram como objetivo analisar a experiência exílica do intelectual cubano Reinaldo Arenas em terras estadunidenses. A partir da análise da literatura fantástica *El portero*, bem como, de seus testemunhos autobiográficos e epistolares, observamos a sua atuação nas redes de debate intelectual latino-americanas operantes na segunda metade do século XX, mais especificamente nos anos 1980.

Inicialmente, foram analisadas as relações estabelecidas entre os escritos de Arenas e as narrativas de outros marielistas. A partir do diálogo entre o individual e o coletivo, investigamos o engajamento e a aporia nos discursos promovidos pelos escritores que experienciaram o Êxodo de Mariel. Observamos que as produções intelectuais serviram não apenas à dessacralização do empreendimento revolucionário em Cuba, mas voltaram-se contra o projeto de mundo neoliberal que se consolidava nas políticas de Reagan.

Logo em seguida, escrutinamos o processo de reconstrução identitária dos marielitos. Apresentando as coerções narrativas no romance fantástico, verificamos as estratégias utilizadas pelo dissidente da nação revolucionária para se opor às estruturas de poder que legislavam sobre a experiência dos constituintes do êxodo. Notamos não apenas a contestação da autoridade dos argumentos discriminatórios aos quais os Marielitos foram submetidos, mas um jogo de alteridades, no qual essas identidades foram valorizadas a partir da afirmação de múltiplas fronteiras socioculturais.

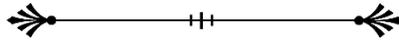
No último capítulo, o fantástico literário de Arenas é utilizado para demonstrar a resistência na aceitação de um projeto de mundo utópico desenhado pelos pensadores iluministas do século XVIII. A partir da negação de uma lógica maniqueísta, da recusa em aceitar um tempo fixo e um progressismo desenfreado em direção à uma conjuntura ideal, os escritos do intelectual apontam para a valorização de uma sociedade que se estruture a partir da percepção de poderes oblíquos, múltiplos, seja essa a realidade atual, ou qualquer outra que insurja, atravessando sua condição embrionária para sobrepujar o mundo capital.

Retomadas as questões levantadas no decorrer da escrita deste trabalho, que submetido ao campo historiográfico não poderia deixar de delimitar seu recorte temático, espacial e temporal – a saber, o cenário político no novo mundo sob a ótica da dissidência revolucionária, as Américas e a década de 1980 –, podemos nos deter agora a outra face da história, isto é, seu rosto anacrônico – figura que, por não subordinar-se às ações do tempo, é juvenil; e, por zombar de nossas pretensões de fidedigna cientificidade, bastante risonha. Ainda que todos os

problemas acima apresentados tenham sido submetidos ao rigor dos procedimentos e métodos, da análise e da demonstração, é importante observar que não foram casuais a escolha do objeto ou as estratégias narrativas. Veja como neste trabalho, que aborda a Revolução Cubana, a dissidência e o exílio, promove-se reflexões sobre a hostilidade aos estrangeiros, o preconceito aos homossexuais, o desamparo estatal e o desabrigo na modernidade. Nesse percurso literário, se as fronteiras físicas e metafóricas experienciadas por Arenas puderam ser exploradas, foi devido a intersecção com nossas próprias fronteiras. Se os gritos do passado, de algum modo, puderam ser ouvidos, foi pela imitação e reinvenção de nossas próprias cordas vocais – aquelas que prestes a serem enforcadas, degoladas, silenciadas, bradaram tão alto que com elas ecoaram outras vozes, de outros lugares e tempos.

Ao fim, a máscara de Borges – representação do símbolo e da metáfora –, serve tanto ao poeta quanto ao historiador, que, assumindo a performance e a criação, continua a apostar em um ofício que se pretende político, além de científico, atual, ainda que datado, disruptivo apesar de seletivo.

Documentos



Livros

ARENAS, Reinaldo, (1943- 1990). *Antes que anoiteça*. Tradução de Silvia de Souza Costa. Ed. 2. Rio de Janeiro: Record, 1995.

ARENAS, Reinaldo, (1943- 1990). *Cartas a Margarita y Jorge Camacho (1967- 1990)*. Sevilla: Point de lunettes, 2010.

ARENAS, Reinaldo, (1943-1990). *O porteiro*. Tradução de Silvia de Souza Costa. Rio de Janeiro: Record, 1995.

Legislações e Resoluções

CUBA. Lei nº 21, de 28 de dezembro de 1978. Institui o Código Penal. *Asamblea Nacional del Poder Popular de Cuba*, 1978. Disponível em: < <https://www.parlamentocubano.gob.cu/index.php/documento/codigo-penal/>>. Acesso em: 01 jul. 2020.

CUBA. *Resoluções do I Congresso Nacional de Educação e Cultura*. Tradução de Orlando Jóia e Lino Rojas Perez. Ed. 1. São Paulo: Editorial Livramento, 1980.

EUA. Lei nº 99-603, de 6 de novembro de 1986. U.S. Citizenship and Immigration Services, 1986. Disponível em: < <https://uscode.house.gov/statviewer.htm?volume=100&page=3359>>. Acesso em: 19 jul. 2021.

Edições de revista

MARIEL. Revista de literatura y arte. Nova York, NY. v. 1, n. 1. Primavera 1983. Disponível em: < <http://americalee.cedinci.org/portfolio-items/mariel/>>. Acesso em: 14 mar. 2022.

MARIEL. Revista de literatura y arte. Nova York, NY. v. 1, n. 2. Verano 1983. Disponível em: < <http://americalee.cedinci.org/portfolio-items/mariel/>>. Acesso em: 14 mar. 2022.

MARIEL. Revista de literatura y arte. Nova York, NY. v. 1, n. 4. Invierno 1984. Disponível em: < <http://americalee.cedinci.org/portfolio-items/mariel/>>. Acesso em: 14 mar. 2022.

MARIEL. Revista de literatura y arte. Nova York, NY. v. 1, n. 5. Primavera 1984. Disponível em: < <http://americalee.cedinci.org/portfolio-items/mariel/>>. Acesso em: 14 mar. 2022.

Discursos e entrevistas

CASTRO, Mariela. Uma nação socialista deve defender a igualdade de todos. 2 fev. 2013. Entrevista concedida ao Opera Mundi. Disponível em: <<https://operamundi.uol.com.br/politica>>

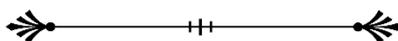
-e-economia/26925/sobre-homofobia-fidel-sempre-assumiu-responsabilidades-diz-mariela-castro>. Acesso em: 20 jan. 2020.

CUBA. Primeiro-ministro (Fidel Castro). Discurso proferido na cerimônia de encerramento do I Congresso da Juventude latino-americana, 6 ago. 1960. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f060860e.html>>. Acesso em: 13 abr. 2023.

CUBA. Primeiro-Ministro (Fidel Castro). Discurso proferido no evento de celebração do IV Aniversário da Integração do Movimento Juvenil Cubano. Cidade escolar “Abel Santamaria”, 21 out. 1964. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1964/esp/f211064e.html>>. Acesso em: 13 abr. 2023.

CUBA. Primeiro-ministro (Fidel Castro). Discurso pronunciado no encerramento do evento de comemoração do VI Aniversário do Assalto ao Palácio Presidencial. Universidad de la Habana, 13 mar. 1963. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f130363e.html>>. Acesso em: 13 abr. 2023.

Referência bibliográfica



Artigos em revistas

AVELAR, Alexandre de Sá. História, tempo presente e testemunho: ainda em torno dos limites da representação. *Revista Maracanan*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 8, p. 29-57, 2012. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/maracanan/article/view/12773>>. Acesso em: 22 ago. 2022.

AYERBE, Luís Fernando. A política externa dos Estados Unidos e a trajetória do desenvolvimento cubano. *Perspectivas*, São Paulo, v. 20/21, p. 197-221, 1997/1998. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/108127>>. Acesso em: 30 abril 2021.

AZEVEDO, Cecília. Imigração e identidade nacional nos EUA: notas sobre um debate. *Dimensões*, Vitória, n. 19, p. 73-94, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2458>>. Acesso em: 06 set. 2022.

BENSON, Devyn; CLEALAND, Danielle. Re-Narrating Mariel: black cubans, racial exclusion, and building community in Miami. *Anthurium*, Miami, v. 17, n. 2, p. 1-17, 2021. Disponível em: <<https://anthurium.miami.edu/articles/10.33596/anth.462/>>. Acesso em: 16 set. 2022.

BOYM, Svetlana. Mal-estar na nostalgia. *História da Historiografia*, n. 23, p. 153-165, 2017. Disponível em: <<https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1236>>. Acesso em: 16 ago. 2023.

BRUIT, Hector. A invenção da América Latina. *Anais Eletrônicos do V Encontro da ANPHLAC*, Belo Horizonte, 2000. Disponível em <http://antigo.anphlac.org/sites/default/files/hector_bruit.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2023.

BUSTAMANTE ESCALONA, Fernanda. De un habanero insilio insular al circuito editorial en la España tardofranquista: Paradiso (1966) de José Lezama Lima. *Anclajes*, v. 25, n. 2, p. 27-44, 2021. Disponível em: < <https://cerac.unlpam.edu.ar/index.php/anclajes/article/view/4712>>. Acesso em: 05 jun. 2023.

CHAPARRO, Nina; ESTEFAN VARGAS, Soraya. Imágenes de la diversidad. *Culturales*, Mexicali, v. 7, n. 14, p. 57-86, 2011. Disponível em <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-11912011000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 23 set. 2022.

CHARTIER, Roger. Literatura e história. *Topoi*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 197-216, 1999. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/topoi/a/QZRqTbVVPF8H4sXPyrP4RQ7M/?lang=pt>>. Acesso em: 21 jul. 2021

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ea/v5n11/v5n11a10.pdf> >. Acesso em: 26 jan. 2021.

COSTA, Adriane Aparecida Vidal. O boom da literatura latino-americana, o exílio e a Revolução Cubana. *Dimensões: Revista de História da UFES*, Vitória, v. 29, p. 133-164, 2012. Disponível em: < <https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/5535/0>>. Acesso em: 17 jul. 2022.

CUNHA, Teresa; LAURIS, Élide. À procura de um outro constitucionalismo económico: construindo a cidadania a partir de iniciativas de economia solidária e popular lideradas por mulheres do Sul. *Sociologias*, Porto Alegre, v.18, p. 150–175. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/15174522-018004306>>. Acesso em: 04 out. 2023.

DOLL CASTILLO, Darcie. La carta privada como práctica discursiva: algunos rasgos característicos. *Signos*, Valparaíso, v. 35, n. 51/52, p. 33-57, 2002. Disponível em: <https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-09342002005100003>. Acesso em: 23 mar. 2021.

DUANY, Jorge. Cuban Migration: A Postrevolution Exodus Ebbs and Flows. *Migration Information Source*, Miami, July 6, 2017. Disponível em: < <https://www.migrationpolicy.org/article/cuban-migration-postrevolution-exodus-ebbs-and-flows> >. Acesso em: 13 jul. 2021.

FARRET, Rafael Leporace e PINTO, Simone Rodrigues. América Latina: da construção do nome à consolidação da ideia. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 23, p. 30-42, 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2237-101X012023002>>. Acesso em: 27 set. 2022.

FIGUEIREDO, Vera. O romance histórico contemporâneo na América Latina. *Revista Brasil de Literatura*, v. 1, Rio de Janeiro, 1997. Disponível em: < <https://filipe.tripod.com/Vera.html>>. Acesso em: 2 jan. 2023.

FRANCISCO, Flávio Thales Ribeiro. Elementos do conservadorismo negro nos Estados Unidos: George Schuyler contra o movimento pelos direitos civis. *Revista de História*, n. 180, p. 1-26, 2021. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/167098>>. Acesso em: 4 jun. 2023.

FREITAS, Ualisson. Camadas do preconceito ou O quimérico resgate da virilidade: um estudo sobre a política de repressão aos homossexuais no contexto da Revolução Cubana. *Revista temporalidades*, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 473-499, 2021. Disponível em: < <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/29311> >. Acesso em: 19 set. 2022.

FRIEDMAN, Norman. O ponto de vista na ficção. *Revista USP*, São Paulo, n. 53, p. 166-182, 2002. Disponível em < <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/33195>>. Acesso em: 3 jan. 2023.

HINTZE, Gloria; ZANDANEL, María Antonia. Algunas nociones sobre el género epistolar a propósito de las cartas de Francisco Romero. *Cuyo*. Argentina, v. 29, n. 2, p. 13-33, 2012. Disponível em: <<https://bdigital.uncu.edu.ar/app/navegador/?idobjeto=5585>>. Acesso em: 28 mar. 2020.

JABLONKA, Ivan. O terceiro continente. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 19, n. 35, p. 9-17, 2017. Disponível em: < <https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/41248> >. Acesso em: 18 jan. 2023.

JENSEN, Silvina. Sobre La política del destierro y el exilio en América Latina de Mario Sznajder y Luis Roniger: hacia un enfoque sociopolítico, macrohistórico y teórico-analítico del problema. *Historia, Voces y Memoria*, n. 8, p. 13-20, 2015. Disponível em: <<http://revistas.cientificas.filo.uba.ar/index.php/HVM/article/view/1660>>. Acesso em: 19 mai. 2021.

LACAPRA, Dominick. Rethinking Intellectual History: Texts, Contexts, Language. *History and Theory*. v. 19, n. 3, p. 245-276, 1980. Disponível em: < <https://www.jstor.org/stable/2504544>>. Acesso em: 7 abr. 2023.

MARCO, Valeria de. A literatura de testemunho e a violência de Estado. *Lua Nova*, São Paulo, n. 62, p. 45-68, 2004. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ln/n62/a04n62.pdf> >. Acesso em: 26 jan. 2021.

MARQUES, Rickley Leandro. O papel dos intelectuais na revolução cubana: o caso Padilla. *Em Tempo de Histórias*, n. 13, p. 105-123, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/view/20030>>. Acesso em: 24 out. 2022.

MCVEIGH, Rory. Structural Incentives for Conservative Mobilization: Power Devaluation and the Rise of the Ku Klux Klan (1915–1925). *Social Forces*, v. 77, n. 4, p. 1461-1496, 1999.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A fotografia como documento: sugestões para um estudo histórico. *Tempo*, n. 14, p. 131-151, 2003. Disponível em: < <https://repositorio.usp.br/item/001342304>>. Acesso em: 03 abr. 2023.

MESA, Sergio Chaple. A literatura cubana na época da Revolução. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 25, n. 72, p. 131-144, 2011. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/ea/a/88cZJH3FcZcjrJpDydLRTc/?lang=pt> > Acesso em: 22 jul. 2020.

MISKULIN, Silvia Cezar. A política cultural na Revolução Cubana: as disputas intelectuais nos anos 1960 e 1970. *Caderno CRH*, v. 32, n. 87, p. 537-548, 2019. Disponível em: < <https://www.redalyc.org/journal/3476/347663003006/html/> >. Acesso em: 18 jan. 2023.

MISKULIN, Silvia Cezar. O ministro Che Guevara e a gestão econômica e empresarial em Cuba. *Novos Rumos*, São Paulo, n. 45, p. 45-48, 2006. Disponível em: <<https://revistas.mari lia.unesp.br/index.php/novosrumos/article/view/2126>>. Acesso em: 24 jan. 2021.

MISKULIN, Silvia Cezar. Outro olhar sobre a Revolução Cubana: a trajetória e obra de Reinaldo Arenas na revista Vuelta. *Revista brasileira do Caribe*: Revista do Centro de Estudos do Caribe no Brasil, Brasília, v. 10, n. 19, p. 191-208, 2009. Disponível em: <<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/rbrascaribe/article/view/2200>>. Acesso em: 24 jan. 2021.

PEREIRA, Paulo Roberto. A ilha da utopia na Baía de Guanabara: de Vespúcio a Pigafetta. *Revista Brasileira de História*, v. 42, n. 89, p. 221-238, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1806-93472022v42n89-11>>. Acesso em: 29 ago. 2023.

PINTO, Júlio Pimentel. Do fingimento à imaginação moral: diálogos entre história e literatura. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 25-42, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tem/a/Wjx9bsNBkk6gz3fCXXKdKpqc/?lang=pt>>. Acesso em: 27 jun. 2022.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278>>. Acesso em: 22 ago. 2022.

RIBAS, Jorge Luiz Teixeira. A Velha Rosa no jardim da Revolução: tensões culturais, homossexualidade e autoritarismo em Cuba. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, n. 31, p. 293-319, 2021. Disponível em: <<http://revista.anphlac.org.br>> Acesso em: 5 jun. 2023.

RIBAS, Jorge Luiz Teixeira. Cartas da Revolução Cubana: Reinaldo Arenas antes do exílio Mariel. *Revista Eletrônica Da ANPHLAC*, n. 24, p. 219-252, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.46752/anphlac.24.2018.2950>>. Acesso em: 12 jul. 2022.

RODRIGUEZ, Justo Alberto Chávez. A educação em Cuba entre 1959 e 2010. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 25, n. 72, p. 45-54, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340142011000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 22 mar. 2020.

RODRÍGUEZ, Miriam. Las relaciones Cuba-Estados Unidos: migración y conflicto. *Centro de Estudios de Migraciones Internacionales*, La Habana, Cuba, p.1-13, 2003. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/cuba/cemi/cuba_eeuu.pdf>. Acesso em: 26 set. 2022.

ROLLEMBERG, Denise. Exílio: refazendo identidades. *História Oral*, Rio de Janeiro, v. 2, p.39-73, 1999. Disponível em: <<https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/9>>. Acesso em: 29 jun. 2022.

SELIGMANN-SILVA, Marcio. O local do testemunho. *Tempo e argumento*, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 3-20, 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/1894/1532>>. Acesso em: 26 jan. 2021.

SERRANO LORENZO, Yanesy de la Caridad. La Federación de Mujeres Cubanas y su labor con las familias. *Trabalhos sociológicos*, Bogotá, v. 20, n. 2, p. 59-60, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S225654932018000200055&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 23 mar. 2020.

SILVA, Maria Guadalupe. Siempre en otra parte: Reinaldo Arenas. *VII Congreso Internacional Orbis Tertius de Teoría y Crítica Literaria*, La Plata, 2009. Disponível em: <http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.3619/ev.3619.pdf>. Acesso em: 24 abril 2023.

SOTO, Francisco. Una alucinante fábula moderna. *INTI Revista de literatura hispánica y transatlântica*, v. 1, n. 32, p. 106-117, 1990. Disponível em <<https://digitalcommons.providence.edu/inti/vol1/iss32/11/>>. Acesso em: 15 fev. 2023.

TAHBAZ, Joseph. Demystifying las UMAP: the politics of sugar, gender, and religion in 1960s Cuba. *Delaware Review of Latin American Studies*. v. 14, n. 2, 2013. Disponível em: <<https://udspace.udel.edu/handle/19716/19725>>. Acesso em: 15 maio 2021.

TOZZI, Verónica. The epistemic and moral role of testimony. *History and Theory*, Middletown, v. 51, n. 1, p. 1-17, 2012. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/41342629>>. Acesso em: 18 jan. 2023.

VALERO, Roberto. El portero de Reinaldo Arenas. *Vuelta*, v.114, n. 160, p. 28-29. Disponível em: <https://letraslibres.com/wp-content/uploads/2016/05/Vuelta-Vol14_160_09Libr.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2023.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Intelligentsia e intelectuais: sentidos, conceitos e possibilidades para a história intelectual. *Revista brasileira de História da Educação*, Maringá, n. 16, p. 63-85, 2008. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38588>>. Acesso em: 20 ago. 2022.

Livros e Capítulos

ANDERSON, Perry. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, Emir; GENTILI, Pablo. *Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 9-23.

ANKERSMIT, Franklin Rudolf. *A escrita da História: a natureza da representação histórica*. Tradução de Jonathan Menezes. Ed. 2. Londrina: Eduel, 2012.

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Marcia. *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Tradução de Jacy Alves de Seixas. Ed. 2. Campinas: Editora da Unicamp, 2004, p. 15-36.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

AYERBE, Luís Fernando. *Estados Unidos e América Latina: a construção da hegemonia*. Ed. 1. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. Ed. 3. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENTIVOGLIO, Julio. *História & distopia: a imaginação histórica no alvorecer do século 21*. Ed. 2. Vitória: Editora Milfontes, 2019.

BERNARD, Carmen; GRUZINSKI, Serge. 1492. In: *História do Novo Mundo: da descoberta à conquista, uma experiência europeia (1492-1550)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001, p. 65-100.

BOURDIEU, Pierre. Campo intelectual e projeto criador. In: POUILLON, Jean [et al.]. *Problemas do estruturalismo*. Tradução de Rosa Maria Ribeiro da Silva. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, p. 105-145.

BUTLER, Judith. Identidade, sexo e metafísica da substância. In: BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 37-48.

CARDOSO, João Batista. Da história para a literatura: migração e identidade na ficção latino-americana. In: MUYLAERT, Joana Luíza; SANTOS, Regma Maria; RIBEIRO, Ivan Marcos. *Literatura e História: da instituição das disciplinas as releituras do cânone*. Uberlândia: EDUFU, 2011, p. 255-272.

CHARBEL, Felipe. O historiador face a ficção. In: MEDEIROS, Bruno [et al.]. *Teoria e Historiografia: debates contemporâneos*. São Paulo: Paco Editorial, 2015, p. 15-33.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs - Capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

FERREIRA, Antônio Celso. Literatura, a fonte fecunda. In: LUCA, Tania Regina de; PINSKY, Carla Bassanezi. *O Historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2013, p. 61-92.

FERREIRO, Héctor. Causalidade, Substância e Subjetividade Absoluta: A Superação Hegeliana do Dualismo entre Determinismo e Liberdade. In: UTZ, Konrad; BAVARESCO, Agemir; KONZEN, Paulo. *Sujeito e Liberdade: investigações a partir do idealismo alemão*. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2012, p. 129-143. Disponível em: < <https://repositorio.uca.edu.ar/handle/123456789/12448> >. Acesso em: 17 mar. 2023.

FOUCAULT, Michel. Aula de 17 de março de 1976. In: FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 293-294.

FREITAS NETO, José Alves. *Percorrendo o vazio: intelectuais e a construção da Argentina no século XIX*. São Paulo: Intermeios, 2021.

FUGUET Alberto; GÓMEZ, Sergio. *Mc Ondo*. Barcelona: Mondadori, 1996.

GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. Tradução de Sergio Faraco – Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.

GALLAGHER, Catherine. Ficção. In: MORETTI, Franco. *O Romance I: a cultura do romance*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2009, p. 629-658.

GRUZINSKI, S. A cristianização do imaginário. In: GRUZINSKI, S. *A colonização do imaginário: sociedades indígenas e ocidentalização no México espanhol, séculos XVI-XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 271-294.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Ed. 11. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HEIDEGGER, Martin. A obra e a verdade. In: HEIDEGGER, Martin. *A origem da obra de arte*. Tradução de Maria da Conceição Costa. Lisboa: Edições 70 Ltda., 2005, p. 30-46.

HUTCHEON, Linda. Metaficção historiográfica: o passatempo do tempo passado. In: HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção*. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1999, p. 141-163.

ISER, Wolfgang. O fictício e o imaginário. In: ROCHA, J.C.C. *Teoria da ficção: indagações à obra de Wolfgang Iser*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, p. 65-77.

ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional, In: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da literatura em suas fontes*. Ed. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 955-985.

JOZEF, Bella. *A máscara e o enigma*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2006.

KOSELLECK, Reinhart. “Espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”: duas categorias históricas. In: KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Tradução de Wilma Maas e Carlos Pereira. Ed. 1. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2006, p. 305-327.

LEENHARDT, Jacques. Fronteiras, fronteiras culturais e globalização. In: MARTINS, Maria Helena. *Fronteiras culturais: Brasil, Uruguai, Argentina*. Tradução de Sandra Pesavento. Cotia, São Paulo: Ateliê editorial, 2002, p. 27-34.

LEJEUNE, Philippe. O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes; Organização de Jovita Maria Gerheim Noronha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LUKÁCS, György. *Existencialismo ou marxismo*. São Paulo: Senzala, 1967.

MISKULIN, Sílvia Cezar. História, literatura e homossexualidade em Cuba: o caso de Virgílio Piñera. In: COSTA, Adriane Vidal e BARBO, Daniel. *História, literatura e homossexualidade*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013, p. 129-153.

MOISÉS, Massaud. *A Análise Literária*. Ed. 19. São Paulo: Cultrix, 2014.

PRADO, Giliard S. *A construção da memória da Revolução Cubana: a legitimação do poder nas tribunas políticas e nos tribunais revolucionários*. Curitiba: Appris, 2018.

REIS, José Carlos. *História & teoria: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade*. Ed. 3. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

RICOEUR, Paul. O esquecimento e a memória manipulada. In: RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François. Campinas: Editora Unicamp, 2007, p. 455-459.

ROUSSEAU, Jean-Jaques. *O contrato social*. Tradução Antônio de Pádua Danesi. Ed. 3. São Paulo: Martin fontes, 1996.

SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 46-60.

SAID, Edward. *Representações do intelectual: As Conferências Reith de 1993*. Tradução de Milton Hatoum. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2005.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Tradução de Rosa Freire d'Aguilar. São Paulo: Companhia das letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Tradução de Rita Correia Guedes. Paris: Les Éditions Nagel, 1970.

SASTRE, Luciane Irene. Os sentimentos do descumprimento. Do realismo mágico ao realismo virtual na narrativa latino-americana. In: MORAES, Alexandre; SCARDINO, Rafaela (Orgs.). *Traços de um outro mapa: literatura contemporânea nas Américas*. Vitória: EDUFES, 2013.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Tradução de Dora Rocha. Ed. 2. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 231-271.

TRAVERSO, Enzo. Usos políticos do passado. In: TRAVERSO, Enzo. *O passado, modos de usar: história, memória e política*. Lisboa: Edições Unipop, 2012, p. 109-128.

TURIN, Rodrigo. Presentismo, neoliberalismo e os fins da história. In: AVILA, Arthur; NICOLAZZI, Fernando; TURIN, Rodrigo. *A História (in)Disciplinada: Teoria, ensino e difusão de conhecimento histórico*. Ed. 1. Vitória: Milfontes, 2019, p. 245-271.

WHITE, Hayden. As ficções da representação factual. In: WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: EDUSP, 1994, p. 137-151.

WHITE, Hayden. O texto histórico como artefato literário. In: WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: EDUSP, 1994, p. 97-116.

Teses e dissertações

AZEVEDO, Tarcio Vancim de. *Reinaldo Arenas e Heberto Padilla: memórias dissidentes à Revolução Cubana no caso do Socialismo Soviético*. 2014. 200 f. Dissertação (Mestrado em História). UNESP, Franca, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/121964>>. Acesso em: 19 fev. 2021.

COSTA, Adriane Aparecida Vidal. *Intelectuais, política e literatura na América Latina: o debate sobre a revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa (1958-2005)*. 2009. 413 f. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/VCSA-9NBHUX>>. Acesso em: 24 mar. 2021.

DRUMMOND, Caroline Maria Ferreira. *Exílio, literatura, intelectuais e política em "Mariel - Revista de Literatura y Arte" (1983-1985)*. 2018. 203 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/BUOS-B9BHNZ>>. Acesso em: 1 mai. 2021.

FONSECA PORRES, Ángela Margarita. *Características de la narrativa latinoamericana del Posboom en la novela El portero de Reinaldo Arenas*. 2006. 133 f. Tesis (Letras). Universidad San Carlos de Guatemala, Guatemala, 2006.

MARQUES, Rickley Leandro. *A condição Mariel: memórias subterrâneas da experiência revolucionária cubana (1959-1990)*. 2009. 276 f. Tese (Doutorado em História). Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/4253/1/2009_RickleyLeandroMarques.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2021.

MENDES, Bruna Alves Carvalho. *Grito, logo existo: Reinaldo Arenas, o rebelde (1943-1990) [manuscrito]* / Bruna Alves Carvalho Mendes. 2019. 105 f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/10371>>. Acesso em: 22 jun. 2022.

RIBAS, Jorge Luiz Teixeira. *Reinaldo Arenas: revolução, nação e homossexualidade em Cuba (1959-1980)*. 2018. 187 f. Dissertação (Mestrado em História). UNIMONTES, Montes Claros, 2018. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7562030>. Acesso em: 29 abr. 2021.

ROMERO, Montserrat Sánchez. *Una casa erosionada: teologías de lo sensible en El portero de Reinaldo Arenas*. 2021. 165 f. Tesis (Estudios latinoamericanos). Universidad Nacional Autónoma de México, México, 2021.

SADDI, Rafael. *O ascetismo revolucionário no movimento 26 de julho: o sacrifício e o corpo na Revolução Cubana*. 2009. 208 f. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tde/1232>>. Acesso em: 11 abr. 2023.

TEYSSEN, Stéphanie Panichelli. *La pentagonía de Reinaldo Arenas: un conjunto de novelas testimoniales y autobiográficas*. 2005. 665 f. Tesis (Doctorado en filología). Universidad de Granada, Espanha, 2005.

VIEIRA, Felipe de Paula Góis. *De Macondo a McOndo: os limites do Real Maravilhoso como discurso de representação da América Latina (1947-1996)*. 148 f. Dissertação (Mestrado em História). UNICAMP, Campinas, 2012.